



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E  
SOCIEDADE – PPGCom-UFT

**TELEJORNALISMO REGIONAL: O PERCURSO HISTÓRICO DO TELEJORNAL  
BOM DIA TOCANTINS**

Palmas (TO), agosto de 2021.

**ADRIANO NOGUEIRA DA FONSECA**

**TELEJORNALISMO REGIONAL: O PERCURSO HISTÓRICO DO TELEJORNAL  
BOM DIA TOCANTINS**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins – UFT para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Edna de Mello Silva

Palmas (TO), agosto de 2021.

## FICHA CATALOGRÁFICA

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

- F676t Fonseca, Adriano Nogueira da.  
Telejornalismo regional: o percurso histórico do telejornal Bom Dia Tocantins. / Adriano Nogueira da Fonseca. – Palmas, TO, 2021.  
131 f.
- Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação ( Mestrado) em Comunicação e Sociedade, 2021.  
Orientadora : Edna de Mello Silva
1. Televisão. 2. Telejornalismo. 3. História. 4. Audiovisual. I. Título

**CDD 302.2**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

ADRIANO NOGUEIRA DA FONSECA

**TELEJORNALISMO REGIONAL: O PERCURSO HISTÓRICO DO TELEJORNAL  
BOM DIA TOCANTINS**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e Sociedade e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Banca Examinadora

---

Prof. Dra. Edna de Mello Silva, UNIFESP, orientadora

---

Prof. Dra. Valquiria Aparecida Passos Kneipp, UFRN

---

Prof. Dra. Liana Vidigal Rocha, UFT

Eu percebi logo diante do comportamento das pessoas nativas e das que estavam ali morando, que as pessoas exigiam um tratamento que fosse identificado com as necessidades, o perfil e a história daquele povo, que estava extremamente motivado pela emancipação conseguida. O alinhamento com as questões de Goiás não cabia mais naquilo. Então, nós, no meu esforço, junto com todas as pessoas que estavam lá, pioneiros, era de criar condições para começar a ter um noticiário. Criar condições para que o Estado (do Tocantins) tivesse a sua própria personalidade jornalística.

-- Luiz Fernando Rocha Lima (2021)

## DEDICATÓRIA

A Deus!

Por Sua generosidade. Por me ter permitido realizar esse projeto. Materializar um desejo ainda da graduação. A Ele toda a minha honra, minha glória, minha devoção.

À minha amada Quesinha.

Esposa, companheira, amiga, parceira, inspiração.

Amo-te por demais.

## AGRADECIMENTOS

As palavras ainda serão poucas para agradecer a minha querida orientadora, a professora doutora – que aqui faço questão de destacar com letras maiúsculas – EDNA DE MELLO, por todo apoio, direcionamento, cuidado, atenção, zelo. Por toda vida, minha gratidão. Obrigado! Muito, muito obrigado!

Agradeço a todos os mestres e doutores que ajudaram no meu retorno à academia depois de tantos anos apenas no mercado. Ao lembrar das aulas e das trocas de experiência, vem à mente o quanto isso está sendo importante para o meu trabalho na redação.

Falando nisso, tem muitos amigos de vida e colegas de profissão para agradecer. Não vou conseguir nomear todos, mas não poderia deixar de mencionar alguns (em ordem alfabética, é claro! rs): Adriana Rocha Resende, Antoniel, Alessandra, Aurora, Brenda, Denise, Deuzaru, Dhenia, Elaine, Elis, Fernandin, Hudson, Jean, Jocy, Léya Santana, Marcel, Marcela Pinheiro, Marcelo Rodrigues, Noira, Pepêu, Sandro, Shel, Sydney, o super Reginaldo, Rimenes, Tainne e o mestre Tião Pinheiro.

Gratidão ao conselho de diretores da TV Anhanguera do Tocantins e de Goiás, ao abrir as portas a um então recém-formado e, a partir daí, me permitir exercer o ofício de telejornalista há exatos 18 anos.

Aos comunicadores e técnicos que generosamente investiram tempo ao rememorar vivências e experiências que foram decisivas para a escrita deste material e, como retribuição, humildemente buscarei inserir suas vozes, antes omitidas na história oficial do percurso do telejornalismo tocantino. Aqui destaco todos eles: Ana Paula Rehbein, Aurora Fernandes, Carlos Gomes (o Carlão), Cléo Oliveira, Davi Golveia, Graziela Guardiola, Jesana de Jesus, Jocyelma Santana, Leane Macedo, Luiz Fernando Rocha Lima, Marcel de Paula, Marcelo Pereira, Maria Eloisa de Almeida, Noira Botelho, Shelsea Lima, Sidinei Madalena, Vanusa Bastos e Wagner Feitosa.

Seria até desrespeitoso, para não dizer injusto, deixar de agradecer a minha amiga querida de jornada e de luta, a jornalista Aurielly Painkonw. Foram trocas recíprocas de incentivo, de torcida e de boas broncas. Um ‘parágrafo’ só pra você, viu? rs

Nunca poderei agradecer o suficiente a minha Quesinha, esposa amada, que deixou – por incontáveis vezes – de descansar para cuidar da casa, dos afazeres e dos nossos bebês Luiz Arthur e Ana Luiza, enquanto me dedicava a este trabalho. Gratidão também a minha querida sogra, a vovó Lide, que ajudou a deixar o fardo mais leve.

Aos meus pais, que tanto amo, Dona Manu e Seu Tael, por estarem pertinho da gente.  
Pela força dos meus cunhados, Jackson e Jeane, e dos meus irmãos, Juliana e Flaviano.

Valeu, família!

Valeu, amigos!

Valeu, gente!

Foi mesmo:  
**ROMPENDO EM FÉ!**



## RESUMO

FONSECA, Adriano Nogueira da. **Telejornalismo regional: o percurso histórico do telejornal Bom Dia Tocantins**. 131 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Comunicação e Sociedade - PPGCom) - UFT, Palmas/TO, 2021.

A pesquisa apresenta o resgate da memória do telejornalismo tocantinense ao dar voz aos personagens da comunicação que participaram da construção do telejornal Bom Dia Tocantins, durante a implantação, em 1992, e ainda nos anos de 2009 e 2019. Há quase 30 anos no ar, o matinal faz parte da grade fixa da programação da TV Anhanguera, afiliada à TV Globo no Tocantins, tendo se mantido, desde então, como o jornalístico local com maior tempo de duração. A partir da metodologia da história oral, segundo a proposta de Meihy (2005), foram produzidas entrevistas com jornalistas e membros da equipe técnica para que fosse traçada a narrativa do percurso histórico do noticioso e identificadas as mudanças ocorridas quanto a técnica e linguagem, no intervalo de uma década. Para analisar os espelhos do telejornal, utiliza-se Análise de Conteúdo de Bardin (2011). A pesquisa também contou com revisão de bibliografia sobre televisão, conceito, história e epistemologia do telejornalismo. Constatou-se que a chegada do telejornal foi uma resposta à cobrança da comunidade por mais espaços na mídia e assuntos exclusivamente locais. Além disso, o estudo confirmou que o avanço tecnológico e a mudança de linguagem possibilitaram mais proximidade com o público.

**Palavras-chave:** Comunicação. Televisão. Telejornalismo. História. Audiovisual.

## ABSTRACT

FONSECA, Adriano Nogueira da. **Regional television journalism: the historical journey of the Bom Dia Tocantins television news program.** 131 f. Dissertation (Academic Masters in Communication and Society - PPGCom) - UFT, Palmas/TO, 2021.

The investigation seeks to develop or rescue the memory of Tocantins telejournalism to give voice to the communicators who participate in the construction of the television news program Bom Dia Tocantins during its implementation in 1992 and in 2009 and 2019. Almost 30 years have passed, or morning, man part of the fixed schedule of the TV program Anhanguera, affiliated with TV Globo in Tocantins, having maintained itself, since then, as a longer-lasting local newspaper. Based on the methodology of oral history, as proposed by Meihy (2005), interviews with journalists and members of the technical team are produced in such a way that they are traced to a narrative of the historical path of the news and identified as changes or races in terms of technique and language, within a decade. For the analysis of the TV news mirrors, we used the content analysis of Bardin (2011). The research also includes a review of the bibliography on television, music, history and telejournalism epistemology. It was found that the arrival of the TV news was a response to the community's demand for more space in the media and exclusively local issues. In addition, the study confirmed that technological advances and the change in language made it possible to get closer to the public..

**Keywords:** Communication. Television. Television journalism. History. Audio-visual.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Classificação das emissoras quanto a potência dos transmissores.....	27
Quadro 2 – Emissoras que contavam com programações locais e que encerraram as atividades em Palmas.....	38
Quadro 3 – Emissoras locais que transmitem canal aberto em Araguaína.....	39
Quadro 4 – Fases do Telejornalismo.....	45
Quadro 5 – 1992 – Implantação do BDT, que substituiu o Bom Dia Goiás.....	56
Quadro 6 – 2009 – O telejornal era transmitido da capital para o todo o Tocantins.....	56
Quadro 7 – 2019 – O telejornal passa a ter duas horas de produção local e muda a linguagem...56	
Quadro 8 – Estratégias de trabalho.....	59
Quadro 9 – Avaliação da edição em vídeo do Bom Dia Tocantins.....	61

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Espelho do Bom Dia Tocantins.....	60
Figura 2 – Cronologia de alteração no tempo de produção do Bom Dia Tocantins.....	63
Figura 3 – Mapa de cobertura da TV Anhanguera Tocantins.....	63
Figura 4 – Revezamento de equipes de Goiânia para acompanhar a construção de Palmas.....	66
Figura 5 – Sala de operação da TV Anhanguera de Araguaína.....	69
Figura 6 – Carlos Gomes recém integrante da equipe de reportagem da TV Anhanguera.....	72
Figura 7 – Diretor Geral da OJC no Tocantins, Luiz Fernando Rocha Lima.....	75
Figura 8 – Equipamento U-Matic usados pela TV Anhanguera na década de 1990.....	76
Figura 9 – Edição linear utilizada na TV Anhanguera do Tocantins.....	79
Figura 10 – Maria Eloisa Almeida acumulava outras funções, como a reportagem.....	82
Figura 11 – Vanusa Bastos no início da carreira.....	88
Figura 12 – Superintendente do Sebrae no Tocantins é entrevistado em janeiro, maio e junho de 2009.....	89
Figura 13 – Mudança de estúdio realizada em março de 2009.....	92
Figura 14 <sup>1</sup> – Arte cartela com informações da meteorologia usada no BDT.....	93
Figura 15 – Cartela usada pelo BDT para divulgar vagas de emprego oferecidas pelo Sine....	94
Figura 16 – Tião Pinheiro apresentando os destaques do JTO.....	98
Figura 17 – Thalita Tavares apresenta as notícias do esporte no BDT.....	98
Figura 18 – Marcelo Pereira na abertura do BDT com uma caneca na mão.....	101
Figura 19 – Jesana de Jesus durante os destaques do G1 Tocantins no BDT.....	103
Figura 20 – Reportagens utilizam da tecnologia para melhor ilustração.....	105
Figura 21 – BDT ensina receita de pizza de pequi.....	107
Figura 22 – Bom Dia Emprego.....	107
Figura 23 – Marcelo Pereira e Jesana de Jesus apresentam o Quadro #ToNoBDT.....	109
Figura 24 – Marcelo Pereira e Taianne Moreira apresentam as notícias do esporte no BDT..	110
Figura 25 – Previsão do tempo ganha novo formato.....	111
Figura 26 – Especialista fala sobre causa e sintomas do calazar no BDT.....	112

---

<sup>1</sup> Formato de exibição das informações sobre a previsão em algumas regiões do Tocantins.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Tempo de duração do BDT .....	115
Gráfico 2 – Entrevistas em estúdio.....	115
Gráfico 3 – Reportagens gravadas.....	116
Gráfico 4 – Entradas ao vivo de repórteres.....	117
Gráfico 5 – Divulgação de vagas ofertadas pelo Sine.....	117
Gráfico 6 – Informações sobre o tempo.....	118
Gráfico 7 – Quadros presentes no BDT.....	119

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2 TELEVISÃO: TRANSIÇÕES E PROXIMIDADES.....</b>	<b>16</b>
2.1 Televisão: aproximações teóricas.....	16
2.2 A televisão no Brasil: uma iniciativa do capital privado.....	19
2.3 O processo de regionalização da Televisão.....	24
2.4 A chegada da TV no cerrado.....	29
2.5 A multiplicação das antenas de transmissão pelo Tocantins.....	36
<b>3 TELEJORNALISMO: A NOVA PRAÇA PÚBLICA.....</b>	<b>41</b>
3.1 Telejornalismo: uma definição nada simplista.....	41
3.2 O telejornalismo em fases: uma evolução constante.....	44
<b>4 METODOLOGIA.....</b>	<b>52</b>
4.1 Aplicação metodológica.....	54
4.2 Outros instrumentos.....	58
<b>5 A CONSTRUÇÃO DE UM TELEJORNAL REGIONAL: BOM DIA TOCANTINS..</b>	<b>62</b>
5.1 Abrangência.....	62
5.2 Contexto histórico.....	64
5.3 Equipamentos.....	75
5.4 BDT no ar.....	80
<b>6 O BOM DIA TOCANTINS EM DOIS MOMENTOS: 2009 E 2019.....</b>	<b>86</b>
6.1 Pontuando percurso histórico I.....	86
6.2 Bom Dia Tocantins em 2009.....	87
6.3 Pontuando percurso histórico II.....	99
6.4 BDT em 2019.....	100
6.5 Checando os espelhos de 2009 e 2019.....	114
6.6 Reflexo dos espelhos.....	119
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>121</b>
<b>REFERENCIAS.....</b>	<b>124</b>
<b>Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....</b>	<b>131</b>
<b>Apêndice B – Roteiro de entrevista.....</b>	<b>133</b>
<b>Apêndice C – Entrevistas realizadas.....</b>	<b>134</b>
<b>Anexo A – Termo de Consentimento da TV Anhanguera.....</b>	<b>136</b>
<b>Anexo B – Parecer de Aprovação do Conselho de Ética em Pesquisa com Humano.....</b>	<b>137</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A televisão sempre teve um papel importante nas discussões da sociedade e, diferentemente do que se previu com o advento da internet, tem ganhado espaço com a abordagem de assuntos da atualidade e de um interesse público coletivo, transmitindo informação com linguagem clara. “Quase ninguém imaginava que a televisão se tornaria uma plataforma e vitrine ainda melhor para o entretenimento convencional, com um começo, meio e fim” (WOLFF, 2015, p. 29).

Ao escrever o livro *Televisão é a nova televisão*, Wolff explica o processo da revolução midiática global e as transformações previstas para a indústria da comunicação com a era digital. No entendimento de Wolff (2015), além de não ter acabado, a televisão está impondo a forma de evolução do mercado. “Entre todas as apostas a serem feitas, talvez a menos segura – e a aposta que destrói a esperança digital de abocanhar uma parcela significativa do faturamento da televisão – seja que as pessoas não vão parar de assistir à TV, mesmo que parem de assistir TV” (WOLFF, 2015, p. 29).

Como descreve o autor, a chegada das novas tecnologias evidenciou o protagonismo da televisão, contrariando profecias que decretavam o fim da mídia tradicional, gerando um certo conflito, já que “em um desenvolvimento que deve ser confuso para qualquer futurista, a televisão, ao demandar mais, e não menos, atenção individual diária, tem permanecido quase que totalmente como um dispositivo de entretenimento” (WOLFF, 2015, p. 105).

O argumento pode ser confirmado no recente levantamento feito pela Kantar IBOPE Media<sup>2</sup> – empresa que analisa a indústria da audiência no Brasil. Ao medir consumo, desempenho e investimento em mídia, a pesquisa apontou que o brasileiro investiu tempo na relação com a televisão em 2020, ao analisar 15 regiões metropolitanas do País. Os dados revelaram que cerca de 204 milhões de telespectadores brasileiros ficaram sete horas e nove minutos em frente à TV, contabilizando 37 minutos a mais de tempo, do que em 2019. Esse foi o melhor desempenho dos últimos cinco anos<sup>3</sup>.

A pesquisa da Kantar IBOPE Media revelou ainda que alguns comportamentos contribuíram para o desempenho positivo da televisão, como a busca por notícias sobre o avanço do Novo Coronavírus (SARS-CoV-2), declarado como pandemia pela Organização

---

2 Home Page: <https://www.kantaribopemedia.com/>. Acesso em: 3 abr. 2021.

3 HÁBITO de ver conteúdo em vídeo é destaque em todo o Brasil em 2020. Disponível em: [www.kantaribopemedia.com/habito-de-ver-conteudo-em-video-e-destaque-em-todo-o-brasil-em-2020/](http://www.kantaribopemedia.com/habito-de-ver-conteudo-em-video-e-destaque-em-todo-o-brasil-em-2020/). Acesso em: 3 abr. 2021.

Mundial de Saúde (OMS)<sup>4</sup>, em março de 2020. A mudança na grade de produção da TV fez com que os gêneros jornalísticos, além dos filmes, novelas e *realities shows*, ganhassem mais tempo no ar, tirando espaço de programas de auditório e campeonatos de futebol. Ressalta-se que somente as produções jornalísticas mantiveram suas atividades, apesar das restrições de distanciamento e imposição de lockdown<sup>5</sup>.

Devido isso, o telejornalismo nacional e o local precisaram lançar mão de toda tecnologia disponível para apresentar notícia de interesse público. Entre os jornalísticos que se reinventaram na forma de levar informação está o Bom Dia Tocantins, objeto desta pesquisa. O telejornal matinal faz parte da grade fixa da TV Anhanguera, afiliada da TV Globo, desde o dia 4 de maio de 1992 e que, desde a estreia, vem sofrendo alteração no tempo de duração ao vivo – passando de 30 minutos para as atuais duas horas e meia. A proposta deste trabalho é justamente apresentar um percurso histórico do telejornal, a partir da implantação e seguindo com as transformações vivenciadas dentro de algumas das fases do telejornalismo brasileiro, ao analisar os anos de 2009 e 2019. Ressalta-se que este pesquisador é funcionário da emissora desde 14 de agosto de 2003 e recebeu autorização da empresa para ter acesso a documentos e arquivos audiovisuais.

No segundo capítulo desse trabalho, intitulado “**Televisão: transições e proximidades**”, relembramos conceitos teóricos sobre a influência e o papel da televisão no ambiente social e cultural. Quanto aos aspectos históricos, a trilha percorrida da chegada televisão no país, incluindo as primeiras transmissões, formatos, o início da medição de audiência, o processo de industrialização nacional dos televisores, a participação da ditadura militar. Também abordamos o processo de expansão das emissoras pelo interior do país, com destaque à TV Anhanguera, presente no Tocantins antes mesmo da criação do Estado, além de um panorama das empresas do ramo da comunicação televisiva que, a partir da década de 1990, passaram a investir em produção de conteúdo local.

No terceiro capítulo, “**Telejornalismo: a nova praça pública**”, resgatamos a trajetória do telejornalismo nacional caminhando ao mesmo tempo com conceitos teóricos da prática telejornalística. Neste aspecto é apresentada a epistemologia do telejornalismo (SILVA, 2018) – dividida em seis fases: falado, reportado, *all news*, convergente, expandido e imersivo.

---

4 Disponível em: <https://www.who.int/eportuguese/publications/pt/>. Acesso em: 3 abr. 2021.

<sup>5</sup> Lockdown: termo em inglês que vem sendo usado para descrever medida de fechamento de regiões na pandemia de Covid-19 par obrigar o isolamento social. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/06/entenda-o-que-e-lockdown.ghtml>. Acesso em: 03 jul. 2021.



No quarto capítulo apresentamos a “**Metodologia de pesquisa**” que se valeu da prática da história oral embasada na proposta de Meihy (2005) ao entrevistar 18 jornalistas e membros da equipe técnica. Depois da gravação audiovisual, as entrevistas foram decupadas, transcritas e textualizadas, o que permitiu a transcrição do texto final. O método científico possibilitou traçar a narrativa do percurso histórico do Bom Dia Tocantins e identificar as mudanças ocorridas quanto a técnica e linguagem, no intervalo de uma década. Também foi feita a análise de conteúdo dos 440 espelhos divididos entre os anos de 2009 e 2019 (BARDIN, 2011) confrontando as informações com o depoimento dos entrevistados, e quantificando a produção de conteúdo do telejornal.

No quinto capítulo, “**A construção de um telejornal regional: Bom Dia Tocantins**” recuperamos parte da história do telejornal, objeto dessa dissertação. Começamos pela contextualização do traçado oficial registrado por alguns estudiosos, como Santos (2015) e seguimos com os relatos de jornalistas e técnicos que foram personagens presentes e atuantes na implantação do noticioso no início da década de 1990.

O sexto capítulo, “**O Bom Dia Tocantins em dois momentos: 2009 e 2019**” é construído pelas entrevistas de profissionais que fizeram parte da produção do telejornal nos anos pesquisados, tendo o editor-chefe de cada ano como fio condutor da narrativa. Quanto ao conteúdo, houve o confronto dos depoimentos com os espelhos de cada um dos anos analisados e a produção de gráficos ilustrativos do que representaram os recursos utilizados para o preenchimento do tempo do matinal. Dessa maneira foi possível compreender como ocorreram as mudanças de linguagem, técnica e produção do Bom Dia Tocantins no intervalo de uma década.

## 2 TELEVISÃO: TRANSIÇÕES E PROXIMIDADES

Este capítulo apresenta os conceitos teóricos sobre a influência e o papel da televisão no ambiente social e cultural. Ao discorrer sobre os aspectos históricos do meio de comunicação, é tomado como ponto de partida a trajetória do empresário paraibano Assis Chateaubriand, responsável pela introdução da televisão no Brasil. Descreve-se, a partir de revisão de obras publicadas e reportagens, os caminhos percorridos para a chegada da televisão no país, como se deram as primeiras transmissões, formatos, o início da medição de audiência, o processo de industrialização nacional dos televisores, até a censura imposta pelo governo. Os subtítulos seguintes apresentam uma síntese de como se deu a influência do período da ditadura militar no processo de expansão das emissoras para as regiões menos habitadas e o apoio político para que houvesse a instalação das primeiras torres de transmissão da TV Anhanguera no Tocantins, antes mesmo da criação do Estado. O capítulo é finalizado com um panorama das empresas do ramo da comunicação televisiva que, a partir da década de 1990, passaram a investir na produção de conteúdo local.

### 2.1 Televisão: aproximações teóricas

Pioneiro nos estudos sobre mídia televisiva, Williams (2016, p. 8) trata a televisão tanto como tecnologia quanto como uma experiência cultural, resultado da conexão meticulosa entre “práticas produtivas, determinantes tecnológicos e econômicos e a função social da televisão dentro do lar – assim como as estruturas formais dos gêneros televisivos individuais”. A obra do escritor galês, originalmente publicada em 1976, promove uma discussão precursora sobre a atuação da televisão na sociedade.

Se a tecnologia é uma causa, podemos, na melhor das hipóteses, modificar ou procurar controlar seus efeitos. Se a tecnologia, como é usada, é de fato um efeito, a que outros tipos de causa e outros tipos de ação devemos nos referir e relacionar a nossa experiência de seus usos? Essas não são questões abstratas, ocupam um lugar cada vez mais importante em nossos debates sociais e culturais, e, na prática, tomamos decisões concretas e efetivas sobre elas a todo o tempo (WILLIAMS, 2016, p. 24).

É preciso frisar que a palavra ‘cultura’, para Williams (2016), tem amplo significado. Seja o modo de vida, como também a forma de retratar artes e aprendizado – posição essa que, confrontada com a teoria marxista, se transformou em conceito: a teoria materialismo cultural.

Assim, abordando a cultura em aspecto social, produtivo e material, foi possível repensar e rebater críticas aos meios de comunicação.

Se os meios de comunicação específicos são essencialmente ajustes psíquicos, vindos não das relações entre nós, então é óbvio que a intenção, em qualquer caso geral ou particular, será irrelevante. Desprezando-se a intenção, despreza-se também o conteúdo, aparente ou real. Todas as operações dos meios de comunicação são, assim, dessocializadas; tornam-se simples eventos físicos em um sensorio abstrato e são distinguíveis somente pela variação das frações de sensibilidade [...]. Se o efeito do meio é sempre o mesmo, não importando quem o controle ou use, nem o conteúdo que se tente inserir, então podemos esquecer todo o debate político e cultural e deixar a tecnologia operar por si mesma (WILLIAMS, 2016, p. 137).

Na análise do autor, a televisão não é fundamentalmente algo finalizado. Ao contrário, apesar de ser uma pedra preciosa, segue em constante processo de lapidação. O autor enfatiza que a televisão não nasceu da mudança social, mas se torna um agente promovedor da mudança sociocultural. Apesar dos produtos televisivos estarem carregados de valores, novos hábitos e costumes podem forçar uma nova forma de enxergar e formatar uma nova realidade cultural.

Machado (2005) afirma que não é possível elencar um conceito simplista para definir o meio que leva informações e entretenimento para as pessoas. “É preciso pensar a televisão como o conjunto dos trabalhos audiovisuais (variados, desiguais, contraditórios) que a constituem, assim como cinema é o conjunto de todos os filmes produzidos e a literatura o conjunto de todas as obras literárias escritas ou oralizadas.” (MACHADO, 2005: p. 19).

De forma esquemática, Machado (2005) elenca dois modelos para se referir à televisão: modelo de Adorno e o modelo de McLuhan. O primeiro toma por base a publicação original de *Quartely of Film, Radio and Televisio*. Ao analisar temas que supostamente poderiam estar ligados à televisão, Adorno os classificava como uma amostragem, declarando que seriam textos de comédia postos à sua disposição. Sem apreço pela televisão, solicitou amostras dos programas. Como não existiam gravações em mídias (videoteipe), a avaliação era feita apenas por roteiros, ou mesmo resumos.

Em síntese, Machado (2005) constata que Adorno considera a televisão ‘má’ e faz um ataque implacável e, ao mesmo tempo, descabido à televisão por não procurar meios concretos para efetivar uma pesquisa com exímio a partir das propostas apresentadas naquele momento. “Não há nada de espantável nisso, pois se no ano de 2007 ainda existem intelectuais que não veem televisão, isso devia ser uma norma em 1954, ainda mais nos círculos severíssimos da Escola de Frankfurt” (MACHADO, 2005, p. 18).

Por outro lado, McLuhan entende a importância positiva da televisão, a classificando como ‘boa’, mas também não avalia a partir de um produto concreto, apenas por deduções. Em

ambos os métodos, pouco importa o que está indo ao ar. Mesmo com a imagem granulada, o mosaico na tela e baixa definição, McLuhan se sente satisfeito ao ponto de considerar que o fato de estar transmitindo, independentemente do conteúdo, já era suficiente. “Com a mesma imagem granulosa, com a mesma tela de baixa definição, com a mesma estrutura fragmentária e dispersiva, pode-se obter coisas tão fulminantemente diferentes” (MACHADO, 2005, p. 18).

Ainda segundo o autor, as análises dos dois teóricos são limitadas e condicionadas à realidade vivenciada naquele momento histórico e não encaram a televisão e suas potencialidades de uma maneira mais abrangente.

Se McLuhan, ao contrário de Adorno, não pode ser acusado de não conhecer o seu objeto de análise, o resultado que ambos obtêm no plano teórico se equivale, pois nos dois casos a televisão é vista como estrutura abstrata, modelo genérico de produção e recepção (afinal, “o meio é a mensagem”), sem consequências significativas no nível dos programas e, pior ainda, sem nenhuma brecha para a ocorrência da diversidade e da contradição no âmbito da prática efetiva. (MACHADO, 2005, p. 18)

Não é possível avaliar uma produção televisiva sem avaliar os aspectos técnicos daquela produção. Para Machado (2005), quando se fala em televisão, só existirá produto a partir das imagens e do som. Sem esses elementos não há atenção do público ou mesmo dos produtores dos conteúdos.

Isso quer dizer que os adornianos atacam a televisão pelas mesmas razões que os mcluhanianos a defendem: por sua estrutura tecnológica e mercadológica ou por seu modelo abstrato genérico, coincidindo ambos na defesa do postulado básico de que televisão não é lugar para produtos “sérios”, que mereçam ser considerados em sua singularidade. (MACHADO, 2005, p. 19)

O autor ainda enfatiza a necessidade de olhar para o que a televisão representa, observando as inúmeras possibilidades disponíveis para aplicação da produção, da distribuição e do consumo de imagens e de sons eletrônicos. Para o autor, é uma cadeia ampla, estendendo-se desde o que acontece em grandes comerciais, estatais e intermediárias, independentemente se nacionais ou estrangeiras, públicas ou privadas, até o que ocorre em emissoras locais menores ou produtoras independentes. “Para falar de televisão, é preciso definir o corpus, ou seja, o conjunto de experiências que definem o que chamamos de televisão” (MACHADO, 2005: p.20). Esse seria o caminho para se compreender melhor a produção televisiva e não cair na visão maniqueísta que coloca a tevê de um lado.

A discussão sobre televisão, sobretudo no Brasil, desceu a um nível de ingenuidade lastimável, em razão principalmente da contaminação da área por um sociologismo repleto de chavões, que chegou ao extremo de sugerir que as formas mais degradantes

de televisão “refletem” (a velha tese da “reflexão”) a degeneração social ou as mazelas da desigualdade econômica, funcionando, portanto, como um sintoma ruidoso do estado de convulsão dos excluídos. Daí à aceitação e à apologia do lixo televisual falta apenas um passo. Na verdade, a associação entre crises sociais e modelos degenerados de televisão é ingênua e equivocada pela simples razão de que tais modelos não são criados em situação de crise: eles são importados de países ricos, sobretudo dos EUA, e implantados por decisão exclusiva dos profissionais da área e dos setores econômicos que os financiam. (MACHADO, 2005, p.12)

Vale lembrar que Williams (2016) diz que a própria existência da televisão é fruto de uma necessidade, que se altera de acordo com o tempo em uma cultura, pois “a televisão, como qualquer outra tecnologia, torna-se disponível como um elemento ou meio em um processo de mudança que já está ocorrendo ou está prestes a ocorrer” (WILLIAMS, 2016, p. 26). O estudioso dividiu o conteúdo do que era transmitido em notícias, debates, eventos esportivos, além dos anúncios e filmes, assuntos culturais, aliados a códigos tecnológicos que norteiam a televisão. Temas, abordados de diferentes modos, que promovem a reflexão dos espectadores e a construção de diversas linguagens.

Esse veículo marcado de potencialidades e possibilidades ganhou espaço no cenário mundial e passou a ser consumido por pessoas de diversas características. A combinação de sons e imagens encantou muitas pessoas logo no primeiro contato. Àqueles que ouviam o rádio e imaginavam diversos ambientes e histórias a partir da narração radiofônica, agora estavam diante não só do relato oral, mas das imagens daquilo que se falava. Aos poucos essa tecnologia foi avançando e chegando a países que até então tinham apenas o rádio e o jornal impresso como as principais fontes de notícias. No Brasil, a televisão chegou na década de 50 e rapidamente chamou atenção do público local. Mas a chegada deste veículo em terras brasileiras foi marcada por vários acontecimentos, que são detalhados no tópico a seguir.

## **2.2 A televisão no Brasil: uma iniciativa do capital privado**

Para rememorar a chegada da televisão no Brasil é preciso falar do empresário Chateaubriand. O empreendedor visionário Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo era nordestino. Nasceu no dia 4 de outubro de 1892, no município de Umbuzeiro, no Estado da Paraíba. Filho de um juiz municipal, Francisco José, recebeu da mãe, Maria Carmem Gondim, o nome de Francisco de Assis em homenagem ao santo, um dos mais admirados pela comunidade católica romana, que é padroeiro dos animais e da natureza, também conhecido por ser o santo dos pobres (PATERNOSTRO, 1999).

Ainda menino, Chatô, como ficou conhecido, sofreu de apraxia da fala – quando a criança consegue pensar no que quer dizer, mas não consegue converter o pensamento em palavras. Este tipo de distúrbio motor não ocasiona interferência ao raciocínio. “A dificuldade que tinha de pronunciar uma única palavra, provocava risos dos mais velhos. Era gago. Entrou na escola e tudo piorou. Os colegas caçoavam e ele resolveu não falar mais” (KNEIPP, 2008, p. 31).

Por causa disso, o médico da família orientou os pais a retirá-lo da cidade e remetendo-o ao campo, na tentativa de que ele pudesse se desenvolver de forma mais satisfatória. Seguindo as orientações médicas, Chatô deixou a casa dos pais e morou por um período com o avô materno, na capital Belém, no Pará. Só conseguiu perder a gagueira depois de exercitar muito a leitura. Também aprendeu a escrever e tirar a tabuada. Mudou-se novamente, mas dessa vez com a família toda, para o Recife, capital de Pernambuco, “onde viveu até dar início à sua aventura no Sul do país, para tornar-se um dos homens mais poderosos do Brasil” (PATERNOSTRO, 1999, p. 27).

O seu primeiro emprego foi como balconista no armazém da Othon Mendes & Cia, onde vendia tecido. Segundo Kneipp (2008), nesse momento ele troca o metro e a tesoura para realizar o desejo de trabalhar em um jornal: A Gazeta. O sonho não durou muito e logo as portas do impresso se fecharam, em 1907. Já desempregado, Chateaubriand investiu nos estudos e conseguiu entrar em uma faculdade de Direito. Voltou para a comunicação contratado pelo Jornal do Recife, mas foi demitido por desrespeitar a política da empresa em seus artigos políticos. Apesar dos empecilhos, não se deixou abater e, em meio à polêmica entre Hermes da Fonseca e Manuel de Oliveira Lima, fez com que sua opinião ganhasse as ruas. “Patrocinou do próprio bolso um folheto que lhe rendeu fama e um salário de cem réis no jornal ‘A Cidade’” (KNEIPP, 2008, p. 32).

Assis Chateaubriand exerceu a advocacia e se tornou conhecido no Rio de Janeiro. De volta ao jornalismo, em 1918 assumiu a direção do Jornal do Brasil. Três anos depois passou a ser correspondente internacional do Correio da Manhã, na Alemanha, onde escreveu um livro sobre aquele país. No ano seguinte, 1922, Chatô comprou o seu primeiro jornal e passou a ter uma relação de proximidade com Getúlio Vargas – que se empolga com a ideia de Chateaubriand em criar uma rede de jornais. Em 1925, com o sucesso consolidado do “Jornal”, Chatô ampliou os negócios e comprou, em São Paulo, o “Jornal da Noite”, por menos da metade do que estava sendo oferecido. E foram pelas folhas dos jornais impressos que Assis Chateaubriand passou a influenciar a opinião pública de acordo com seus interesses (KNEIPP, 2008).

Nas duas décadas e meia seguintes, o precursor da televisão se casa, se separa, tem uma filha fora do casamento, se envolve em guerras políticas. Segundo Kneipp (2008), Chatô chega a ficar foragido, viveu na clandestinidade e ainda passou três meses encarcerado em um presídio de São Paulo depois de publicar uma matéria em que pedia a anistia aos exilados. Reconstruiu seu império de comunicação e queria expandir. E assim o fez nos anos de 1950, conforme Paternostro (1999, p. 28):

Os Diários e Emissoras Associadas se voltaram para a TV. Em mais uma jogada aventureira, Assis Chateaubriand decidiu trazer os técnicos norte-americanos da RCA para implantar a televisão no Brasil. Importou também os equipamentos; uma antena foi instalada no alto do edifício do Banco do Estado de São Paulo para retransmitir as imagens que viriam dos estúdios montados no prédio dos Diários Associados.

Foram várias fases de testes, até que no dia 18 setembro daquele mesmo ano, durante a inauguração da então PRF-3 TV Difusora – que depois passou a se chamar TV Tupi – ocorreu a primeira transmissão de TV, pelo canal 3. O modelo seguido foi o desenvolvido nos Estados Unidos, na década de 1940, com imagens em preto e branco. A estreia da emissora pioneira da América Latina foi compartilhada com poucos. Havia, na época, apenas duzentos aparelhos distribuídos em praças e vitrines de lojas no centro de São Paulo. O alcance do sinal também era limitado: cem quilômetros.

A estreia foi tumultuada, com atraso e a base do improvisado. Uma das câmeras instaladas nos estúdios no Palácio do Rádio quebrou e o técnico, um norte-americano que cuidava dos equipamentos, não estava no local. Os telespectadores tiveram que aguardar 40 minutos até que a ‘TV na Taba’ entrasse para a história como o primeiro programa transmitido ao vivo por uma emissora de TV. O espetáculo, que teve duas horas de duração, foi comandado por Cassiano Gabus Mendes, com direção artística de Dermival Costa Lima e contou com artistas como Mazaropi, Walter Forster, Lia de Aguiar, Hebe Camargo, Lima Duarte, Wilma Bentivegna, Lolita Rodrigues, entre outros. Assim a TV virou uma realidade no Brasil. (PATERNOSTRO, 1999).

Na época, a programação da TV Tupi de São Paulo era exclusivamente noturna, começando a partir das 20 horas. Havia programas culturais e o telejornal, sem um horário certo para ser veiculado, pois dependia da programação que o antecedia. Todos os programas eram ao vivo, porque ainda não existia cassetes e videoteipes. A segunda emissora foi inaugurada em 1951 na cidade do Rio de Janeiro, também pertencente às empresas de Chateaubriand (SILVA, 2011).

Apesar do espírito premonitório de Chatô, até meados da década de 1950, o investimento na televisão era objeto de desconfiança por parte dos anunciantes. Em seus primórdios, a produção e a distribuição televisiva resumiam-se ao eixo Rio – São Paulo, estendendo-se, em 1955, a Belo Horizonte e, em 1959, a Porto Alegre. Portanto, seu raio de ação era limitado, não só pelo número reduzido de telespectadores, como também pela incipiente organização empresarial e pelas limitações tecnológicas do país (SANTOS, 2015, p. 48-49).

Outros grupos de radiodifusão passaram a fazer parte do mercado, surgindo a Rádio Televisão Paulista e a TV Record de São Paulo, entre outras. Ao final de 1959 o Brasil contava com seis emissoras de televisão, com 80 mil aparelhos de recepção instalados para captar o sinal. Os aparelhos de TV eram importados e de elevado custo, conseqüentemente, os principais telespectadores integravam as elites econômicas. E os primeiros canais se ocupavam em apresentar adaptações de Shakespeare, Dostoievski, entre outras obras primas, além de balé e música clássica (JAMBEIRO, 2001).

Ainda segundo o autor, a partir da metade dos 50 as emissoras passam a exibir programas de auditório, introduzindo a música popular brasileira e de seus intérpretes. Essa fase seguia a mesma linha histórica do rádio, que atendia a burguesia e só depois altera a programação para atingir a grande massa. Nas duas situações o público inicial era definido por quem conseguia pagar o valor do aparelho usado para recepcionar o sinal. “No caso da TV a mudança de programação foi mais fácil ainda, vez que a maioria esmagadora dos profissionais que lá estavam tinham vindo de emissoras de rádio” (JAMBEIRO, 2001).

O foco das emissoras, portanto, era de adaptar para a televisão alguns dos programas de rádio, mas, para Kneipp (2008), a linguagem pouco se diferenciava. “Nos anos 50, quando a tevê foi implantada no Brasil, o que havia era a utilização da linguagem radiofônica, por um veículo que tinha imagens a acrescentar ao texto lido pelos locutores” (KENEIPP, 2008, p.17).

Na dramaturgia, a primeira novela brasileira foi *Sua Vida me Pertence* e teve o capítulo de estreia em dezembro de 1951, no formato ao vivo. Peças teatrais também eram transmitidas pela televisão. De forma gradual a programação passa a entrar no fim da tarde, a partir das 17h30, com conteúdo voltado às mulheres e às crianças. Em 1952 foi inaugurada a TV Paulista, pelo Canal 5, tornando-se oficialmente a segunda emissora de televisão de São Paulo. A TV Record é inaugurada na capital paulistana, pelo Canal 7, em prédio próprio em 1953. (AGÊNCIA BRASIL<sup>6</sup>, 2020)

---

<sup>6</sup>TV BRASILEIRA: a cronologia dos primeiros anos. **Agência Brasil**, Brasília, 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-09/tv-brasileira-programacao-primeira-decada>. Acesso em: 5 jul. 2021.



Com a expansão das emissoras é criado o Instituto Brasileiro de Opinião Pública (Ibope), que passa a fazer as primeiras medições de audiência entre o eixo Rio-São Paulo entre as 18h e 23h. A pesquisa apontou a presença de 120 mil aparelhos de TV entre as duas capitais. Os televisores já estavam sendo produzidos no Brasil, mas ainda com componentes importados. A independência das peças ocorreu no período de industrialização dos equipamentos, em 1995, quando as os aparelhos passaram a ser totalmente nacionais. (AGÊNCIA BRASIL<sup>7</sup>, 2020)

Os anos seguintes são marcados pela utilização de séries do cinema americano e a programação dá espaço a shows populares e de humor. Outra característica é o uso de *playback* para reproduzir arranjos de orquestras. Segundo a Agência Brasil (2020), com a popularização da televisão, principalmente após a introdução do videoteipe, o Governo Federal passa a regulamentar a censura televisiva no país.

Jambeiro (2001) relata que antes de renunciar à Presidência da República, Jânio Quadros estabelece a censura prévia na programação das emissoras de rádio e TV, por meio do decreto Nº 51.134, de 3 de agosto de 1961, estabelecendo que o programa precisava ser decente e não conter cenas que remetesse a atos cruéis, preconceituosos ou sensacionalistas. O texto do decreto também destacava que não era permitida “a apresentação de artistas em trajes menores, ou de maiôs, e, ainda que se tratasse de propaganda comercial, a apresentação de peças íntimas femininas” (JAMBEIRO, 2001, p. 56).

Estima-se que na década de 1960 o número de televisores se aproximava de 700 mil, espalhados pelo país, quando já havia a fabricação dos aparelhos de TV com transistores<sup>8</sup>, componente eletrônico que substituiu as válvulas eletrônicas, utilizando menos energia e de menor custo de produção na época.

O fundador e responsável pela chegada da televisão ao Brasil, Assis Chateaubriand, morreu no dia 4 de abril de 1968, de colapso nervoso. Chatô criou e dirigiu a maior cadeia de imprensa do país: foram 34 jornais, 36 radioemissoras, 18 estações de televisão, uma agência de notícias, uma revista semanal (O Cruzeiro), uma mensal (A Cigarra), várias revistas infantis e uma editora (SANTOS, 2015).

Kneipp (2008) lembra que durante o funeral, o diretor do Masp<sup>9</sup> e amigo há mais de duas décadas, Pietro Maria Bardi, colocou perto do caixão uma tela com a imagem de uma mulher nua, um retrato de dois cardeais e ainda a imagem de um inquisidor espanhol. Depois

---

<sup>7</sup> TV BRASILEIRA: a cronologia dos primeiros anos. **Agência Brasil**, Brasília, 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-09/tv-brasileira-programacao-primeira-decada>. Acesso em: 5 jul. 2021.

<sup>8</sup> TRANSITOR. Disponível em <https://mundoeducacao.uol.com.br/fisica/transistor.htm>. Acesso em: 05 jul. 2021.

<sup>9</sup> MASP – Museu de Arte de São Paulo.

de questionado, Bardi disse que os quadros representavam uma homenagem daquilo que o amigo mais amou na vida: o poder, a arte e a mulher pelada.

Depois da consolidada a empreitada de Assis Chateaubriand para a implantação da TV no Brasil, se inicia um novo processo de expansão do sinal e popularização deste veículo de comunicação no país, que passa a chegar em outros estados e regiões.

### **2.3 O processo de regionalização da Televisão**

No Brasil, o processo de expansão de emissoras retransmissoras e afiliadas pelo interior começou em 1960, logo após a chegada do videoteipe e, conseqüentemente, da mudança de tecnologia da comunicação. Isso possibilitou a formação de emissoras em rede e a nacionalização das transmissões, que aconteciam em cadeia nacional a partir de sinal gerado a partir das metrópoles. Essa centralização da produção de notícias, a partir dos grandes centros, foi uma estratégia que cresceu com a política de ‘integração nacional’, herança da ditadura militar, e se desenvolveu com a ampliação das telecomunicações e das mídias digitais (PERUZZO, 2005).

Mas a autora chama a atenção para um detalhe importante. A produção local e regional se manteve presente nos meios de comunicação da época (televisão, rádio, jornais), porém de maneira tímida. “A televisão reserva espaço para a produção de programas locais, embora ele seja muito pequeno em relação ao número de horas que ela fica no ar, além de ser destinado, majoritariamente, a noticiários” (PERUZZO, 2005, p. 71).

Ao estudar o avanço da televisão pelo interior do país, Gonçalves (2020) ressalta a importância da regionalização, acreditando ser essa a mola propulsora capaz de traçar caminhos que revelarão rincões esquecidos, ou até mesmo inexplorados. Esse processo também possibilita descobrir e entender as características, os desafios enfrentados e os anseios de uma comunidade que vive distante de centros maiores, mas que quer se manter informada do que acontece ao redor. “Com essa tendência de manter suas raízes, surge no cidadão, entre outras, a necessidade e demanda por informações, trabalhos, notícias, entretenimento, etc. que estejam diretamente próximos de sua realidade e de seus interesses” (GONÇALVES, 2020, p. 21).

Nesse caminho, Meneses (2010) acrescenta que a televisão, em perene mudança, a partir da evolução tecnológica, também se apresenta como instrumento democrático e de transformação de outros meios de comunicação. Isso no que se refere à produção e apresentação de notícias, chegando, inclusive, aos valores e hábitos culturais, provocando uma nova categoria de televisão, cada vez mais perto das pessoas. “A televisão regional é um território de relações

sociais cotidianas marcadas no discurso e na organização televisiva, onde pode observar ou não as demarcações do lugar” (MENESES, 2010, p. 45). Mas a autora é enfática ao afirmar que não há um romantismo cego genuíno no processo de significação da televisão, só que é forçoso se atentar ao local, respeitando a cultura e história do lugar, adicionando isso na programação e no conteúdo.

Um processo de articulação, com dito anteriormente, bem como de mediação, não é simplório. A TV regional adentra em um universo comunitário, dentro de um processo de “alianças” com suas audiências e de trocas sociais e culturais da vida em comunidade (MENESES, 2010, p. 46).

Ao promover o debate sobre regionalização da televisão é importante discorrer conceitos que definem ‘localidade’ a partir de aspectos geográficos, políticos, sociais e culturais. Para Gonçalves (2020), um território segue um processo constante de mudanças a partir da ação humana. Isso faz com que haja uma adaptação de necessidades que irão surgindo como “vontades, que podem ser desde cortar uma árvore que será usada como lenha, construir estradas, plantar alimentos para consumo próprio e venda, ou até mesmo a construção de prédios para moradia” (GONÇALVES, 2020, p. 17).

Ao abordar o conceito de território e espaço, Santos (2002, p. 12) faz um alerta sobre a influência das novas tecnologias para se criar um “conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações”. O geógrafo explorou a noção de “meio técnico-científico informacional”, para defender a transformação feita pelo homem do espaço natural utilizando-se para isso técnicas, que ganharam notoriedade durante o processo de globalização, com apoio das novas tecnologias.

Santos (2002) não concorda com o fortalecimento das relações internacionais entre os anos de 1980 e 1990. Ele defende que era preciso repensar a globalização, pois “a localidade se opõe à globalidade, mas também se confunde com ela. O mundo, todavia, é nosso estranho. Entretanto, se, pela sua essência, ele pode esconder-se, não pode fazê-lo pela sua existência que se dá nos lugares” (SANTOS, 2002, p. 321-322).

Por outro lado, Peruzzo (2005) faz um contraponto ao analisar os impactos da globalização da economia e da comunicação. “Num primeiro momento, chegou-se a pressupor o fim da comunicação local, para em seguida se constatar o contrário: a revalorização da mesma, sua emergência ou consolidação em diferentes contextos e sob múltiplas formas” (PERUZZO, 2005, p. 70). Ao estudar as relações de congruência entre global, local, regional, nacional, comunitário, a autora afirma que não existem divisas. “Se a mídia já tem por praxe transgredir

fronteiras, de espaço ou de tempo, no âmbito regional estas se tornam ainda mais tênues” (PERUZZO, 2005, p. 73).

A história da própria televisão brasileira, que é detalhada no decorrer deste estudo, se inicia localmente (BAZI, 2015) depois da inauguração da TV Tupi de São Paulo. O transmissor gerava conteúdo para um raio de não mais que 100 quilômetros na década de 1950. A partir da década seguinte, com a importação do videoteipe, foi possível expandir para outros estados e cidades menores. Em um primeiro momento constatou-se que a interiorização da televisão não buscava produção de conteúdo local, e sim interesse mercadológico com a exploração de uma nova clientela e a inserção de propagandas publicitárias antes não presentes nas pequenas cidades. (PERUZZO, 2005).

Seguindo esse pensamento, Lima (2010) reforça que quando as empresas de comunicação investem em mídias regionais, elas também estão focadas nos anunciantes daquela região. E acaba se tornando uma via de mão dupla, pois ao anunciar localmente o mercado também pode receber uma resposta mais rápida do consumidor. “Em cidades pequenas, quando se divulga uma oferta pela manhã, geralmente as prateleiras à tarde já estão esvaziadas” (LIMA, 2010, p.232).

De toda forma, Carniello (2010) ressalta a importância de se compreender a forma como é feita a estruturação do mercado publicitário no que tange o desenvolvimento regional. O autor defende que a “propaganda regional caracteriza-se como vertente da comunicação mercadológica que possui público-alvo concentrado em determinada área geográfica, e, portanto, veiculação regionalizada, o que lhe atribui algumas particularidades” (CARNIELLO, 2010, P.975). O objetivo é o mesmo da propaganda convencional, que é apresentar ideias, produtos e serviços. Em relação à abrangência, “por contemplar os objetivos de anunciantes locais, possui veiculação em uma área restrita, recorrendo aos jornais locais, mídia exterior, afiliadas das redes de televisão e emissoras de rádio” (CARNIELLO, 2010, p. 975). Quanto à forma e o conteúdo, o autor apresenta o seguinte argumento:

Quanto à forma, a propaganda regional veiculada nos sistemas de mídia está sujeita ao uso dos formatos padronizados e pré-determinados pelos veículos de comunicação, que pouco se diferenciam entre os veículos nacionais e mesmo globais. No entanto, verifica-se a existência de formatos alternativos aos estabelecidos pela grande mídia, como uma maneira de fomentar o desenvolvimento do comércio de uma localidade ou região que não possui recursos financeiros para anunciar nos veículos da mídia regional. [...]. Quanto ao conteúdo, as mensagens da propaganda regional podem explorar características endógenas da região de abrangência da campanha. Se diferencia das campanhas globais ou nacionais que, ainda que fazendo adaptações em função das características das regiões, possuem uma diretriz única. (CARNIELLO, 2010, p. 975).

Ainda segundo o autor, a propaganda regional é adaptável ao público-alvo a partir de características culturais, mas sem esquecer de aspectos técnicos importantes. “Por ter um escopo menor, tende a ter menos heterogeneidade entre os receptores ou, no mínimo, ter alguns elementos de identificação mais evidentes entre eles. (CARNIELLO, 2010, p. 975).

Não se pode esquecer, como ressalta Sales Júnior (2020), mais do que estratégias de expansão das empresas de comunicação, “regionalizar a programação também é uma obrigação constitucional, prevista para quem recebe a concessão de um canal de televisão no Brasil” (SALES JÚNIOR, 2020, p. 44). O autor lembra que é princípio da radiodifusão a regionalização das emissoras, definido pela Constituição Federal de 1988.

O artigo 221 da carta magna brasileira afirma que a produção e a programação das emissoras de rádio e televisão deverão atender aos princípios da promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação. Em outro inciso, do mesmo artigo, a legislação especifica ainda mais que o objetivo é a regionalização da produção cultural, artística e jornalística. (SALES JÚNIOR, 2020 p. 44-45).

De acordo com a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert)<sup>10</sup>, sob o aspecto técnico, as emissoras de radiodifusão de sons e imagens (emissoras de televisão) são classificadas quanto à potência dos seus transmissores e à faixa de frequências na qual foram autorizadas a operar. De acordo com a Abert, VHF é a sigla em inglês *Very High Frequency*, que traduzida quer dizer “Frequência Muito Alta”, com faixa de radiofrequência de 30 a 300 MHz sendo o primeiro método de transmissão de televisão. O *Ultra High Frequency (UHF)*, que em português quer dizer “Frequência Ultra Alta”, possui uma faixa de radiofrequência bem maior. A tecnologia atual utilizada pelos canais de TV é de 300 MHz até 3 GHz. No quadro a seguir é possível verificar, de forma simplificada, a classificação dessas emissoras.

Quadro 1 – Classificação das emissoras quanto a potência dos transmissores

Televisão VHF baixo	Canais 2 a 6 (54MHz a 88MHz)
Televisão VHF alto	Canais 7 a 13 (174MHz a 216 MHz)
Televisão UHF	Canais 14 a 69 (470 MHz a 806 MHz)

Fonte: Abert, 2013.

<sup>10</sup> Fundada em 27 de novembro de 1962 a ABERT nasce como uma sociedade civil sem fins econômicos, constituída por empresas de radiodifusão autorizadas a funcionar no País. Disponível em: <https://www.abert.org.br>. Acesso em: 20 abr. 2021.

Ainda segundo a Abert, as geradoras e retransmissoras de televisão (radiodifusão de sons e imagens), cujo regulamento técnico foi aprovado pela Resolução nº 284, de 7 de dezembro de 2001<sup>11</sup>, da Anatel, são classificadas em função de seus requisitos máximos. Conforme Bazi (2001), as TVs geradoras são aquelas que geram o conteúdo que é produzido. As retransmissoras são aquelas que possuem estrutura técnica para apenas captar os sons e as imagens que são recebidos pelas geradoras, enquanto as estações repetidoras apenas retransmitem o conteúdo enviado pelas retransmissoras.

Sales Júnior (2020) ressalta que está devidamente prevista e regulamentada, pela legislação brasileira, que as estações geradoras podem gerar conteúdo nas três esferas: nacional, regional ou local. “Essa possibilidade [...] permite e contribui para a diversidade de emissoras espalhadas pelo País, transmitindo ou retransmitindo programação diretamente para os mais variados públicos, atendendo as necessidades de informação e conteúdo de cada um, na medida do possível” (SALES JÚNIOR, 2020 p. 45).

Nesse sentido, Meneses (2010) lembra que os meios de comunicação regionais e locais são definidos pela participação do público e com o que é levado até eles, com destaque para a televisão regional. “O fato de tais conteúdos estarem mais evidenciados na experiência cotidiana das pessoas também corrobora para mudanças no quadro de influências político-partidárias e econômicas” (MENESES, 2010 p. 63). Para Peruzzo (2005), a produção de conteúdo deve retratar a realidade regional ou local, no que ela chama de informação de proximidade, pois mostra melhor a vida em determinadas regiões, municípios, cidades etc.

Por vezes, se cerca de distorções, como as que têm origem em vínculos com interesses político-partidários e econômicos, mas, mesmo acarretando vieses de informação, acaba contribuindo na divulgação de temas locais. Está num contexto vantajoso para o leitor ou telespectador, ou seja, a proximidade da informação. As pessoas acompanham os acontecimentos de forma mais direta, pela vivência ou presença pessoal, o que possibilita o confronto entre os fatos e sua versão midiática de forma mais natural. (PERUZZO, 2005 p. 77).

Bazi (2001) ainda reforça que a TV regional tem o papel de levar ao telespectador uma produção de conteúdo local que o auxilie a pensar globalmente. A emissora deverá “desenvolver conceitos e textos que expliquem as ligações entre as comunidades locais e os sistemas mais amplos” (BAZI, 2001 p: 12). Essa ligação se torna obrigatória a partir da tese de laço social fundamentada pelo pesquisador francês Wolton (2004). Para ele, “[...] o espectador, ao assistir à televisão, agrega-se a esse público potencialmente imenso e anônimo que a assiste

---

<sup>11</sup>Disponível em: <https://informacoes.anatel.gov.br/legislacao/resolucoes/2001/270-resolucao-284>. Acesso em: 20 abr. 2021.

simultaneamente, estabelecendo assim, como ele, uma espécie de laço invisível” (WOLTON, 2004, p. 124). O autor complementa dizendo que a televisão promove um conhecimento comum ao mesmo tempo. Mas existe um segundo sentido que Wolton (2004) faz questão de destacar. A televisão, na afirmação do autor, é o reflexo da sociedade.

Se ela é seu espelho, isso significa que a sociedade se vê — no sentido mais forte do pronome reflexivo — através da televisão, que esta lhe oferece uma representação de si mesma. E ao fazer a sociedade refletir-se, a televisão cria não apenas uma imagem e uma representação, mas oferece um laço a todos aqueles que a assistem simultaneamente. Ela é, além disso, um dos únicos exemplos em que essa sociedade se reflete, permitindo que cada um tenha acesso a essa representação. (WOLTON, 2004, p.124)

Para o autor, a TV fortalece a formação de um telespectador mais ativo, deixando de lado a passividade. Isso ocorre a partir do momento que o conhecimento, adquirido com ajuda da televisão, o auxiliará na formação de suas próprias opiniões. “Ora, não só a televisão não engendra a passividade, como, pelo contrário, desenvolve o senso crítico, pois ao se dirigir a todos, obriga todo mundo a estar à altura de um determinado olhar” (WOLTON, 2004, p.125). E faz críticas para quem se propõe a colocar a televisão como responsável por uma estandardização.

Expressa mais uma vez a ideia que supõe ser a televisão todo-poderosa. Significa atribuir a ela um poder muito acima das suas competências como fator de estandardização, quando existem fatores que são "objetivamente" mais responsáveis por isso, como aqueles ligados à economia de massa, a saber: a urbanização, a estandardização das situações de trabalho, a equalização progressiva das condições de saúde, a educação... Em outras palavras, podemos dizer que a invenção da programação foi justamente o meio de lutar contra os efeitos da estandardização da televisão. (WOLTON, 2004, p.124-152).

Ao assumir que adora a televisão e tudo o veículo é capaz de mobilizar, Wolton (2004) a eleva como “um dos símbolos mais espetaculares da democracia de massa e constitui, sem dúvida, uma das razões de estar investida de todas as esperanças, sem capaz de satisfazê-las” (WOLTON, 2004, p.11). É a partir dessa noção de importância e dos laços criados pela TV com o público, que este veículo vai se expandindo pelas várias regiões do Brasil.

#### **2.4 A chegada da TV no cerrado**

Não demorou muito para que as emissoras de TV buscassem retransmitir o sinal para o maior número de cidades possível. E apesar de controlar o que seria veiculado ou publicado na imprensa, o regime militar, que vigorou entre os anos de 1964 e 1985, ajudou nesse processo.

Para Leal (2009), ao adotar a postura de integração nacional, com um governo focado para defender a segurança e o desenvolvimento nacional, baseados na industrialização e no crescimento econômico, os veículos de comunicação eram usados como porta-vozes oficiais do governo. Mais um motivo para facilitar a expansão desses meios.

A ditadura militar contribuiu para o impulso no desenvolvimento da TV no Brasil, ao criar vários órgãos estatais que lidavam com a produção cultural, ao formular leis e decretos, ao congelar as taxas dos serviços de telecomunicação, ao dar isenção das taxas de importação para compra de equipamento, ao proporcionar uma construção de uma estrutura nacional de telecomunicações em redes e ao fazer uma política de crédito facilitado. (LEAL, 2009, p. 8).

O regime militar também oferecia incentivos fiscais para os empresários que investissem na Região Amazônica. E, segundo Santos (2015), foi assim que a Organização Jaime Câmara, atual Grupo Jaime Câmara, decidiu levar a TV Anhanguera ao antigo Norte goiano, hoje Tocantins. Fundada em Goiânia, em 1963, a TV Anhanguera se tornou uma das primeiras emissoras afiliadas da Rede Globo de Televisão.

A expansão começou por Araguaína, a maior cidade da região, distante cerca de 1.200 quilômetros da capital goiana. Mas a implantação da TV foi cercada de desafios, pois, na maioria dos municípios, não havia uma rede de energia permanente. Além disso, a ligação de uma ponta a outra do Estado de Goiás era, literalmente, na terra. A Rodovia BR-153, conhecida como Belém-Brasília, que ligava o extremo norte até a capital Goiânia, ainda não era asfaltada. (SANTOS, 2015).

Mesmo com as condições adversas, Santos (2015) constatou que o jornalista e empresário Jaime Câmara deu início às tratativas de instalação da antena para retransmitir o sinal da TV Anhanguera em Araguaína. A iniciativa, de expandir o sinal da emissora pela região isolada, do antigo norte goiano, contou com o apoio de políticos, que não economizavam nas homenagens públicas e discursos empolgados, como o que ocorreu na inauguração da mais nova sede da OJC em Araguaína. Segundo reportagem do Jornal O Popular (1976), a solenidade contou com a participação do Secretário Geral de Radiodifusão do Ministério das Comunicações, Lourenço Scherad, e da Diretora Substituta Regional do Dentel, Messias Joselina Curado, que fez um pronunciamento de exaltação ao empresário Jaime Câmara.

É necessário exaltar o homem que ativamente, no dia-a-dia (sic), participa do progresso e cultura da Pátria. A exaltação faz-se necessária não somente como termo de reconhecimento, mas também, para estímulo, pois que o homem civilizado tem o dever de reconhecer e valorizar o trabalho do outro homem, principalmente este trabalho que ora festejamos, pela comunicação que vai prestar um dos maiores benefícios à comunidade do norte Goiano. Em nome da Diretoria do Dentel em



Goiânia, temos a grata satisfação de passar às mãos da Organização Jaime Câmara, a licença para funcionamento de Retransmissora da TV Anhanguera em Araguaína. Os irmãos Câmara, podemos afirmar sem qualquer dúvida, são um dos grandes responsáveis pelo Progresso do Estado de Goiás. Esta Retransmissora trará o entretenimento, a educação e acultura ao Norte Goiano, e esta bela e próspera cidade não somente deve agradecer à Organização Jaime Câmara por sua iniciativa, como ao mesmo tempo todos nós os exaltamos pelas imensas qualidades desse Grupo, que constantemente, através da comunicação escrita, falada e televisionada, nos mostra o poder do seu idealismo sadio, da sua luta, da sua coragem e de sua força de vontade. Parabéns, senhores Tasso e Jaime Câmara – diretores da TV Anhanguera”. (O POPULAR, 1976<sup>12</sup>).

A emissora entrou oficialmente no ar no dia 10 de dezembro de 1976, uma sexta-feira, levando o sinal para sete cidades do extremo norte goiano, além de duas no Maranhão, com uma programação gravada na capital, Goiânia, e com imagens coloridas para cerca de três mil receptores. (O POPULAR, 1976). A mais recente retransmissora do Canal 2, em Araguaína, foi equipada com o que havia de mais moderno na época, em prédio próprio, com torre e antenas de alto ganho.

A tecnologia era capaz de levar som e imagens para as cidades de Colinas de Goiás (hoje, Colinas do Tocantins), Axixá (do Tocantins), Tocantinópolis, Araguaã, Guaraí, Wanderlândia e Filadélfia. As cidades maranhenses de Carolina e Porto Franco também recebiam o sinal da TV Anhanguera de Araguaína. Ainda na fase de testes, a chegada na emissora provocou uma grande vendagem de aparelhos a cores e preto e branco na cidade. A solenidade de inauguração foi regada a um banquete oferecido para cem convidados que estavam ali representando famílias importantes, autoridades políticas, eclesiásticas e civis organizadas.

Estávamos isolados e agora estamos integrados ao Brasil através das comunicações mais avançadas, que é a televisão. Poderemos, agora, além de ver o Jornal Nacional, assistir a bons filmes e novelas, ouvir as palavras do Presidente Geisel e do Governador Irapuan Costa Júnior, em suas mensagens ao povo brasileiro. Consideramos a história da região antes e depois da televisão e da Belém-Brasília e, por isso, agradecemos ao jornalista Jaime Câmara, que acreditou no progresso e no desenvolvimento de Araguaína. O senhor pode acreditar que os moradores desta região saberão apoiá-lo sempre nas suas iniciativas (O POPULAR, 1976<sup>13</sup>).

---

<sup>12</sup> Trecho do discurso da Diretora Substituta Regional do Dentel, Messias Joselina Curado, extraído da reportagem ‘Canal 2 de Araguaína já chega a 9 cidades’, publicada em **O Popular**, Goiânia, 14 de dezembro de 1976, p. 6.



<sup>13</sup> Discurso do Juiz de Direito de Araguaína, João Batista Neto, extraído da reportagem ‘Canal 2 de Araguaína já chega a 9 cidades’, publicada em **O Popular**, Goiânia, 14 de dezembro de 1976, p. 6.



Apesar de enaltecido o pioneirismo, aquela não teria sido a primeira retransmissora de Araguaína. Santos (2015) afirma que um grupo de entusiastas da televisão, formado por moradores nortistas de várias cidades, criou a comissão pró-TV, que arrecadou dinheiro e até um carro zero para ir à São Paulo comprar equipamentos. O objetivo era montar cinco torres, cada uma com trinta metros de altura, além de comprar baterias, carregadores e motores que pudessem gerar energia em cinco cidades, incluindo Araguaína. As repetidoras recebiam a programação que era gravada em fitas em Imperatriz, no Maranhão, e enviadas diariamente por ônibus interestaduais.

Em Araguaína, a torre foi erguida na Avenida Cônego João Lima na estação que foi apelidada com o nome da cidade – TV Araguaína, mas não durou muito tempo. “Nem chegou a ser autorizada pelo Governo Federal pois, segundo seus articuladores, o processo de concessão foi barrado com a chegada do Grupo Jaime Câmara” (SANTOS, 2015). Na época, os padrões de administração das emissoras brasileiras seguiam normas americanas e metade das programações era feita de filmes estrangeiros. A retransmissora exibia programas copiados de uma emissora maranhense e mesmo assim despertou interesses de políticos locais e nacionais. Líderes políticos, como o Senador Benedito Ferreira, passaram a apoiar o empresário Jaime Câmara que contara com quase dez anos de experiência no ramo da comunicação, incluindo a concessão de um canal de TV (SANTOS, 2015).

O autor também destaca que para receber apoio, Jaime Câmara fez uma verdadeira campanha de marketing para convencer lideranças empresariais e políticas, incluindo a distribuição de aparelhos de televisão. E já na fase de testes, a qualidade da imagem ajudou nesse convencimento. O empresário também recebeu ajuda dos próprios moradores, que chegaram a doar o terreno, onde até hoje funciona a sede da emissora em Araguaína.

A participação de apoiadores foi decisiva para que a própria prefeitura de Araguaína, segundo Santos (2015), abrisse crédito a partir do Projeto de Lei n.º 73 de 27 de dezembro, que foi aprovado duas semanas após a inauguração da retransmissora da TV Anhanguera na cidade, beneficiando diretamente a empresa de Jaime Câmara. Depois de passar na Câmara Municipal, o prefeito Wilson Gomes de Sousa sancionou a lei da concessão de ajuda especial de Cr\$ 100.000,00 (Cem mil cruzeiros) destinada à implantação do sistema de som e imagem de televisão da cidade.

A venda de aparelhos aqueceu o comércio e o coração grato de políticos. Em 1978, a Câmara Municipal aprovou voto de louvor para a Organização Jaime Câmara por ter se esforçado para levar imagem e som pelo Canal 2 e chegou a assumir estar constrangida por não poder ajudar mais. No ofício disseram que “sentem-se desconcertados por não poderem dispor

de maiores meios para expressar a sua gratidão para com o seu preclaro concidadão [referindo-se ao empresário Jaime Câmara]” (SANTOS, 2015, p. 82).

E os elogios em público e nas solenidades continuaram. No mesmo ano, durante a visita do General João Batista Figueiredo, o prefeito Joaquim de Lima Quinta fez cobranças ao então Presidente da República para que fossem feitos investimentos na infraestrutura da cidade. No mesmo discurso, o prefeito destacou o pioneirismo do grupo chefiado por Jaime Câmara, fazendo referência ao que ele considerou como espírito empreendedor, gerando aplausos e gritos de apoio.

E aqui eu quero abrir um parêntese para cumprimenta o Grupo Jaime Câmara através de seu Diretor Jaime Câmara Júnior, que é uma das coisas que mais nos ajudaram ultimamente é a sua televisão. A televisão trouxe para o povo do Norte informações atuais de tudo que se passa no país e no mundo. Ao Jaime Câmara, ao Grupo Jaime Câmara pela assistência que tem dado ao nosso povo. A este grupo nós queremos render ainda uma homenagem especial porque temos certeza de que dentro em breve será instalada aqui em Araguaína a Rádio Anhanguera, que se Deus quiser ir cobrir não somente o Norte de Goiás, mas toda a nossa extensão territorial. Pois a obra pioneira deste importante tem contribuído decisivamente para a integração desta vasta região e para o desenvolvimento da nossa gente, porque aqui ele implantou a informação atual, a educação, a cultura e o entretenimento. (O POPULAR<sup>14</sup>, 1978).

A expansão do Canal 2 chegou a Gurupi, até então cidade localizada na região Centro Norte de Goiás e com projetos de expansão do sinal. Em 1978, a partir da formação do Consórcio de Televisão Médio Norte Goiano, uma iniciativa das prefeituras de Paraíso do Norte (atual Paraíso do Tocantins), Cristalândia, Pium e Porto Nacional foram anunciadas medidas para que o som e a imagem da TV Anhanguera Canal 2 chegassem até a essas cidades. O investimento foi orçado em Cr\$ 2.601.788,00 (dois milhões, seiscentos e um mil e setecentos e oitenta e oito cruzeiros), desse total, Cr\$ 910.968,00 (novecentos e dez mil e novecentos e sessenta e oito cruzeiros) seriam destinados para a compra de equipamentos. O restante seria aplicado nas obras de infraestrutura de acessórios de transmissão de TV e de energia e custos de instalação<sup>15</sup>.

Em junho daquele mesmo ano, o Canal 2 já podia ser acompanhado pelos moradores de Porto Nacional, Cristalândia, Pium, Paraíso do Norte (do Tocantins) e Brejinho de Nazaré. A

<sup>14</sup> Trecho do discurso do prefeito de Araguaína, Joaquim de Lima Quinta, extraído da reportagem ‘Quinta destaca pioneirismo’, **O Popular**, Goiânia, 10 nov. 1978, p. 4.



<sup>15</sup> MÉDIO Norte verá a Copa pelo Canal 2, **O Popular**, Goiânia, 29 jan .1978, p. 4.



chegada do sinal nessas cidades rendeu homenagens do Poder Legislativo do Estado de Goiás. A Assembleia Legislativa, por meio de requerimento dos deputados Wilton Cerqueira, Juracy Teixeira e Antônio Pereira, fez menção honrosa para o empresário Jaime Câmara.

Apesar de representar um marco histórico e relevante para uma população que vivia no isolamento, o progresso e crescimento com a chegada da TV Anhanguera, também atendia interesses políticos e trocas vantajosas. Santos (2015) afirma que para o então prefeito de Araguaína, João Ribeiro, “a televisão proporcionaria oportunidades de veiculação de propaganda política, divulgação de projetos da prefeitura” (SANTOS, 2015, p. 84). Isso ocorria permutando dividendos do Paço Municipal em troca de ações publicitárias televisivas das ações da prefeitura.

No início da década de 1980, a Organização Jaime Câmara manteve os investimentos na ampliação e melhoramento do sinal transmitido pelo Canal 2 em Araguaína e em Gurupi. Isso aconteceu com a assinatura dos contratos de concessão para as duas emissoras: TV Anhanguera de Araguaína e TV Rio Formoso de Gurupi, que deixaram de ser repetidoras e passaram a ser geradoras. As duas concessões foram outorgadas pelos decretos presidenciais Nº 87.534 e Nº 87.535, assinados dia 30 de agosto de 1982. O anúncio, conforme relatado pelo *O Popular* (1982), ocorreu em uma cerimônia presidida pelo ministro Haroldo Corrêa de Matos. Ele afirmou que aquele momento era demonstração pública e cabal de confiança do presidente João Figueiredo na Organização Jaime Câmara.

O filho do empresário, Jaime Câmara Júnior, na oportunidade, anunciou que as emissoras de Goiânia, de Gurupi e de Araguaína seriam ligadas ao satélite. Ele revelou o esforço empreendido pela OJC para expandir as atividades ao extremo norte do Estado, integrando Goiás pelas telas da TV. A íntegra do discurso foi publicada na reportagem ‘TVs de Araguaína e Gurupi têm contrato’, de *O Popular*, em outubro de 1982.

Prezados amigos: sete anos estive aqui neste Ministério participando de uma reunião que tinha como tema a retransmissão de televisão ao longo da Belém-Brasília [...] O enfoque dado era o de que se devia aproveitar a estrutura da Embratel [...] Era fácil perceber que a Televisão Anhanguera não teria a menor condição de levar o seu sinal ao longo do Estado se tal situação ocorresse. Dias antes desta reunião o Sr. Jaime Câmara visitava no extremo norte do Estado, em companhia do então Governador Leonino Caiado, a cidade do Araguaína, e voltara entusiasmado com a possibilidade de colocar ali o sinal da televisão. Uma região que, por incrível que pareça, praticamente não recebia sequer sinais de rádio, uma vez que somente emissoras de ondas curtas de alta potência eram ouvidas e estas, na maioria, eram estrangeiras. (*O POPULAR*, 1982, p. 9<sup>16</sup>).

---

<sup>16</sup> Trecho do discurso do presidente da TV Rio Formoso publicado na reportagem ‘TVs de Araguaína e Gurupi têm contrato’, em *O Popular*, Goiânia, de 20 de outubro de 1982, p. 9.

Ainda durante o discurso, o presidente da TV Rio Formoso, Jaime Câmara Júnior, enfatizou as dificuldades de acesso e os custos financeiros para transportar o sinal a uma distância de 1.200 quilômetros entre a capital Goiânia e a cidade de Araguaína, localizada no Norte do Estado. Na época eram experimentadas as repetidoras assíncronas, que funcionavam com vídeo cassetes e com a programação defasada em alguns dias da estação geradora. Apesar disso, afirmou que assumiu um compromisso de entregar e atender as regiões Centro-Oeste e Norte, prestando um serviço de qualidade.

Diante deste quadro, dissemos ao doutor Romulo que a Televisão Anhanguera se comprometia a atender sozinha toda a região norte e centro-oeste do Estado, garantindo um serviço de boa qualidade. Sabíamos que estávamos assumindo um trabalho hercúleo que demandava não somente dinheiro e tempo, mas também know how de um serviço do qual tínhamos pouca experiência, mas que diante da expectativa da entrada de todas as redes nacionais no Estado, não podíamos fugir. Tal era o vulto do empreendimento que o doutor Romulo se assustou com a perspectiva de que nunca o realizássemos e nos pedia para que assumíssemos por escrito este compromisso. Aproveitei a oportunidade para resgatar a palavra empenhada naquela época. Quero aqui prestar uma homenagem à pessoa que colaborou intensamente com aquela fase do projeto, Dr Higino Ítalo Germani que, com sua experiência, muito nos ajudou a dar os primeiros passos. Conseguimos, finalmente, em 10 de dezembro de 1976, inaugurar aquela que seria a estação pioneira de retransmissão não simultânea no Estado de Goiás. Não sem percalços, dos quais é testemunho o nosso professor Lourenço. Mas a ideia vingou e um ano mais tarde, a 20 de dezembro de 1977. Já podíamos contar com a estação de Gurupi. Nestes seis anos, o trabalho não parou. Araguaína e Gurupi se transformaram em Pólos de Comunicação. Hoje o sinal de Araguaína é distribuído a mais de 12 municípios com um total de mais de 500 quilômetros de enlaces implantados. Gurupi já conta com mais de 800 quilômetros de links e atende a quase 30 municípios do médio norte goiano. Com a colocação no ar do sistema da Televisão Tocantins, no início deste ano, posso dizer que cumpriremos a promessa feita em 1975, ligamos o Estado de Goiás de ponta a ponta. (O POPULAR, 1982, p. 9<sup>17</sup>).

O discurso encerrou falando dos avanços de expansão da Organização Jaime Câmara através das estações da TV Anhanguera de Goiânia, da TV Tocantins de Anápolis, e agora da TV Rio Formoso de Gurupi e TV Anhanguera de Araguaína, que passavam a contar com 2.500 quilômetros de links em VHF sendo transmitidos, a partir do dia 30 de outubro de 1982 via satélite interligando Goiânia, Gurupi e Araguaína e integrando a população destas regiões à era da comunicação.



<sup>17</sup> Trecho do discurso do presidente da TV Rio Formoso publicado na reportagem 'TVs de Araguaína e Gurupi têm contrato', em O Popular, Goiânia, de 20 de outubro de 1982, p. 9.



## 2.5 A multiplicação das antenas de transmissão pelo Tocantins

A região passou a ter opções de canais com o passar dos anos recebendo novos investimentos na área da mídia televisiva. A TV Brasil Central, afiliada à Rede Bandeirantes, que pertencia ao Governo do Estado de Goiás, através do Consórcio de Empresas de Radiodifusão e Notícias do Estado (Cerne), foi instalada no início de 1982 e contava com retransmissoras em Araguaína e em Gurupi. Depois da criação do Tocantins, surgiu a Companhia de Comunicação do Estado do Tocantins (Comunicatins).

De acordo com Rocha, Soares e Araújo (2014), a Comunicatins era uma empresa de direito privado, com economia mista, tendo o Governo do Tocantins como principal acionista. Em 1996, a emissora se transformou em autarquia e passou a se chamar Instituto Dom Alano, atuando com a Universidade do Tocantins (Unitins) e com a finalidade de explorar a prestação de serviços de Rádio e TV, mas a falta de recursos provocou uma nova mudança.

No ano seguinte, devido à falta de recursos e objetivando regularizar legalmente o serviço de radiodifusão sob a tutela do Estado, o Instituto é transformado na Fundação Unitins, autarquia com autorização para executar o serviço com fins educativos. Este processo gerou a Rádio Palmas 96,1 FM, que entrou no ar em 2000 em caráter experimental; e a TV Palmas, com transmissões a partir de 2003, que tempos depois passou a se chamar Rede Sat e mais recentemente TVE Tocantins. Ampliando o arco regional, a TV estatal tem sinal captado por 10 municípios maranhenses limítrofes, como Porto Franco (TV Difusora) e Imperatriz (TV Nativa). (ROCHA; SOARES; ARAÚJO, 2014, p. 175).

Em janeiro de 2019, o Governo do Estado determinou a suspensão das atividades da TVE Tocantins. Isso incluiu a produção local, como os telejornais e exibição de programas terceirizados, e rescindiu contratos de servidores, transferindo equipamentos e a estrutura da emissora, mais uma vez, para Unitins e com fins educativos (G1 TOCANTINS, 2019<sup>18</sup>). A medida foi alvo de protestos de funcionários e comunicadores e contou com ampla divulgação na imprensa local (JORNAL DO TOCANTINS, 2019<sup>19</sup>). No mês seguinte, o Governo assinou um contrato com a TV Cultura (TV CULTURA, 2019<sup>20</sup>), que passou a retransmitir o sinal pelo

<sup>18</sup> TV Pública do Tocantins não terá mais programação local; Rádio continua funcionando. **G1 Tocantins**, Palmas, 2 jan. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2019/01/02/tv-publica-do-tocantins-nao-tera-mais-programacao-local-radio-continua-funcionando.ghtml>. Acesso em: 15 fev. 2020.

<sup>19</sup> SERVIDORES Públicos fazem protestos pela permanência da RedeSat. **Jornal do Tocantins**, Palmas, 3 jan. 2019. Disponível em: <https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/noticias/servidores-p%C3%BAblicos-fazem-protesto-pela-perman%C3%Aancia-da-redesat-1.1697916>. Acesso em: 15 fev. 2020.

<sup>20</sup> TV Cultura afilia-se com a TV Educativa de Tocantins. **TV CULTURA**. São Paulo, 22 fev. 2019. Disponível em: [https://tvcultura.com.br/acontece/808\\_tv-cultura-afilia-se-com-a-tv-educativa-de-tocantins.html](https://tvcultura.com.br/acontece/808_tv-cultura-afilia-se-com-a-tv-educativa-de-tocantins.html). Acesso em: 15 fev. 2020.

canal 13.1. O acordo garantiu a expansão do alcance da TV pública paulista para mais 350 mil telespectadores, de oito municípios tocantinenses, que antes não tinham acesso ao canal.

Outras emissoras não tiveram o mesmo desfecho e acabaram encerrando as atividades em definitivo por diversos motivos. O Sistema Mosaico<sup>21</sup>, da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), informa que a TV Girassol de Gurupi, afiliada da Band, fechou as portas em 2015. Isso aconteceu depois de uma ordem judicial de reintegração de posse (ATITUDE TOCANTINS, 2015<sup>22</sup>). Na decisão, o juiz Pedro Nelson de Miranda Coutinho, da 3.<sup>a</sup> Vara Cível da Comarca de Palmas, determinou à emissora a restituir bens, incluindo painéis de antena e transmissores por descumprimento de acordo contratual. Após isso, a emissora foi arrendada para a Igreja Mundial do Povo de Deus, passando a repetir a programação da Rede Mundial.

Já o sinal da TV Record chegou à capital do Tocantins em 1993 pela TV Lajeado. Em 2007 passou a ser transmitido pela TV Jovem, por meio do canal 7 VHF<sup>23</sup>, dando início a produção do Balanço Geral<sup>24</sup>, com informações jornalísticas e entretenimento, conforme o padrão nacional da Rede Record. Em 2019, a TV Jovem Palmas anuncia investimento em estrutura técnica e de pessoal após ser vendida para o técnico de futebol, Wanderley Luxemburgo<sup>25</sup>, com foco em notícias comunitárias.

Atualmente, a grade da emissora conta com o Balanço Geral Manhã, entre às 7h15 e 9h; o Balanço Geral, que vai ao ar entre 11h50 e 13h30; e o Cidade Alerta Tocantins, das 17h57 às 17h. Os três programas são exibidos de segunda à sexta com abrangência para oito municípios. Além da capital Palmas, recebem o sinal da TV Jovem as cidades de: Araguaína, Arapoema,

---

<sup>21</sup> O Sistema Mosaico é uma plataforma com vários módulos voltados aos diversos serviços de telecomunicações e radiodifusão. O módulo Sistema de Cadastro de Radiodifusão (SCR) é utilizado para manutenção de cadastros de estações de radiodifusão. Os únicos serviços não contemplados pela ferramenta são Ondas Curtas (OC), Ondas Tropicais (OT) e Radiodifusão Comunitária (RADCOM). Disponível em: [https://www.mctic.gov.br/mctic/opencms/comunicacao/SERAD/radiofusao/Sistemas/radiodifusao\\_sistemaMosai co.html](https://www.mctic.gov.br/mctic/opencms/comunicacao/SERAD/radiofusao/Sistemas/radiodifusao_sistemaMosai co.html). Acesso em: 15 fev. 2020.

<sup>22</sup> TV Girassol, retransmissora da Band, encerra produção local em Gurupi. **Atitude Tocantins**. [S. l.], 26 maio 2015. Disponível em: <http://www.atitudeto.com.br/depois-de-palmas-band-encerra-producao-local-em-gurupi/>. Acesso em: 15 fev. 2020.

<sup>23</sup> TV JOVEM Palmas: o jornalismo comunitário com qualidade. **Record TV**, São Paulo, 22 nov. 2019. Disponível em: <https://recordtv.r7.com/recordtv-emissoras/norte/tv-jovem/tv-jovem-palmas-o-jornalismo-comunitario-com-qualidade-21072020>. Acesso em: 07 fev. 2021.

<sup>24</sup> SAIBA mais sobre o programa Balanço Geral SP. **Record TV**, São Paulo, 1º jul. 2020. Disponível em: <https://recordtv.r7.com/balanco-geral/saiba-mais-sobre-o-programa-balanco-geral-sp-11042021>. Acesso em: 22 nov. 2020.

<sup>25</sup> TÉCNICO Wanderley Luxemburgo investindo na comunicação segue movimentando o cenário jornalístico tocantinense. **Record TV**, São Paulo, 22 nov. 2019. Disponível em: <https://recordtv.r7.com/recordtv-emissoras/norte/tv-jovem/tecnico-wanderley-luxemburgo-investindo-na-comunicacao-segue-movimentando-o-cenario-jornalístico-tocantinense-22102019>. Acesso em: 22 nov. 2020.

Colinas do Tocantins, Couto Magalhães, Formoso do Araguaia, Gurupi, Paraíso do Tocantins e Tocantinópolis.

Ao estudar a trajetória da chegada das emissoras de TV no Tocantins, Reis e Rocha (2018) descrevem que ao ser criada, no ano de 2000, a TV Jovem se chamava TV Jovem Palmas, transmitindo o sinal do SBT, pelo canal 11. Sete anos depois, a empresa perde a concessão e fica fora do ar por oito meses, retornando no dia sete de dezembro do mesmo ano, como afiliada da Rede Record. A transmissão do SBT passa pelas mãos de outras três empresas até que, em 2020, o Grupo Norte de Comunicação assume a operação do SBT no Tocantins<sup>26</sup> mantendo os jornalísticos O Povo na TV, entre 12h e 13h, e o Jornal Notícias Tocantins, das 19h15 às 19h40 (REIS; ROCHA, 2018).

Em 2008, o Grupo Bandeirantes inaugurou em Palmas a primeira emissora própria na região Norte do país (CONEXÃO TOCANTINS, 2008<sup>27</sup>). A Band Tocantins era comandada pelo jornalista Fernando Hessel e foi precedida pela TV Palmas, TV Javaés e pela TV Girassol. Porém, em 2015 a emissora foi fechada passando a retransmitir a programação da rede. (REIS; ROCHA, 2018).

A RedeTV Tocantins, afiliada da RedeTV! em Palmas, foi instalada em 14 de março de 2019, transmitindo o sinal digital pelo canal 29 UHF. Já a Tocantins TV foi a primeira emissora de televisão do Tocantins exclusivamente online, a partir de 2016. Reis e Rocha (2018) apontam que a emissora exibe conteúdos gravados e realiza transmissões ao vivo a partir de uma página no Facebook, fazendo uso de tecnologia que possibilita ao internauta a visualização de uma imagem em 360 graus.

Segundo o Sistema Mosaico da Anatel, desde que foi criado o Estado do Tocantins, pelo menos oito emissoras deixaram de existir em Palmas: TV Javés, TV Real, TV Central, TV Cristal, TV Lajeado, TV Serra do Carmo, Band Tocantins e TV Graciosa.

Quadro 2 - Emissoras com programações locais e que encerraram as atividades em Palmas (continua)

EMISSORA	CANAL	AFILIADA	PERÍODO
BAND TOCANTINS	4	BAND	2008-2015
TV CENTRAL	5	RECORD TV	2006
TV CRISTAL	5	REDETV!	2000-2007
TV GRACIOSA	4	TV GAZETA	2016-2018

<sup>26</sup> GRUPO Norte de Comunicação compra sociedade e assume operações do SBT no Tocantins. **Conexão Tocantins**. Palmas, 27 out. 2020. Disponível em: <https://conexaoto.com.br/2020/10/27/grupo-norte-de-comunicacao-compra-sociedade-e-assume-operacoes-do-sbt-no-tocantins>. Acesso em: 07 fev. 2021.

<sup>27</sup>GRUPO Bandeirantes inaugura nesta quarta em Palmas nova emissora: a Band Tocantins. **Conexão Tocantins**. **Conexão Tocantins**. Palmas, 12 out. 2008. Disponível em: <https://conexaoto.com.br/2008/10/22/grupo-bandeirantes-inaugura-nesta-quarta-em-palmas-nova-emissora-a-band-tocantins>. Acesso em: 15 fev. 2020.



Quadro 2 - Emissoras com programações locais e que encerraram as atividades em Palmas (conclusão)

TV JAVAÉS	7	TV BANDEIRANTES	1992-1997
TV LAJEADO	2	RECORD TV	1993-2007
TV REAL	5	SBT	1992-2000
TV SERRA DO CARMO	9	CNT-GAZETA	1993-2007

Fonte: Anatel, 2021.

Muitas emissoras de TV também surgiram no interior sem nenhuma ligação com Palmas. Na cidade de Colinas do Tocantins, distante 278 quilômetros da capital, o radialista Valmir de Freitas e o fazendeiro Wellington Luis de Farias fundaram, em 2009, a TV Colinas (A PÚBLICA, 2017<sup>28</sup>), afiliada do SBT, que chegou a ser fechada em 2012 por não estar de acordo com as determinações da Anatel. A TV Colinas voltou ao ar em 2015, dessa vez afiliada da Rede Record. Em Gurupi o empresário Silvério Maciel Filho fundou, em 2006, a SILTV (SILTV, 2006<sup>29</sup>), emissora ligada à Rede TV! Nove anos depois, a emissora passou a transmitir o sinal da Band.

Mas é a cidade de Araguaína, segundo a Anatel, onde mais se concentram emissoras de canais abertos de TV no Estado do Tocantins com programação local. São dez emissoras: Rede Mundial (TV Mundial), TV Jovem Araguaína (Record TV), TV Araguaína (TV A Crítica), TV Rio Lontra (SBT), TV Anhanguera (Globo), TVE TOCANTINS (TV Brasil), Rede Vida Educação (Rede Vida), Rede Líder (RedeTV), TV Cidade (TV Cultura) e TV Canção Nova (Canção Nova). A consulta à lista de emissoras é pública realizada através do site da agência<sup>30</sup>.

Quadro 3 – Emissoras locais que transmitem canal aberto em Araguaína. (continua)

EMISSORA	RAZÃO SOCIAL	CANAL	AFILIADA
REDE MUNDIAL	SISTEMA DE COMUNICAÇÃO RIO BONITO LTDA.	2	REDE MUNDIAL
TV JOVEM ARAGUAÍNA	SISTEMA DE COMUNICAÇÃO DO TOCANTINS S/A	6	RECORD TV
TV ARAGUAÍNA	BOA SORTE RÁDIO E TELEVISÃO LTDA.	7	TV A CRÍTICA
TV RIO LONTRA	RIO LONTRA RÁDIO E TELEVISÃO LTDA.	9	SBT
TV ANHANGUERA	TV ANHANGUERA DE ARAGUAÍNA LTDA.	11	TV GLOBO
TVE TOCANTINS REDESAT	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO TOCANTINS	13	TV BRASIL

<sup>28</sup>A TV que se enredou com os políticos. A PÚBLICA ORG. [S. l.], 2017?. Disponível em: <https://apublica.org/tvsdaamazonia/colina-do-tocantins-a-tv-que-se-enredou-com-os-politicos>. Acesso em: 16 fev. 2020.

<sup>29</sup>Sobre Nós. SILTV. Gurupi, 2006. Disponível em: <http://siltv.com.br/sobre-nos/>. Acesso em: 16 fev. 2020.

<sup>30</sup>MOSAICO: Canais de Radiodifusão. Disponível em <http://sistemas.anatel.gov.br/se/public/view/b/srd.php>. Acesso em: 31 maio 2021.

Quadro 3 – Emissoras locais que transmitem canal aberto em Araguaína. (conclusão)

<b>EMISSORA</b>	<b>RAZÃO SOCIAL</b>	<b>CANAL</b>	<b>AFILIADA</b>
REDE VIDA EDUCAÇÃO	TELEVISÃO INDEPENDENTE DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO LTDA	16	REDE VIDA
REDE LÍDER	TELEAMA-TELEDIFUSÃO DA AMAZONIA LTDA	20	REDETV!
TV CIDADE	SB-EMPREENHIMENTOS DE COMUNICACAO S/C LTDA	26	TV CULTURA
TV CANÇÃO NOVA	FUNDAÇÃO JOÃO PAULO II	32	CANÇÃO NOVA

Fonte: Anatel, 2021.

As emissoras apresentadas no quadro 3 investem na produção de conteúdo local, seja em telejornais ou programas de entretenimento para discutir temas e assuntos de interesses diversos da população de Araguaína. Para Meneses (2010), a mídia local se constrói com base naquilo que se torna expressivo para a comunidade de determinado território.

As emissoras de TV são estruturadas pelo espaço geográfico, inclusive na definição do que seja “informação local”, mas ao mesmo tempo supera este espaço na medida em que esta proximidade pode ser definida em relação à abrangência dos públicos de interesse. (MENESES, 2010, p. 63).

Ao fim deste capítulo, alinhado com o estudo de Reis e Silva (2017, p. 12), constata-se “que a presença oficial da televisão no Tocantins ocorreu em meados dos anos 70, (...) cerca de 25 anos depois da chegada da televisão no Brasil”, portanto, antes mesmo da criação do Estado, registrando todo o processo de desmembramento e dando voz àqueles que lutaram pela emancipação do Norte de Goiás. Sendo assim, destaca-se que o resgate da trajetória da televisão tocantinense revela-se uma tarefa importante de valor histórico e cultural. No capítulo a seguir, são abordados os conceitos e práticas do telejornalismo, incluindo aspectos históricos nacional e regional, com destaque para o Tocantins.

### **3 TELEJORNALISMO: A NOVA PRAÇA PÚBLICA**

Este capítulo apresenta a trajetória do telejornalismo brasileiro entrelaçada com questões teóricas que ressaltam a televisão como referência para compreensão do mundo. Neste aspecto, são apresentadas as seis fases do telejornalismo brasileiro. Inicia-se pela presença marcante do rádio, passando pela chegada do videoteipe, da TV à cabo, do surgimento das tecnologias digitais, da utilização das mídias sociais, até a forma mais atual marcada pela interação e imersão.

#### **3.1 Telejornalismo: uma definição nada simplista**

O telejornalismo não é definido de forma simplista como o jornalismo que é visto na televisão ou aquele que é feito para televisão. Temer (2014, p. 27) aponta uma relação bem mais hermética porque “as especificidades da televisão não raro entram em conflito com os princípios que definem o próprio jornalismo”. Isto inclui as questões éticas e o conceito de um meio de prestação de serviço dentro de uma democracia.

A televisão, principalmente no Brasil, levou informação de forma ágil e gratuita para um novo público que, segundo Temer (2014), por falta de interesse ou oportunidade, não sabia ler. Por tradição, era utilizado apenas o rádio para se informar. Além disso, há as intenções de governos que usavam o veículo, com apoio de empresários, de forma ideológica. A combinação tornou a televisão uma atividade de lazer e proximidade — como as novelas que retratam o dia a dia das pessoas — e a transformou em uma vitrine acessível. Já o telejornalismo permitiu a sociedade ver, sem precisar estar em uma praça pública, o andar da política, da justiça social e da cultura. (TEMER, 2014).

Com o novo modelo de praça, agora dentro da casa das pessoas, Temer (2014) destaca que as empresas de mídia passaram a definir qual informação veicular, mesmo sabendo que, segundo princípio da ética do jornalismo, tudo o que há de mais importante precisa estar no telejornal. Mas a autora lembra que “as empresas midiáticas, e por extensão o telejornalismo, são movidas por interesses empresariais e ideológicos nem sempre perceptíveis para o grande público, e condicionados pela mediação tecnológica própria da natureza técnica deste veículo” (TEMER, 2014, p. 27-28).

Nesse aspecto, Becker (2005) faz um apontamento ao lembrar que os telejornais precisam vender credibilidade, mostrando a verdade para que, com isso, consigam atrair investimentos e lucros para as empresas. Na busca das emissoras em retratar a realidade, a

autora traz à tona o conceito de telerrealidade, que é incluir o homem e sua rotina real na tela da TV.

[...] (Os telejornais) promovem uma experiência coletiva e cotidiana de nação. Ao representar os fatos sociais, constituem a realidade social e intervêm na expressão das identidades nacionais. Produzem um território simbólico de tamanho poder que ganhou, nas reflexões críticas sobre as mediações dos meios, o conceito de telerrealidade. (BECKER, 2005, p. 54)

A autora polemiza ao dizer que não se deve acreditar em tudo que passa em um telejornal porque “criam um mundo, e não o mundo”. Mas ela explica o porquê dessa afirmação ao dizer que cada edição de um telejornal é uma versão da realidade social cotidiana. A autora ainda rebate críticas mal fundamentadas que acusam os noticiários de distorcerem os fatos. Para ela, deve ser feita uma análise do contexto a fim de procurar “perceber como estes discursos se constroem, se estruturam, produzem significações, até mesmo para denunciar ou relativizar os seus poderes; e não exatamente discutir se são verdadeiros ou falsos” (BECKER, 2005, p. 55).

A tentativa, pura e simples, de atacar o trabalho da imprensa televisiva é comparada por Machado (2005) a uma batalha, na qual conflitos se ganham e se perdem.

Como se vê, a ambiguidade “informativa” do telejornal produz incertezas nas cabeças de estrategistas e protagonistas dos conflitos, que nunca conseguem saber com clareza se o jornal é simpático ou hostil às causas alegadas e se a televisão ajuda ou atrapalha numa situação de confronto militar (MACHADO, 2005, p. 112).

Ao defender este ponto de vista, o autor considera uma certa ingenuidade a tentativa de intelectuais em provar que os telejornais não são neutros e imparciais, mas que refletem uma produção ideológica. Segundo ele, “[...] se a televisão coloca três opiniões favoráveis ao governo e apenas uma contra, não se pode deduzir que o espectador vai necessariamente endossar as opiniões majoritárias” (MACHADO, p. 112). O autor também salienta que a partir do que foi apresentado na televisão, o telespectador pode formar uma opinião não cogitada na tela. Neste sentido, Becker (2005, p. 54) ressalta que “o telejornal ordena e sistematiza o real, mas, ao mesmo tempo, é um texto aberto à interpretação do telespectador e do pesquisador”.

Retomando o pensamento de Temer (2014), se percebe que é complexa a engrenagem que constitui o telejornalismo, com peças que às vezes se encaixam, outras vezes não. Ou comparando a matemática, uma soma sem resultado definido, “sendo ao mesmo tempo a conjunção das partes, mas também algo diferente de uma somatória ou sobreposição de dados” (TEMER, 2014, p. 28). Conseguindo uma inter-relação entre esses dois pontos ao mesmo

tempo, aliada a teoria com a prática do ofício, a autora acredita que seria possível entender o telejornalismo e defende isso com dois argumentos.

O primeiro deles é que no jornalismo a informação é produzida como mercadoria ou produto, em uma espécie de fábrica pensante na qual cada operário precisa desempenhar um papel. Por se tratar de notícia, a linha de produção segue um esquema definido entre apuração, produção, reportagem, edição e exibição. O produto, no caso a informação, é anunciado, vendido — sem que se monetize diretamente, diferente dos anúncios nos intervalos comerciais dos telejornais que são comercializados — e, por último, é adquirido pelo consumidor. Dessa forma, passou-se a valorizar mais a informação pronta, do que aquelas que circulavam nos espaços públicos. (TEMER, 2014).

Mas assim como o produto, no jornalismo a notícia tem prazo de validade. Pode “vencer” ou ficar “velha”, isto é, perder o sentido caso atrase a publicação pela mídia. Essa necessidade de agilidade obriga o jornalismo a valorizar o que é inédito, encarando assim a repetição de informação já divulgada como algo contra o “sentido de noticiabilidade”. Este é o critério definido por cada veículo a partir de uma análise envolvendo público-alvo e interesses comerciais (TEMER, 2014).

A pesquisa de Guerra e Feitoza (2020, p. 406) questiona e tenta entender os métodos que definem a relevância de uma notícia. “A resposta passa pela necessidade de ir além das abordagens conceitual-descritivas de tipos e de processos para buscar o fundamento do valor-notícia”. Os autores constataram que a audiência tem um peso decisivo no que será reportado.

Toda produção jornalística visa produzir uma informação para uma audiência, e conseqüentemente se orienta pelas expectativas presumidas que essa audiência possa ter. O valor-notícia delinea o perfil da audiência, oferecendo ao jornalista as referências do seu “leitormodelo” (ECO, 1993), em torno das quais deverá orientar sua produção. (GUERRA; FEITOZA, 2020, p. 406).

É importante ressaltar que o jornalismo, sob o ponto de vista de Temer (2014), envolve uma “relação de troca ou diálogo social”, quando ao mesmo tempo que interfere na rotina das pessoas, essa interferência ajuda a retratá-las. “Nessa relação, é claro, a audiência não deve ser subestimada — ela é a própria razão de existência do jornalismo —, mas também não deve ser colocada como único ponto de tensão nas relações entre o jornalismo e a sociedade” (TEMER, 2019, p. 29).

Em um segundo argumento, Temer (2019) apresenta o telejornalismo como um produto da televisão, um aparelho tecnológico que transmite códigos que precisam ser decifrados pelo receptor. “Ver televisão, portanto, é antes de tudo embarcar em um mundo de imagens que

parecem sedutoramente reais e verdadeiras, mas que na verdade são representações” (TEMER, 2019, p. 31).

Para Vizeu (2008), os telejornais têm um papel importante para organizar o mundo deixando, de certa forma, mais fácil de compreender, quando se propõem a sistematizá-lo, além de classificar e hierarquizar a realidade. O autor considera que a mídia transmite, prepara e ainda apresenta o que está acontecendo seguindo as normas que regem o jornalismo.

Ao se debruçar no tema, Vizeu (2008, p. 78) provoca: “se a televisão ocupa este lugar de referência e contribui para que homens e mulheres possam compreender o mundo que os cerca, não é uma ousadia afirmar que o telejornalismo é uma forma de conhecimento”. Ao defender esta tese, o autor levanta outra questão: “que forma de conhecimento?”. Para ele, se trata de um conhecimento crítico que busca interpretar a realidade social, que ocorre durante o todo o caminho de produção da notícia, “desde a apuração até chegar à audiência comunicativa, num processo circular, numa semiose infinita (VIZEU, 2009, p.78-79).

Na prática jornalística só há espaço para a verdade e, no olhar de Vizeu (2009) e Temer (2014), para atingir a realidade é preciso aliar dois conhecimentos: o teórico e o prático, que muitas vezes são procedimentos já adotados rotineiramente. A junção desses dois conhecimentos possibilitou ao telejornalismo uma evolução desde quando começou no Brasil até os dias atuais. Essa linha evolutiva é dividida em fases e discutida no próximo tópico.

### **3.2 O telejornalismo em fases: uma evolução constante**

A forma de fazer conteúdo para a televisão tem passado por um processo contínuo de mudanças. O avanço da tecnologia, com a inserção de conteúdos multiplataformas, tem desafiado o jornalismo televisivo a rever, constantemente, as rotinas de produção. Ao afirmar que televisão e tecnologia andam juntas quando se discute forma e conteúdo, Silva (2018) defende também que “com o noticiário televisivo acontece o mesmo”. A televisão, segundo a autora, cresceu junto com os brasileiros e ganhou experiência com aprimoramento técnico de som e imagem, além do jeito de levar a notícia até os telespectadores.

A todo momento surgem novos desafios, porém há vestígios de permanência nos conceitos e nas formas de como o meio encara a informação jornalística. Nesse sentido, é possível pensar que ao longo de sua trajetória o telejornalismo brasileiro tenha desenvolvido práticas, que foram internalizadas pelos profissionais de TV (jornalistas, técnicos, gestores) e disseminadas pelas escolas de jornalismo, nos estúdios e nas redações, que se constituem no que podemos chamar de um “saber telejornalístico” (SILVA, 2018, p. 19-20).

Ao estudar e compreender a trajetória do jornalismo feito para a televisão no Brasil, Silva (2018) traça um perfil epistemológico do telejornalismo, a partir de seis fases, conforme o quadro a seguir:

Quadro 4 – Fases do Telejornalismo

1	Telejornalismo Falado	Herança do rádio e do cinejornalismo.
2	Telejornalismo Reportado	Início das reportagens externas a partir da chegada do videoteipe.
3	Telejornalismo All-news	Inauguração de canais por TV por assinatura e com programação especializada.
4	Telejornalismo Convergente	Surgimento das tecnologias digitais, como a ilha não-linear.
5	Telejornalismo Expandido	Utilização das mídias sociais como forma de ampliar a divulgação de conteúdo e promover aproximação com o público.
6	Telejornalismo Imersivo	Interação da notícia com o telespectador por meio de tecnologias de realidade virtual, com vídeos em 360°.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Silva (2018).

A primeira fase ganhou o nome de “falado” devido a forma com que as notícias eram levadas ao ar. O modelo imitava o rádio pela falta de recursos de imagens ilustrativas e pela voz radiofônica do apresentador de televisão. Neste período, entre as décadas de 1950 e 1960, o apresentador, que na época era chamado de locutor de notícias, tinha uma posição de destaque no noticiário. Com a escassez de imagem, ele ficava sempre em primeiro plano e em muitos momentos, em close. (SILVA, 2018)

Essas marcas são características presentes no primeiro telejornal brasileiro, o “Imagens do Dia”. O noticiário televisivo não tinha tempo específico de produção e era apresentado ao vivo por Maurício Loureiro Gama, com marcante entonação radiofônica. A transmissão começou no dia 19 de setembro de 1950, um dia depois da inauguração da TV. As imagens eram produzidas em filme 16mm, preto e branco, e o telejornal reproduzia o modelo de noticiar herdado do rádio. “O locutor lia as notícias em quadro (notas ao vivo). As imagens filmadas pelos cinegrafistas (quando existiam) eram apresentadas enquanto o locutor, ao vivo, narrava os acontecimentos” (MELLO, 2014, p. 315).

O primeiro telejornal surgiu, como descreve Mello (2014), junto com a chegada da TV ao Brasil. As notícias, em formato de grandes textos e poucas imagens, eram lidas por locutores, pois não existia a figura do jornalista apresentador. As imagens exibidas nas reportagens eram

extraídas de sobras do cinema, de documentários e, na maioria das vezes, essas imagens serviam para ilustrar situações, como enchentes e incêndios, por exemplo.

Chatô, embora fosse um conversador em muitos sentidos, percebia que o futuro da mídia apontava para a centralidade da televisão. Assim como nos filmes cinematográficos, as imagens da televisão permitem materializar realidades e valores distantes pelas imagens, manifestando seu caráter de educador informal. Mais do que isso, as imagens permitiam ampla manipulação e “construção” de realidades pautadas em objetivos econômicos e políticos (CASTRO, 2011, p. 54).

Quanto à linguagem audiovisual, o telejornal Imagem do Dia teria sofrido uma marcante influência do cinejornal na maneira de apresentar os acontecimentos aos telespectadores. É importante salientar que os cinejornais eram telejornais exibidos nos cinemas antes da exibição do filme em cartaz naquele dia. Esses telejornais apresentavam as notícias que tinham ganhado destaque naquela semana. As imagens eram feitas em planos abertos, direto, com quase nenhuma edição, acompanhado pela narração do locutor, estilo *off* (MELLO, 2014).

O início do telejornalismo brasileiro não contou com um aporte técnico que atendia todas as necessidades e exigências para exibir imagens de qualidade sobre o que se reportava. Na primeira fase, era o locutor apresentador quem assumia lugar de destaque dentro do noticiário.

Ele era o principal elemento legitimador do telejornal, era ele quem mostrava o rosto e a voz, que emprestava o seu reconhecimento profissional para dar validade ao discurso das notícias. A imagem do locutor de notícias trajado com terno e gravata, e principalmente a sua voz, eram utilizados como recursos retóricos e legitimadores, funcionando como ferramentas de persuasão que convenciam o telespectador de que a notícia era verdadeira. (MELLO, 2014, p. 317)

O avanço da tecnologia, como aponta Mello (2014), ajudou nas primeiras transformações do telejornalismo, ainda na década de 1950. A chegada do videoteipe, um gravador de imagens com fitas magnéticas, possibilitou que as reportagens fossem gravadas, editadas, assistidas e, se necessário, reeditadas antes de ir ao ar. Essa tecnologia possibilitou que os erros e falhas fossem evitados nos improvisos. Kneipp (2008) ressalta que os primeiros equipamentos eram pesados, dificultando a locomoção nas gravações externas.

Na classificação de Silva (2018), considera-se esse período como o segundo ciclo, intitulado de “Telejornalismo Reportado”. O videoteipe fez com que a programação ao vivo, aos poucos, fosse substituída pela gravada, possibilitando a reprise e provocando uma evolução de programas de auditório e entretenimento. Silva (2018, p 24.) lembra que a época foi marcada por momentos de inovação, pois “a reportagem televisiva se amplia e passa a incorporar mais



informações em nível nacional, à medida que ocorre a expansão das emissoras para o interior do país”.

Outros produtos do telejornalismo foram surgindo de forma rápida. Conforme Paternostro (1999), em 1952, o Repórter Esso foi um dos telejornais de maior sucesso. “Aqui fala o seu Repórter Esso, testemunha ocular da história”, essa frase ficou marcada neste período. Ela era pronunciada diariamente na voz de Heron Domingues, um dos pioneiros do telejornal, que nasceu no Rio de Janeiro, adaptado de um radiojornal transmitido, na época, pela *United Press International* (UPI). O noticioso tinha produção terceirizada, e a emissora tinha basicamente o papel de exibi-lo. O Repórter Esso ficou no ar até 31 de dezembro de 1970.

No ano de 1962, Fernando Barbosa Lima fez história no telejornalismo quando colocou no ar o “Jornal de Vanguarda”<sup>31</sup>. Um telejornal que teve a participação de jornalistas que se tornaram consagrados na trajetória da televisão, como Vilas Boas Corrêa e Cid Moreira. Este último era conhecido por “Sombrinha”, porque sua imagem não ia ao ar, apenas sua voz era utilizada nos videoteipes das notícias que eram veiculadas no noticioso.

Segundo Temer (2012), o Jornal de Vanguarda inovou levando para os telespectadores um texto diferenciado. As chamadas e as próprias reportagens eram mais objetivas e ricas em conteúdo. Também eram exibidas notícias internacionais. “O telejornal também revolucionou o estilo de locução, ‘temperando’ a objetividade com uma leitura mais emocional, eventualmente com toques de humor” (TEMER, 2012, p. 20). Esse também foi o primeiro noticioso a se preocupar com a estética do ambiente, passando a usar personagens e recursos do cinema de animação. Rezende (1997, p. 114) relata que “O cuidado com a imagem se refletia no visual dinâmico, em que se destacavam as caricaturas de Appe e os bonecos falantes de Borjalo”.

Durante o processo de ampliação do telejornalismo houve muito cerceamento, a partir de 1964, com a implantação do governo militar no país. Muitas emissoras de televisão fecharam as portas e as que se mantinham em funcionamento sofreram com a censura. As empresas que não se opunham ao militarismo tinham seus negócios expandidos. Já os profissionais que questionavam as imposições acabavam tendo dificuldade de exercer suas atividades (SILVA, 2018). Neste período, os telejornais evitavam veicular conteúdos polêmicos para fugir da censura.

---

<sup>31</sup>MEMÓRIA Globo. [s. d.]. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-de-vanguarda/historia/>. Acesso em: 20 jan. 2020.

Com o passar dos anos, Mello (2014) lembra que novas emissoras foram surgindo como a TV Continental, no Rio de Janeiro. Em São Paulo, foi criada a TV Excelsior. No Estado de Pernambuco duas emissoras foram abertas na capital, Recife: A TV Jornal do Commercio e a TV Rádio Clube de Pernambuco. A TV Globo, no Rio de Janeiro, foi inaugurada em abril de 1965. Dois anos mais tarde surgiu a TV Bandeirantes. Em 1968, surgiu a TV Universitária, da Universidade Federal de Pernambuco, que foi a primeira emissora educativa do país. Paralela à chegada de novas empresas televisivas de comunicação, são instaladas também torres usadas para localizar satélites via Embratel. Isso possibilitou ligar o Brasil a outros países.

A implantação da rede básica de microondas [sic] começou pelo tronco sul, abrangendo São Paulo e os estados da região Sul. O primeiro trecho da rede entrou em operação em março de 1969, interligando Curitiba a Porto Alegre. Ao longo de 1970, a Embratel instalou novos troncos de microondas [sic] de alta capacidade nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste, ativando o sistema de Discagem Direta a Distância (DDD) entre São Paulo e Porto Alegre. Na Região Amazônica, a empresa implantou em 1972 um sistema de microondas [sic] em tropo difusão, considerado o maior do gênero em operação comercial do mundo. Com exceção dos sinais de TV, o sistema de tropo difusão viabilizou o tráfego gerado por todos os serviços de telecomunicação entre a região amazônica e as principais cidades do país. Ainda em 1972, a Embratel absorveu os serviços da Radiobrás, da Italcable e da ITT Comunicações Mundiais S.A., tornando-se no ano seguinte a única operadora de serviços internacionais do Brasil com o encerramento das atividades da Western (ARAÚJO, 1995, p. 8).

A transmissão de um mesmo telejornal para atuar em rede, ao vivo, aconteceu no dia primeiro de setembro de 1969 para seis cidades: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e Brasília através do sistema de satélite construído com recursos do Fundo Nacional de Telecomunicações (MAIA, 2011). Conforme a página Memória Globo, a estreia do Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, ocorreu às 19h45 com os seguintes dizeres lidos pelos apresentadores do Hilton Gomes e Cid Moreira: “O Jornal Nacional da Rede Globo, um serviço de notícias integrando o Brasil novo, inaugura-se neste momento: imagem e som de todo o Brasil. Dentro de instantes, para vocês, a grande escalada nacional de notícias<sup>32</sup>”.

Kneipp (2008) lembra que a edição histórica, marcando o início do primeiro noticioso em cadeia nacional, destacou o momento em que o país estava sendo entregue a uma junta militar por causa dos problemas de saúde enfrentados pelo então presidente Costa e Silva. Também foram destaques naquele dia imagens dos brasileiros que assistiam obras de ampliação da Praia de Copacabana, no Rio de Janeiro; a morte de Rocky Marciano, campeão mundial dos

---

<sup>32</sup> MEMÓRIA Globo. [s. d.]. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/historia/>. Acesso em: 20 jan. 2020.

pesos pesados; e o gol do atacante Pelé, que garantiu a classificação da seleção brasileira na copa do México.

Para Roberto Marinho, fundador da emissora, a Rede Globo estava cumprindo sua missão de promover a integração nacional.

Procuramos fazer com que ela seja, de fato, um poderoso instrumento de consolidação da unidade nacional. Atingindo praticamente todo o território nacional, acredito ser evidente a contribuição da Rede Globo para a intensificação da difusão e do intercâmbio daqueles conceitos e dados de natureza cultural, social e moral – sem falar na informação pura e simples – que constituem a base do desenvolvimento nacional em todos os campos e em todos os níveis. (MARINHO, 1992 *apud* SILVA, 1985, p.32)

O Jornal Nacional, comandado pelo jornalista Armando Nogueira, foi o primeiro telejornal a apresentar reportagens em cores. Paternostro (1999) lembra que o noticioso também foi pioneiro a mostrar imagens, via satélite, de acontecimentos do mundo inteiro em tempo real, além de inovar na narrativa e no estilo da linguagem. A figura do repórter copiava o estilo americano no enquadramento, nos textos objetivos e na agilidade da produção e exibição das reportagens.

Novas mudanças começaram a ocorrer no telejornalismo brasileiro a partir da década de 1970. Com a inovação tecnológica, as emissoras passaram a investir em câmeras portáteis que utilizavam o sistema U-Matic que facilitava o transporte, pois a câmera era interligada por um cabo a uma espécie de vídeo cassete que ficava em estojos feitos de couro. Eram necessários dois operadores. Um cinegrafista e um auxiliar para carregar esse estojo interligado por cabos de áudio e vídeo. Essa integração dos aparelhos era chamada de *Electronic News Gathering* (ENG) ou Unidade Portátil de Jornalismo (UPJ). Isso deixou as gravações de externa mais dinâmicas e facilitou a mobilidade das equipes, deixando mais ágeis o registro dos acontecimentos em diversas partes do mundo (SILVA, 2018).

A chegada da TV por assinatura, no final de 1980 e começo de 1990, marca o início da terceira fase do telejornalismo, com o modelo *All News* de notícia, em meio a pressões políticas contrárias a esta modalidade de transmissão. Silva (2018) chega a afirmar que, no início, a TV paga chegou a abalar a audiência da televisão aberta pelo cardápio de conteúdo que passou a ser disponível. “O público começou a dividir sua atenção com a programação diversificada e com os canais especializados” (SILVA, 2018, p. 25).

A fase convergente do telejornalismo ocorre quando as tecnologias passaram a alterar a forma de produção, de distribuição e do consumo da notícia. A fita foi substituída pela mídia de dados e a edição de imagens não precisava seguir uma cronologia de gravação. Os cenários

dos telejornais invadiram as redações revelando faces da equipe (produtores e editores) por trás das câmeras. Outro destaque foi a inserção da internet, com notícias extras e de bastidores. “O diferencial da presença dos telejornais na internet também trouxe ao telespectador a oportunidade de ter uma parcela de participação no telejornal” (SILVA, 2018, p. 27). Essa participação, segundo a autora, acontecia por meio de chats, fóruns, enquetes e salas de bate-papo. Espaços que permitem, até hoje, os telespectadores a enviar perguntas, sugestões de pautas e emissão de opiniões.

Essa abertura para a participação dos telespectadores foi um momento de ruptura no telejornalismo brasileiro. Para Canavilhas (2015), quem antes assistia só poderia exercer exclusivamente uma função passiva de receptor, mas a inserção da nova interface possibilitou uma participação ativa no ecossistema midiático. Essa participação, segundo Cajazeira (2015), pode acontecer de três formas: direta, indireta e simultânea. A primeira ocorre a partir de canais ofertados pelas emissoras e telejornais, como seções de fale conosco, e-mail da redação ou, mais recentemente, os aplicativos de mensagens instantâneas. A indireta acontece quando o público, sem interferência alguma, comenta ou compartilha o conteúdo televisionado. A participação simultânea ocorre com a interação do telespectador em transmissões ao vivo ou gravadas.

A interação do público com o telejornal simula a existência de uma relação comunicacional ‘real’ e dissimula uma existência efetiva de presença, o que já ocorria durante o período analógico da tevê. O que existe hoje na realidade digital é uma simulação de interatividade e presença (CAJAZEIRA, 2015, p. 197).

A partir da evolução da tecnologia e do avanço da internet a televisão também passou a exibir seus conteúdos para outros formatos. Esse período foi considerado por Silva (2018) como a fase do telejornalismo expandido, que surgiu “no contexto de apropriação dos veículos de televisão pelas redes sociais que têm o audiovisual como ferramenta (principal ou não)” (SILVA, 2018, p. 28).

Analisando as redes sociais, que passaram a ser usadas pelo telejornalismo como forma de divulgação, Silva (2018) identifica três tipos de apropriações usadas pelas emissoras: narrativa de chamada, nota/comentário e narrativa de notícia. A primeira ocorre quando o repórter ou o apresentador convida os seguidores a assistir o que será divulgado no telejornal. Na nota/comentário, o jornalista faz uma apropriação para dar a opinião ou alguma informação sobre algum fato. A narrativa de notícia é a cobertura da notícia em si. “O uso dessas tecnologias

móveis demonstra a influência que a informação compartilhada via internet desempenha no noticiário de televisão” (SILVA, 2018, p 30).

Na proposta de Silva (2018), ao traçar uma epistemologia do telejornalismo, a sexta e última fase é caracterizada pelas práticas imersivas, que ampliam a interação da notícia com o telespectador por meio do uso de tecnologia ao projetar uma realidade virtual ou aumentada. Entre os exemplos das práticas imersivas estão os cenários virtuais construídos por programas de computador, as representações digitais em terceira dimensão para ilustrar uma reportagem e os vídeos 360 graus, que exploram todo o ambiente onde as imagens foram gravadas. No formato de realidade aumentada ocorre a conversa entre as imagens reais e construídas digitalmente “[...] o telespectador assiste a objetos criados digitalmente no mesmo plano que os ambientes reais” (SILVA, 2018, p. 31).

Ao apresentar as fases do telejornalismo, a autora conclui que independentemente do ciclo “os acontecimentos construídos pelas narrativas jornalísticas produzem grande impacto em nossa sociedade” (SILVA, 2018, p. 33). Essa construção começa na escolha da pauta, das fontes e até na segurança que essa notícia é repassada pelo repórter ou apresentador.

Apesar de bem definidos os períodos de cada etapa do telejornalismo nacional, diferentemente de outros Estados, no Tocantins a prática telejornalística se inicia na fase reportada. Os telejornalismos convergente e expandido também chegaram com atraso se comparado a outros centros urbanos. Parte desta história é relatada nos capítulos seguintes deste trabalho, que trazem a história, produção e conteúdo do Bom dia Tocantins da TV Anhanguera. Antes, no próximo capítulo, é detalhado o percurso metodológico utilizado nesta pesquisa para contextualizar a trajetória do noticioso tocantinense na implantação e nos anos de 2009 e 2019.

## 4 METODOLOGIA

Este trabalho se configura como uma pesquisa de abordagem qualitativa que, na perspectiva Gonzávez Rey (2002), se aplica quando o pesquisador e o pesquisado desenvolvem um diálogo constante, criando “climas de segurança, tensão intelectual, interesse, confiança, que favorecem níveis de conceituação da experiência que raramente acontecem de forma espontânea na vida cotidiana” (GONZÁVEZ REY, 2002, p. 56).

Na pesquisa qualitativa a proposta é explicar o porquê de determinadas ações, sem se preocupar em submeter a algum tipo de prova. “A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32).

Segundo Alves (2016), o trabalho com a abordagem qualitativa exige sempre que o investigador tenha em mente a preocupação em entender os eventos investigados, a partir dos contextos, sem esquecer de fazer uma descrição detalhada das condições de produção. “A procura por várias fontes favorece uma melhor contextualização do recorte feito” (ALVES, 2016).

Dentre os métodos que compõem o campo da pesquisa qualitativa, será utilizada a história oral, na perspectiva de Meihy (2010). Para o historiador, o método se caracteriza em construir um “entendimento de uma determinada situação destacada pela vivência social. [...] um recurso moderno usado para elaboração de documentos, arquivamentos e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos” (MEIHY, 2010, p. 64).

Corrêa (1978) conceitua história oral como “um conjunto de técnicas utilizadas na coleção, preparo e utilização de memórias gravadas para servirem de fonte primária a historiadores e cientistas sociais” (CORRÊA, 1978, p. 13). Na visão de Silva e Barros (2010), a história oral constitui-se como um dos instrumentos fundamentais das ciências humanas e destaca-se em ouvir e registrar os sujeitos que não tiveram voz dentro da história oficial, colocando-os dentro dela. E, com isso, segundo Thompson (1992), escrever outras versões da realidade, entendendo essa ser “complexa e multifacetada; e um mérito principal da história oral é que, em muito maior amplitude do que a maioria das fontes permite que se recrie a multiplicidade original de pontos de vista” (THOMPSON, 1992, p. 25).

Ao se debruçar sobre a história oral, Meihy (2002; 2010) apresenta quatro categorias que compõem o método. A primeira é a história oral de vida, quando o sujeito principal é o depoente. Neste caso o entrevistador deve fazer perguntas amplas de forma que as respostas

sigam uma ordem cronológica. O entrevistado jamais deverá ser contestado ao apresentar sua verdade. “Trata-se da narrativa da experiência de vida de uma pessoa” (MEIHY, 2005, p.147).

A segunda categoria é a história oral temática, que trata a entrevista como um documento para a busca de esclarecimento, no qual se percebe uma atuação do condutor por parte do entrevistador, permitindo a contestação. O entrevistado falará sobre algo específico.

É a solução que mais se aproxima das expectativas acadêmicas que confundem história oral com documentação convencional. Aliás, o caráter documental decorrente das entrevistas é o cerne desse ramo. Também é o mais considerado por jornalistas e demais pessoas que se valem de entrevistas como forma dialógica de promover discussões em torno de um assunto específico. Mesmo abrigando índices de subjetividade, a história oral temática é mais passível de confrontos que se regulam a partir de datas, fatos, nomes e situações. Quase sempre, a história oral temática equivale à formulação de documentos que se opõem às situações estabelecidas. (MEIHY; HOLANDA, 2010, p. 38)

A terceira categorização é a tradição oral, considerada por Meihy e Holanda (2010, p. 40) como “mais difícil, intrincada e bonita forma de expressão da história oral” (p. 40) se aproximando da etnografia. Utiliza-se não só a entrevista, mas através da vivência, considera o significado dos mitos, a visão de mundo de comunidades e referências do passado remoto. Por fim, a quarta categoria diz respeito a história oral testemunhal, que está relacionada ao sofrimento íntimo e pode gerar angústia ao lembrar situações traumáticas como terremotos, enchentes, doenças, entre outras. Desta forma, o autor destaca que é preciso olhar para essas situações traumáticas com atenção, pois provocam mudanças do comportamento e são importantes para a requalificação da identidade.

A escolha do método levou em consideração apontamento de diversos autores que analisam a estreita relação entre o Jornalismo e a História Oral. Ao estudar o assunto, Martinez (2016) percebeu na prática que se trata de um fértil campo de estudo para reflexões e aprimoramentos em ambas as disciplinas. Ao refletir sobre isso, Thompson (1992) sugere fazer uma correção da prática jornalística com a história oral.

Uma vez que é da natureza da maior parte dos registros existentes refletir o ponto de vista da autoridade, não é de admirar que o julgamento da história tenha, o mais das vezes, defendido a sabedoria dos poderes existentes. A história oral, ao contrário, torna possível um julgamento muito mais imparcial: as testemunhas podem, agora, ser convocadas também de entre as classes subalternas, os desprivilegiados e os derrotados. Isso propicia uma reconstrução mais realista e mais imparcial do passado, uma contestação ao relato tido como verdadeiro (THOMPSON, 1992, p.26).

Segundo Ribeiro (2015), as entrevistas são importantes para obter dados sobre o passado que não constam em arquivos e documentos escritos, iconográficos e audiovisuais. “São muitos

os usos que a pesquisa em jornalismo pode fazer dos relatos recolhidos (na realidade, produzidos) por meio da história oral” (RIBEIRO, 2015, p. 75). Nessa mesma linha de pensamento, Rouchou (2003) descreve a entrevista como um instrumento de valor inestimável à história oral e básico ao Jornalismo, tendo em vista que “poucas matérias de jornal apresentam-se sem a entrevista [...] e depois de publicadas transformam-se em documentos históricos, uma vez que vão testemunhar opiniões, contextualizar fatos, e servem a pesquisadores de várias disciplinas” (ROUCHOU, 2003, p. 5).

Neste contexto, vale ressaltar a visão de Corrêa (1978), que chama atenção para a diferença entre a história oral e a entrevista jornalística. Segundo o autor, a diferença é “[...] porque não visa sua utilização imediata, difere porque as técnicas de condução da entrevista são próprias e porque ao jornalista falta perspectiva histórica, o que não deve faltar ao historiador” (CORRÊA, 1978, p.13). Mas Rouchou (2003) rebate esta crítica defendendo semelhanças entre as duas técnicas ao apresentar a visão de Edgar Morin, que definiu o conceito de entrevista-diálogo, quando se tenta trazer uma verdade que possa estar relacionada ao entrevistado e as neoconfissões, quando surgem revelações, na maioria das vezes, inesperadas.

#### **4.1 Aplicação metodológica**

Para traçar o percurso histórico do Bom Dia Tocantins, a partir da sua criação e nos anos de 2009 e 2019, se trabalhou com a análise documental e a história oral, a partir de entrevistas com personagens envolvidos nestas três etapas do noticioso. A escolha do primeiro período se justifica pelo embasamento histórico que levou à estreia e como foi feita sua estruturação de conteúdo a ser veiculado. Quanto a 2009, por ter sido um ano marcado por investimento em infraestrutura técnica para que fosse possível dar início ao processo de convergência do telejornalismo efetivado anos mais tarde. Já no caso de 2019, por ser o modelo que vinha sendo seguido antes da pandemia, quando já era forte a presença das mídias sociais.

Com o recorte é possível fazer o comparativo das mudanças ocorridas na produção de conteúdo, técnica e linguagem do BDT, no intervalo de uma década. A história oral foi um dos pilares para o desenvolvimento desta pesquisa. Para tanto, foram entrevistados 18 profissionais, entre diretor de jornalismo, editores-chefes, apresentadores, repórteres, produtores, editor de imagens, cinegrafistas e técnicos que tiveram participação no percurso histórico do telejornal durante o período analisado, sendo estabelecido o método de história oral temática.

Meihy (2013) argumenta que a base primária para se obter sapiência é a fonte oral e que os caminhos percorridos para atingir o conhecimento é que darão legitimidade científica. “As



narrativas ganharam caráter científico quando os argumentos foram sistematizados, arranjos metodologicamente, equiparados uns aos outros em diálogo continuado e cumulativo e assumidos profissionalmente” (MEIHY, 2013, p. 34).

As entrevistas foram realizadas depois da definição do formato da gravação, dos nomes dos participantes, além do papel de cada um no contexto do telejornal. É importante destacar que, segundo Meihy (2002), não há número fixo em relação a quantidade de entrevistados, nem tão pouco critérios quantitativos estabelecidos. Para o autor, a escolha deve se basear na representatividade e na experiência com o tema.

A captação das entrevistas ocorreu, individualmente, ao longo de 2021 pela internet, por meio do aplicativo ZOOM, que oferece serviço de videoconferência. Vale ressaltar que as entrevistas foram realizadas após todos os entrevistados assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), autorizando o uso do conteúdo audiovisual das gravações para este estudo (Apêndice A). Os procedimentos seguiram o “Planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para uso; arquivamento” (MEIHY; HOLANDA, 2010, p. 15).

O ponto zero dessa pesquisa foi com a jornalista e professora Maria Eloísa Oliveira Almeida, a primeira editora-chefe e apresentadora do Bom Dia Tocantins, ainda em 1992. Ela participou da implantação do telejornal juntamente com o seu marido Lindomar Almeida, já falecido, que na época era o Gerente de Jornalismo da TV Anhanguera no Estado. A jornalista ajudou na sugestão dos entrevistados, a partir da criação do noticioso.

A base dessa trilha histórica se deu com a construção da narrativa dos diferentes personagens que foram ouvidos e pertencentes em ambos os períodos, ou mesmo ainda na implantação do telejornal. A escolha dos profissionais foi a partir dos objetivos da pesquisa, que estão divididos na seguinte linha histórica:

- 1992 – Relatar como aconteceu a estreia o Bom Dia Tocantins e o processo de implantação do telejornal na grade fixa da TV Anhanguera;
- 2009 – Destacar a formatação do telejornal e as mudanças desde a estreia;
- 2019 – Identificar os avanços tecnológicos e de linguagem dez anos depois, com a realização de um diagnóstico comparativo do ciclo de uma década do telejornal.

As entrevistas foram produzidas a partir de um contato prévio com cada um dos profissionais por e-mail, telefone, WhatsApp ou ainda pessoalmente. A lista dos profissionais

selecionados para a pesquisa está disposta nos Quadros de 4 a 5, com suas respectivas funções e data de contratação pela TV Anhanguera do Tocantins.

Quadro 5 – 1992 – Implantação do BDT, que substituiu o Bom Dia Goiás

	<b>NOME</b>	<b>FUNÇÃO</b>	<b>CONTRATAÇÃO</b>
01	Carlos Gomes	Repórter	01/05/1992
02	Davi Gouveia	Gerente Regional Gurupi	01/12/1977
03	Luiz Fernando Rocha Lima	Diretor Geral OJC/Tocantins	01/12/1988
04	Maria Eloisa Almeida	repórter e apresentadora	01/12/1990
05	Sidinei Madalena	Cinegrafista e editor de imagens	01/01/1985
06	Wagner Feitosa	Técnico de manutenção	01/01/1986

Fonte: Elaboração do autor.

Quadro 6 – 2009 – O telejornal era transmitido da capital para o todo o Tocantins

	<b>NOME</b>	<b>FUNÇÃO</b>	<b>CONTRATAÇÃO</b>
07	Cléo Oliveira	Repórter	02/02/2007
08	Graziela Guardioli	Repórter	01/08/2002
09	Jocyelma Santana	Repórter	06/03/1996
10	Noira Botelho	Produtora	08/12/2007
11	Marcel De Paula	Coordenador de Cinegrafia	01/03/1991
12	Vanusa Bastos	Produtora e Repórter	01/10/1993

Fonte: Elaboração do autor.

Quadro 7 – 2019<sup>33</sup> – O telejornal passa a ter duas horas de produção local e muda a linguagem.

	<b>NOME</b>	<b>FUNÇÃO</b>	<b>CONTRATAÇÃO</b>
13	Ana Paula Rehbein	Produtora e repórter	13/06/2005
14	Aurora Fernandes	Repórter	08/08/2014
15	Leilane Macedo	Supervisora praça Gurupi	11/08/2016
16	Jesana de Jesus	Co-apresentadora repórter do G1	17/04/2013
17	Marcelo Pereira	Editor chefe e apresentador	12/12/2018
18	Shelsea Lima	Editora executiva	15/08/2012

Fonte: Elaboração do autor.

Esses profissionais atuaram diretamente no Bom Dia Tocantins e relataram oralmente como foi essa experiência e atuação. Queiroz (1988) destaca a importância que os relatos orais desempenham, seja na transmissão ou na conservação do conhecimento como fonte de dados. “A palavra parece ter sido senão a primeira, pelo menos uma das mais antigas técnicas utilizadas para tal. Desenho e escrita lhe sucederam” (QUEIROZ, 1988, p. 16).

Foram captados o máximo de informações necessárias para o preenchimento das lacunas, formatando assim a trajetória histórica do Bom Dia Tocantins. Apesar de haver uma diversidade de tipologias de entrevistas, as perguntas foram abertas, possibilitando ao entrevistado escolher o percurso que pretende trilhar. Para Flick (2009, p. 164), a escolha deste

<sup>33</sup> O telejornal tem mudanças no comando e passa a ter duas horas de produção local.

tipo de entrevista permite “ao pesquisador abordar o mundo empírico até então estruturado do entrevistado, de um modo abrangente”. Para tanto, destaca o autor, é preciso haver uma pergunta que gere a narrativa a partir do objetivo da pesquisa.

A execução dessa etapa seguiu um roteiro semiestruturado que, para Duarte (2006), é a possibilidade de formar uma estrutura para comparar, analisar resultados e sistematizar as informações transmitidas pelos entrevistados. A proposta foi captar o máximo de informações necessárias preenchendo lacunas, formatando assim a trajetória histórica do Bom Dia Tocantins. As questões presentes no roteiro de entrevista (Apêndice B) abordam temas como função desenvolvida na emissora, dificuldades do trabalho, aporte tecnológico, equipe de trabalho, os pontos marcantes da época, entre outros assuntos.

Como foram entrevistados personagens importantes a partir da criação do Bom Dia Tocantins, os questionamentos foram dirigidos em relação aos motivos que levaram a implantação do telejornal e como era feita a exibição das notícias. Para os entrevistados referentes aos anos de 2009 e 2019, foram feitos questionamentos voltados à rotina do trabalho e quanto ao processo de construção da notícia, que muitas vezes também contava com a participação do telespectador. Todas as entrevistas (Apêndice C) foram decupadas e identificadas com *timecode*<sup>34</sup> para facilitar a localização das respostas e, a partir daí, analisá-las. Lima (2015, p. 2) chama atenção desse processo para a pesquisa:

As transcrições permitem ao pesquisador uma análise criteriosa a respeito de cada fala de seus sujeitos de pesquisa. [...] as palavras carregam consigo bastante significado. A simples leitura de uma fala me fazia pensar de maneira diferente a respeito do discurso de um sujeito de pesquisa. Importante pontuar que a ideia aqui não é decidir o que é melhor, ler transcrições ou assistir vídeos, muito pelo contrário. Acredito que as duas fontes de dados têm seu valor e devem trabalhar juntas visando a melhor análise dos dados.

As transcrições de cada depoimento foram importantes para que fosse possível montar o quebra-cabeça do percurso do Bom Dia Tocantins, possibilitando o preenchimento de algumas lacunas do decorrer da trajetória. Mas é importante destacar que nesse tipo de pesquisa é preciso considerar os silêncios, os esquecimentos, as reiteraões, a linguagem não verbal e a comparação com fontes escritas e imagéticas. Esse conjunto de fatores compõe os dados de análise (SILVA; BARROS, 2010).

Ao discorrer sobre a importância da memória para as entrevistas, Mariano (2020) apresenta a visão de José Carlos Sebe Bom Meihy, um defensor da estreita ligação entre a

---

<sup>34</sup> Código relativo à sua localização dentro do tempo de duração do vídeo. (GARCEZ; DUARTE; EISENBERG, 2011, p. 259)

memória e oralidade, que inclui também o esquecimento. Esquecer, para o historiador, é o “ponto central da memória”. Meihy explica porque acredita nisso:

É exatamente pela combinação das escolhas narrativas em contraste com o esquecimento (e do apagamento, distorção, deformações) que se justifica a subjetividade buscada pela história oral. Não é o fato histórico, ou a chamada verdade histórica que interessa, mas a versão das situações, as impressões, as imprecisões. (*apud* MARIANO, 2020, p. 221).

O trabalho textual levou em consideração três pilares importantes da metodologia, referendados pelos autores, São eles: transcrição das entrevistas, a textualização e a transcrição. Este último, Meihy (2005), diz respeito à incorporação de elementos extratextos na composição das narrativas dos entrevistados. Ainda segundo o autor, esse processo compreende a recriação do contexto da entrevista no documento escrito e leva em conta os sentidos percebidos pelo pesquisador além da narrativa e da performance do entrevistado.

#### **4.2 Outros instrumentos**

Ressalta-se que o trabalho contou ainda com revisão bibliográfica e pesquisa documental, a partir da leitura de livros, artigos científicos, reportagens em jornais impressos e televisivos. Na pesquisa documental, segundo Bravo (1991), leva-se em conta o material produzido pelo homem que pode revelar ideias, opiniões, formas de viver. A partir disto é possível elencar documentos do tipo: escrito; numérico ou estatístico; de reprodução de som e imagem; e documentos-objeto. Ainda segundo o autor, na investigação não se deve basear na simples descrição, mas na “observação que lida com todas as realizações e que as ideias sociais e as ideias humanas são produto da vida social e, portanto, quando se registra ou se reflete sobre isso, eles podem ser usados para estudá-lo indiretamente” (BRAVO, 1991, p. 283).

Durante o levantamento de documentos foram solicitados ao Centro de Documentação (Cedoc) da emissora arquivos de jornais que atendessem a combinação das palavras-chave: TV Anhanguera, Televisão, Torre, Sinal, Norte Goiano. Após o pedido por e-mail, nos foram encaminhadas dezesseis reportagens publicadas no Jornal do Tocantins e O Popular, entre os anos de 1976 e 1985.

O jornal O Popular, durante esses 80 anos, participou e contribuiu para a construção da memória de Goiânia e Goiás. Além disso, o periódico inaugurou o modelo comercial de jornalismo no estado. O Popular transcendeu a condição de documento voluntário para se transformar em um monumento, um vestígio do passado, um lugar

de memória da imprensa goiana e também da própria cidade e do estado (AZEVEDO, 2018, p. 14).

A empresa também autorizou que fosse realizada pesquisa *in loco* no acervo do Jornal do Tocantins, quando se analisou as edições impressas publicadas entre 2001 e 2018. A investigação se restringiu às datas relacionadas a marcos importantes na história da TV Anhanguera indicadas pelos profissionais entrevistados neste estudo. Também foi autorizada pela emissora (Anexo A) a pesquisa nas mídias audiovisuais dos telejornais gravadas em DVD do telejornal no ano de 2009. Para o ano de 2019, o levantamento se deu através da internet no Portal G1 Tocantins e GloboPlay, onde ficam disponibilizadas as edições diárias do noticioso. O quadro a seguir descreve a divisão das ações de acordo com os objetivos específicos da pesquisa.

Quadro 8 – Estratégias de trabalho

<b>OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	
<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b>	<b>AÇÃO</b>
Resgatar a trajetória do telejornal Bom Dia Tocantins	Pesquisa artigos de jornais, livros, periódicos especializados e entrevistas com profissionais.
Apontar como se deu a produção do telejornal em relação à linguagem, técnica e história a partir do recorte: implantação (1992) e nos anos de 2009 e 2019;	Levantamento de vídeos/documentos dos telejornais em DVD e internet
	Entrevista semiestruturada – história oral
Levantar o perfil e entrevistar os profissionais que trabalharam para o telejornal em cada período analisado;	Entrevista semiestruturada – história oral
Agrupar os espelhos disponibilizados de cada ano em dois arquivos de Excel.	Análise do conteúdo e produção de gráficos

Fonte: Elaborado pelo autor.

O caminho metodológico contou ainda com os preceitos de análise de conteúdo, caracterizado por um conjunto de instrumentos metodológicos que, segundo Bardin (2011), seguem em aperfeiçoamento constante. São aplicados a conteúdos diversificados e, no caso desta pesquisa, a análise será empregada aos estudos do telejornalismo.

Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois polos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade. Absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não aparente, o potencial de inédito (do não dito), retido por qualquer mensagem. (BARDIN, 2011, p. 15).

Os preceitos de Bardin (2011) e Jovchelovitch e Bauer (2002) foram empregados ao analisar o total de 440 espelhos<sup>35</sup> do Bom Dia Tocantins entre os meses de janeiro e outubro de cada ano pesquisado: 2009 e 2019. A limitação a outubro se deu pelo material disponibilizado para consulta. Quanto aos vídeos, para fins de organização, foram definidos os dias quinze e trinta de cada mês como base para a observação. Rezende (2000, p. 146) explica que “o espelho sintetiza a organização do telejornal em blocos, a ordem das matérias de cada bloco, bem como os intervalos comerciais, das chamadas e do encerramento”. Segue modelo de espelho:

Figura 1 – Espelho do Bom Dia Tocantins

PAG	NOTAS	RETRANCA	ORIGEM	REP	LOC	ICAB	IV	MAT	CLIP	STATUS
01	EST	ESCALADA				0.00	0.00	0.00		
02	NS	NS CHAMA BOM DIA RESPONDE				1.55	0.00	1.55	AO VIVO	1-2-1
03	VT	VT APREENSÃO ARMAS	PMS	AUR		0.20	0.00	0.20	OK	1
04	NVIVO	MANCHETE JORNAIS				0.12	2.34	2.46	REAP	2
05	SELO	TÓ NO BDT				0.44	0.00	0.44	OK	1
06	FOTO	ANTONIO PEREIRA LIMA				0.05	0.00	0.05	OK	2
07	FOTO	RAQUEL				0.12	0.00	0.12	OK	1
08	NOTA	TÓ NO BDT				0.25	0.00	0.25	OK	1
09	VT	WHATSAPP TV	PMS	AUR		0.09	2.23	2.32	OK	2
10	NP	WHATSAPP TV				0.06	0.00	0.06	OK	1
11	EST	PASSAGEM 01				0.38	0.00	0.38	OK	3
12	VT	BOM DIA EMPREGO 1		TAJ		0.00	2.50	2.50		
13	VINHETA	G1 TOCANTINS				0.08	0.39	0.47	OK	2
14	EST	G1 NOTÍCIAS		JES		0.05	0.00	0.05	OK	2
15	NS	CHAMA BOM DIA RESPONDE				0.14	3.30	3.44	OK	2-1
16	SELO	ESPORTE				0.25	0.00	0.25	OK	2
17	VINHETA	VINHETA ESPORTE				0.02	0.00	0.02	OK	1
18	VT	VT WILLIAN CICLISMO	GUR	DEB		0.00	0.03	0.03	OK	x
19	IMG	WILLIAN CICLISMO				0.16	2.41	2.57	OK	2
						0.00	0.00	0.00	OK	x

Fonte: Captura de tela espelho Bom Dia Tocantins de 09/10/2019.

Por meio de uma planilha de Excel, foi aplicado um filtro na coluna RETRANCA<sup>36</sup>, dentro do arquivo que reunia todos os espelhos de 2009, e na coluna NOTAS<sup>37</sup> em relação ao ano de 2019, para evidenciar a quantidade dos materiais que eram utilizados para o preenchimento do telejornal em cada ano pesquisado. É importante explicar que houve uma substituição do software usado para a edição dos telejornais<sup>38</sup>.

Por meio da pesquisa foi possível descobrir o tempo utilizado para as entrevistas de estúdio<sup>39</sup>; a quantidade de reportagens gravadas<sup>40</sup>; a participação ao vivo de repórteres vivo<sup>41</sup>; a presença das informações de vagas de trabalho e emprego; a previsão do tempo; os quadros

<sup>35</sup> Roteiro com ordem e descrição do material que será exibido em cada edição do telejornal.

<sup>36</sup> A coluna RETRANCA informa a descrição do formato do material que compõe o espelho, a exemplo de VT: ao se referir a reportagem grava; NET: participação ao vivo de repórter externa; VIVO: entrevista em estúdio.

<sup>37</sup> A coluna NOTAS do iNews traz a descrição do formato do material que compõe o espelho, a exemplo de VT: ao se referir a reportagem grava; NET: participação ao vivo de repórter externa; VIVO: entrevista em estúdio.

<sup>38</sup> Em 2009 a TV Anhanguera usava o programa de edição chamado de Telepal, uma adaptação do Telejor desenvolvido pela TI da emissora. A partir de fevereiro de 2015 passou a utilizar o mesmo sistema da TV Globo, o iNews – [www.avid.com/br/products/inews/features](http://www.avid.com/br/products/inews/features)

<sup>39</sup> Entrevistas concedidas em estúdio.

<sup>40</sup> Será considerada a notícia gravada por repórter e que tenha uma entrevista, no mínimo;

<sup>41</sup> Participação do repórter ao vivo em ambiente externo;

existentes em cada um dos anos investigados do telejornal. Para fins de exemplo, o quadro traz a descrição do conteúdo da edição do dia 05 de maio de 2009. Ressalta-se que o estudo irá analisar os espelhos compilados em um único arquivo para cada ano e não uma edição individual.

Quadro 9 – Avaliação da edição em vídeo do Bom Dia Tocantins<sup>42</sup>

<b>BOM DIA TOCANTINS – 2009</b>							
Data da edição	Tempo de duração	Entrevistas em	Reportagem gravada	Base emprego SINE <sup>43</sup>	Previsão do tempo	Quadros	Descrição quadro
05/05/09	45 min	3	5	3	2	1	Chamada do Jornal do Tocantins

Fonte: Elaborado pelo autor

Pouco mais de um terço da edição de terça-feira, do dia 5 de maio de 2009, foi preenchida por entrevista ao vivo em estúdio. O telejornal ainda contou com cinco reportagens gravadas, três bases com informações sobre vagas de empregos exibidas no fim de cada bloco, além duas menções sobre a previsão do tempo, sendo uma ao vivo, da parte externa; e uma por meio de off notícias sobre temperatura e umidade. A edição não contou com assuntos relacionados ao esporte. Os dados complementam os relatos coletados através das entrevistas, ajudando a formatar o percurso histórico do BDT, mensurando tecnicamente a abordagem dos assuntos no telejornal.

Vale ressaltar que esta pesquisa foi submetida ao Conselho de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal do Tocantins (UFT), obtendo parecer favorável (Anexo B) para realização do trabalho, que seguiu todas as normas vigentes que orientam as pesquisas com seres humanos. No próximo capítulo é apresentado os resultados da pesquisa, que apresenta o processo de implantação do telejornal, começando por uma pincelada na contextualização histórica oficial. Posteriormente, é traçada a história do BDT e caracterizada a produção noticiosa do telejornal, a partir da transcrição e entrelace das vozes dos profissionais entrevistados.

<sup>42</sup> Avaliação do Bom Dia Tocantins de 05 de maio de 2009.

<sup>43</sup> Sigla para Sistema Nacional de Emprego

## 5 A CONSTRUÇÃO DE UM TELEJORNAL REGIONAL: BOM DIA TOCANTINS

Este capítulo traça um percurso histórico do telejornal matinal Bom Dia Tocantins (BDT) transmitido pela TV Anhanguera, afiliada da TV Globo no Tocantins, de segunda a sexta-feira, atualmente, entre 6h e 8h30. No ar desde 4 de maio de 1992, entrou na grade da emissora três anos e sete meses depois da divisão do Estado, em substituição ao Bom Dia Goiás.

Para construir a trajetória do noticioso foi necessário levantamento bibliográfico, documental, reportagens em jornais impressos, periódicos e ainda entrevistar 18 profissionais que atuaram no telejornal no processo de implantação e nas duas fases que serão analisadas por este trabalho: 2009 e 2019. A captação das entrevistas ocorreu individualmente, pela internet, por meio de um aplicativo que oferece serviço de videoconferência. Posteriormente, as entrevistas foram transcritas e arquivadas.

### 5.1 Abrangência

O BDT foi inspirado no Bom Dia São Paulo, criado em 1977. Segundo Paternostro (1999), era um jornal matutino que chegou com a proposta de oferecer prestação de serviço, com notícias sobre previsão do tempo, trânsito e movimentação da cidade. “Em pouco tempo, as praças e emissoras afiliadas da Rede Globo implantaram o Bom Dia Praça, no mesmo horário matutino e regionalizado” (PATERNOSTRO, 1999, p. 36).

Ao todo, são 36 telejornais espalhados pelo país, ancorados pelo nome “Bom Dia”, dentro do que estudiosos apontam como o processo de regionalização do telejornalismo. “As notícias locais têm singular importância no cotidiano de um indivíduo. Na cidade contemporânea a sobrevivência diária envolve saber o que acontece à sua volta e quais as consequências de atos, fatos e decisões” (COELHO, 2020, p. 20).

No Tocantins, o BDT estreou com 30 minutos de duração, começando às 07h30. Assim como em outros Estados, trocou de horário em abril de 1996, passando a ser exibido às 07h. Em março de 1998, o telejornal passou a começar às 06h45. Quase quatro anos depois aumentou o tempo de duração para 45 minutos e ia ao ar às 06h30. Em 2011 passou a ter 60 minutos. Em dezembro de 2014, o Bom Dia Tocantins aumentou para uma hora e meia de duração, começando às 6h. Já em janeiro de 2019, o telejornal ganhou mais 30 minutos e, em 2020, mais 30 minutos, se tornando o noticioso com maior tempo no ar de notícias locais: 2h30.



Figura 2 – Cronologia de alteração no tempo de produção do Bom Dia Tocantins



Fonte: Elaborado pelo autor.

O telejornal é exibido pelas três emissoras da TV Anhanguera sediadas em Palmas, Araguaína e Gurupi, abrangendo 87 dos 138 municípios, o que corresponde a 63,04% das cidades tocantinas. A programação local é transmitida a 82,62% dos 1.578.141 habitantes. Outros 52 municípios, que correspondem a 36,96% da população, recebem o sinal da TV Globo, via satélite, com programação exclusivamente nacional (GLOBO, 2021).

Figura 3 – Mapa de cobertura da TV Anhanguera Tocantins



Fonte: Globo, 2021<sup>44</sup>.

<sup>44</sup> MAPA de mídia, Globo, 2021, Disponível em: <https://negocios8.redeglobo.com.br/Paginas/Estados.aspx?uf=TO>. Acesso em 15 abr. 2021.

No recorte é importante destacar que o único município que não entra nessa estatística é Araguaçu, no Sul do Tocantins. Devido à localização geográfica, os 8.401 moradores recebem o sinal da TV Anhanguera de Porangatu, que faz parte do mesmo grupo, mas apresenta as notícias locais do estado de Goiás.

## **5.2 Contexto histórico**

A criação do Estado do Tocantins, em 5 de outubro de 1988, foi o resultado de um movimento político ancorado por uma força popular. A chegada da 26ª unidade da Federação provocou o surgimento de um novo traçado no mapa do Brasil, confirmando a separação do território de Goiás. Ao pesquisar sobre essa parte da história nacional, Santos (2015) expõe que foi a realização de um sonho, de quase um século e meio, de moradores do antigo Norte Goiano. “Esse ato representou a conquista não apenas de um político, de uma entidade, ou de um grupo, mas de todo um povo que não suportava a exclusão” (SANTOS, 2015 p. 127).

O Estado do Tocantins foi sendo construído com a escolha de uma capital provisória, a então Miracema do Norte, logo em seguida veio a formação dos Poderes e de toda a estrutura organizacional do novo Governo. Santos (2015, p. 130) descreve que a televisão acompanhou todo processo. “Equipes de reportagem da TV Globo vieram ao Tocantins e destacaram o grande índice de imigrantes para a região e a exibição do assunto se deu no Jornal Nacional”. A repercussão provocou a chegada de novas pessoas em busca de oportunidade de trabalho em diversas áreas, incluindo profissionais da comunicação. “Eram repórteres, cinegrafistas e editores que registravam as primeiras imagens, as informações e as repercussões da construção da capital no país” (SANTOS, 2015, p. 130).

Ainda segundo o autor, o novo Estado também despertou o interesse comercial e de mercado de empresas de comunicação, que enxergaram o Tocantins como investimento rentável. Ele relata a chegada da TV Girassol, retransmissora da Rede Bandeirantes, da TV Jovem Palmas, afiliada do SBT e ainda da TV Lajeado, que retransmitia o sinal da Rede Record.

Muitas emissoras de televisão tiveram que enfrentar o ineditismo para estruturar as empresas e passar a transmitir o conteúdo produzido no novo estado. Apesar estar presente na região, antes mesmo da criação do Tocantins, conforme relatado no capítulo histórico, o Grupo Jaime Câmara precisou enviar técnicos e analistas para desenvolver os estudos que posteriormente iriam possibilitar a execução do novo projeto de expansão da Rede Anhanguera, que passa a ser afiliada da TV Globo em Goiás e, por consequência da divisão, no Tocantins.

Entre os profissionais que participaram desse percurso histórico está o então diretor geral do Grupo Jaime Câmara no Tocantins, Luiz Fernando Rocha Lima, que foi convidado pela presidência do Grupo para assumir o cargo. Ele deu início a um novo processo de expansão dos nichos de mercado da empresa de comunicação, que além da televisão, incluía rádio e jornal impresso. Luiz Fernando conta qual foi a impressão que teve ao deixar a capital goiana no fim de 1988.

Eu desembarquei em Miracema do avião da empresa para conhecer. Cheguei em novembro para fazer o reconhecimento do terreno e vi o que mais tinha presente e o que mais tinha de importante, que poderia facilitar o trabalho, era o entusiasmo das pessoas. Tanto as pessoas nativas como as que estavam indo para lá motivadas pela novidade do novo estado (ROCHA LIMA, 2021, informação verbal<sup>45</sup>).

O então diretor relata que faltava rede hoteleira e dormitórios para acomodar investidores. “Eu me instalei na rádio que a empresa tinha. O grupo tinha lá a Rádio Cultura de Miracema, que era uma casinha de cinco cômodos. Um ocupado com estúdio, outro ocupado com escritório” (ROCHA LIMA, 2021, informação verbal<sup>46</sup>).

Luiz Fernando Rocha Lima deu início a estruturação do jornalismo das emissoras do Grupo que já existiam. “As TV’s Anhanguera de Gurupi e Araguaína, naquela época, eram quase umas retransmissoras do sinal de Goiânia. Araguaína contava com um recurso técnico limitado e Gurupi um pouco melhor, porque em Gurupi tinha uma base da Embratel lá” (ROCHA LIMA, 2021, informação verbal<sup>47</sup>). Ainda segundo o ex-diretor, como não havia produção local, eventualmente eram enviadas equipes de Goiânia para fazer a cobertura jornalística na área onde hoje compreende o estado do Tocantins.

---

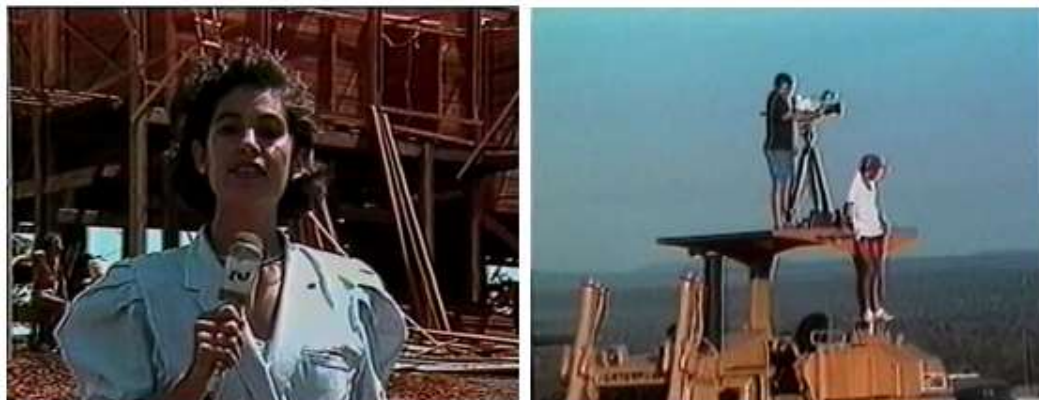
<sup>45</sup> Entrevista concedida por Luiz Fernando Rocha Lima, em 2021.



<sup>46</sup> Ibid.

<sup>47</sup> Ibid.

Figura 4<sup>48</sup> – Revezamento de equipes de Goiânia para acompanhar a construção de Palmas



Fonte: Captura de tela/TV Anhanguera, 1988.

Esse movimento de idas e vindas de profissionais de Goiás incomodava os moradores do novo Estado, que passaram a exigir uma cobertura mais focada na região desmembrada.

Eu percebi logo diante do comportamento das pessoas nativas e das que estavam ali morando, que as pessoas exigiam um tratamento que fosse identificado com as necessidades e o perfil e a história daquela, daquele povo que estava extremamente motivado pela emancipação conseguida. Então, o alinhamento com as questões de Goiás não cabia mais naquilo. Então nós, no meu esforço, junto com todas as pessoas que estavam lá, pioneiros, era de criar condições para começar a ter um noticiário e só estou falando antes da implantação do estado real que foi dia primeiro janeiro de 89, começa a criar condições para que o Estado tivesse a sua própria personalidade jornalística (ROCHA LIMA, 2021, informação verbal<sup>49</sup>).

Sem estrutura para a realização de produção jornalística, a alternativa foi passar a transmitir dos estúdios de Goiânia, via Embratel, um jornal exclusivamente com notícias que interessavam ao Tocantins, ainda no primeiro semestre de 1989.

Esse foi o primeiro passo do telejornalismo no Tocantins. A partir de Goiânia, tinha um outro apresentador. Nós produzimos todo material aonde nós tínhamos equipes. Tinha uma equipe comercial que passou a fazer algumas matérias lá de Araguaína. Tinha uma equipe de comercial que passou a fazer também algumas matérias em Gurupi. Em Miracema nós tínhamos equipes que eu trazia de Goiânia, porque não tinha profissional ainda formado para fazer esse trabalho, mas sempre aproveitando algumas pessoas que já estavam lá e se dispunham a ajudar (ROCHA LIMA, 2021, informação verbal<sup>50</sup>).

<sup>48</sup> À esquerda a repórter da TV Anhanguera de Goiânia, Solange Franco. À direita, o cinegrafista Joaquim Maranhão e o auxiliar Alberto Caetano da emissora em Goiás registravam o início da construção da capital Palmas em 1988.

<sup>49</sup> Entrevista fornecida por Luiz Fernando Rocha Lima, em 2021.



<sup>50</sup> Ibid.

Como não havia tecnologia disponível para o envio das imagens gravadas em videoteipe, era necessário encaminhar as fitas por um meio de transporte. “Nós mandávamos as fitas de VT de ônibus, de avião, de carona. Era o transporte da fita física, não era do material via eletrônico. E se ela não chegasse o jornal tinha que ir pro ar” (ROCHA LIMA, 2021, informação verbal<sup>51</sup>). Já os textos eram enviados por fax ou telex, um tipo de equipamento, ligado a uma rede similar à telefonia fixa, que retransmitia o que era datilografado para outro terminal. “Você digitava e em Goiânia, por exemplo, um texto já era imediatamente transmitido e imprimia em um papel no destino que você escolhesse. Isso era para que Goiânia editasse e apresentasse o telejornal, uma coisa de maluco, né?” (ROCHA LIMA, 2021, informação verbal<sup>52</sup>).

Alguns profissionais, que participaram do processo de implantação e ainda são funcionários da emissora, lembram das dificuldades que eram fazer as fitas gravadas chegarem à sede da emissora em Goiás.

Quando eu comecei na TV Anhanguera não existia jornalismo feito no Tocantins. Produzido no Tocantins. Então, o que era feito aqui era gravado aqui, a gente encaminhava via ônibus pra Goiânia e lá era feita a edição e esse material vinha pra ser exibido no Tocantins. Lógico que tinha aí um atraso de até de duas semanas, uma defasagem, né? Então você não conseguia trabalhar com factual, por exemplo. (DE PAULA, 2021, informação verbal<sup>53</sup>).

Atualmente, Marcel de Paula (2021) é Coordenador de Imagens, mas começou como auxiliar de cinegrafia em 1991. Ele também exerceu, por mais de vinte anos, a função de cinegrafista de externas. Ao rememorar o início da carreira, compara os desafios do passado, com o avanço na transmissão de informações que a tecnologia proporcionou.

Daqui dez, vinte anos, então, aí é que não, assim não existiu isso no Brasil. Por exemplo, você falar que gravava no Tocantins, botava num ônibus, mandava pra Goiânia pra editar e voltar, fala como? Se hoje eu faço uma *live* aqui, eu não preciso nem de satélite. Eu não preciso de nada. Eu pego meu celular, começo gravar e mostro

---

<sup>51</sup> Entrevista fornecida por Luiz Fernando Rocha Lima, em 2021.



<sup>52</sup> Ibid.

<sup>53</sup> Entrevista concedida por Marcel de Paula, em 2021.



pro mundo o que tá acontecendo. Não existiu isso. A televisão não era dessa forma. (DE PAULA, 2021, informação verbal<sup>54</sup>).

Mas antes de se pensar em produzir conteúdo jornalístico para a televisão, foi preciso montar a estrutura física, como erguer paredes de concreto e torres feitas por dezenas barras de ferro, para então implantar o parque tecnológico com os recursos disponíveis na época. O trabalho foi chefiado pelo jornalista David Gouveia, que ingressou no Grupo Jaime Câmara em 1974, ainda como estagiário, passando pela operação de áudio, direção de TV e coordenação geral.

A diretoria teve uma reunião [...] aí chegando lá eu não sabia de nada, [...] aí um diretor nosso lá, o Rocha, disse: “Davi! [...] nós estamos montando a emissora lá em Gurupi e nós queremos que você vá pra lá”. Até a expressão foi isso, você seja o nosso gerente lá em Gurupi, porque o seu Jaime prometeu como presente de Natal (de 1977), isso era outubro. Então, nossa! Você imagina mais ou menos como que é o atropelo, “E aí, você topa?” A conversa foi desse jeito. “Você topa?” Eu disse: Topo! Comigo é agora! É assim. Vamos lá! (GOUVEIA, 2021, informação verbal<sup>55</sup>).

Ao chegar em Gurupi, Gouveia (2021) descreve que não havia nenhum meio de comunicação, seja rádio, Tv ou jornal. Foi preciso uma força-tarefa de técnicos e operários para organizar a estrutura operacional e montagem de transmissores. O esforço era passar a retransmitir um conteúdo defasado em duas semanas. “Eram 15 dias em relação à Goiânia. Ela (fita com a programação) vinha de ônibus, né, nos caixotes que a gente colocava as fitas dentro, [...] depois passava em Araguaína” (GOUVEIA, 2021, informação verbal<sup>56</sup>).

Este processo cíclico ocorreu pelos seis meses seguintes, até quando foi instalada parte do satélite e repetidores de satélites. Isso permitiu encurtar o prazo para exibir a produção feita no Tocantins. O atraso passou a ser de dois dias e, meses depois, a programação passou a ser em tempo real. “A primeira transmissão que nós fizemos ao vivo mesmo foi a Copa do Mundo de 78” (GOUVEIA, 2021, informação verbal<sup>57</sup>).

---

<sup>54</sup> Ibid.

<sup>55</sup> Entrevista concedida por David Gouveia, em 2021.



<sup>56</sup> Ibid.

<sup>57</sup> Ibid.

Figura 5<sup>58</sup> – Sala de operação da TV Anhanguera de Araguaína



Fonte: Captura de tela/TV Anhanguera, 1977.

À medida que os avanços tecnológicos chegavam na região, o comportamento da cidade também começava a mudar. Gouveia (2021) revela que uma equipe técnica da emissora fazia rondas pelos bairros para verificar a potência do sinal e passou a perceber que, nas residências, o aparelho de TV foi ganhando lugar de destaque. “Parecia um mini cinema em várias casas da cidade, até que nós chegamos lá e: ‘posso dar uma olhada? Posso dar uma arrumada nessa imagem?’ A gente ajustava, afinava, pegava a sintonia fina ali, tinha a sintonia fina, colocava direitinho [...] e saía daquela casa, a gente ia para outra casa. Era fazer esse tipo uma Via Sacra” (GOUVEIA, 2021, informação verbal<sup>59</sup>). Essas alterações eram feitas pela equipe de patrulha da empresa nas casas onde a entrada era permitida.

Como possuir um aparelho de televisão ainda não era uma realidade para todos, os vizinhos se ajudavam. Segundo Gouveia (2021), o aparelho de TV era colocado em local de destaque ou fora da casa para que os vizinhos pudessem assistir também. A novidade que era transmitida na tela foi provocando uma mudança de hábitos. “Aquele costume das pessoas sentar na porta da casa da família, juntar e ficar ali batendo papo até altas horas, aquele costume foi acabando, acabando, porque a televisão vai mudando esses costumes” (GOUVEIA, 2021, informação verbal<sup>60</sup>).

<sup>58</sup> Imagem da sala de operações de Araguaína em 1977 onde ficavam armazenadas as fitas enviadas pela sede em Goiânia e depois exibidas para a região de Araguaína com, no mínimo, 15 dias de atraso.

<sup>59</sup> Entrevista concedida por David Gouveia, em 2021.



<sup>60</sup> Ibid.

Essa percepção observada no dia a dia por Gouveia (2021) confirma os estudos de Meneses (2010, p. 45), ao afirmar que “[...] a televisão pensada como nova forma cultural transformou todos os meios de comunicação existentes. [...] de transmissão da informação e até aos valores e hábitos culturais pertencentes à sociedade até então”. Nessa mesma perspectiva, Williams (2016) defende que a radiodifusão oportunizou um produto social ao oferecer o consumo de notícias, entretenimento, música, esportes e que “se o meio de comunicação – a imprensa ou a televisão – é a causa, todas as outras causas, todas aquelas que os homens habitualmente entendem como história, estão imediatamente reduzidas a efeitos” (WILLIAMS, 2016, p. 136).

Outro fato que marcou a chegada da televisão no Tocantins foi a escassez de eletricidade. Segundo Gouveia (2021), os recursos energéticos eram limitados e as cidades da região eram abastecidas por uma usina com baixíssima capacidade de produção. O funcionamento da emissora precisava seguir um horário acordado com a prefeitura. A exibição só poderia ocorrer das 10h às 14h e das 22h à meia noite. Gouveia (2021) lembra de algumas curiosidades que ficaram gravadas em sua memória:

Numa época de um jogo, dessa da Copa do Mundo (1978), terminou o jogo e eu continuei. Daqui a um pouquinho, eu vou entrar com o Fantástico, E eu joguei uma programação ali no meio, os Trapalhões que era gravado. E falei: ‘aqui a pouquinho eu vou entrar em rede novamente e eu vou continuar em rede’. Passa um pouquinho, o gerente da Companhia da CELG me liga: ‘David, pelo amor de Deus! Tira essa TV do ar, porque tá pegando fogo meu motor aqui!’ Então, [...] foi isso, assim muitas dificuldades, mesmo assim a gente fazia televisão (GOUVEIA, 2021, informação verbal<sup>61</sup>).

Com a chegada da Embratel, a partir de 1982, o conteúdo local produzido em Goiânia passou a ser retransmitido pelas emissoras de Araguaína e Gurupi. E dois anos mais tarde a televisão passou a ficar mais tempo no ar, como relata o técnico Wagner Feitosa.

Em (19)84 nós passamos a abrir a programação às seis da manhã, certo? Seis da manhã que era com o Telecurso [2000], aquela coisa toda, toda a programação da rede, mas os telejornais nossos eram de Goiânia. Era sinal satélite, o sinal da programação da rede, mas o nosso jornal local, local entre aspas, era ao vivo, mas era feito em Goiânia. Então, tinha uma transmissão exclusiva só para o Tocantins” (FEITOSA, 2021, informação verbal<sup>62</sup>).

---

<sup>61</sup> Entrevista concedida por David Gouveia, em 2021.



<sup>62</sup> Entrevista concedida por Wagner Feitosa, em 2021.





A exibição de um telejornal ao vivo para o Tocantins ocorreu em fevereiro de 1991. A edição e apresentação das notícias eram feitas a partir da TV Anhanguera de Gurupi, que gerava o sinal para as cidades circunvizinhas e para a região de alcance da TV Anhanguera de Araguaína. A capital só passou a retransmitir o noticiário local seis meses mais tarde, quando ocorreu a inauguração da torre. A jornalista Maria Eloisa de Oliveira Almeida e o marido, o também jornalista José Lindomar de Almeida, lideraram o processo de implantação.

A Jaime Câmara achou por bem mandar a gente pra lá pra montar todos esses telejornais. Porque na verdade não tinha nenhum. Todos eram transmitidos aqui (Goiânia). Tinha um programa: Jornal Anhanguera Segunda Edição, mas totalmente editado aqui (Goiânia). Por editores que nunca nem ‘conheciam’ o Tocantins. Editava aqui (Goiânia) e mandava a fita e aí a gente colocava pra rodar lá. Então quando eu cheguei aí (Gurupi/TO) era eu jornalista. O meu marido era o Chefe de Redação. O Chefe de Jornalismo aí. E aí, a gente começou a criar os telejornais. Na verdade, eu participei da criação de vários deles, né? (ALMEIDA, 2021, informação verbal<sup>63</sup>)

Entre os principais desafios estava a contratação de mão de obra. Segundo Santos (2015), ao descrever esse momento, o então responsável pelo telejornalismo, José Lindomar de Almeida, falecido em 2012<sup>64</sup>, declarou que “não havia jornalistas graduados com pretensões de mudanças para cidade. Os profissionais formados em grandes centros não iam sair da mordomia para comer poeira, ainda mais ganhando um salário baixo em Palmas” (SANTOS, 2015, p. 135).

A alternativa, como recorda Rocha Lima (2021), era buscar jornalistas que tinham algum laço com a região, mesmo sem experiência em TV, antecipando um conceito de profissional que só passaria a ser reconhecido décadas à frente.

O mais interessante disso é que, não por opção, mas por necessidade, nós criamos talvez o que depois veio a ser denominado como o repórter multimídia. Nós tínhamos jornalistas de televisão, que eventualmente tinha o seu texto aproveitado para o jornal. E tínhamos jornalistas de jornal, que eventualmente faziam matérias de televisão, pro rádio, pra tudo! (ROCHA LIMA, 2021, informação verbal<sup>65</sup>).

---

<sup>63</sup> Entrevista concedida por Maria Eloisa de Oliveira Almeida, em 2021.



<sup>64</sup> Morre jornalista pinheiro da TV Anhanguera no TO. **Jornal do Tocantins**, 04 jan. 2012, p. 7.



<sup>65</sup> Entrevista concedida por Luiz Fernando Rocha Lima, em 2021.



Santos (2015, p. 136) revela que o primeiro repórter de televisão da TV Anhanguera no Tocantins foi o jornalista Ruy Bucar, contratado sem ter nenhuma experiência em televisão, tinha apenas experiência apenas em jornal impresso. “Por ser originário da região, foi contratado pela Organização Jaime Câmara para cobrir a posse do primeiro governador, Siqueira Campos”.

O repórter Carlos Gomes, popularmente conhecido por Carlão, portuense de nascimento, saiu de Goiânia para ser correspondente do Jornal do Tocantins em Miracema do Norte. Como tinha experiência em televisão, foi convidado para ganhar um complemento salarial e trabalhar nos dois veículos.

Um dia o saudoso José Lindomar de Almeida chegou para mim:

– Carlão, você não quer ser repórter da TV? Você vai ganhar uma gratificação para ser repórter da TV e continuar no Jornal Tocantins.

A resposta foi rápida:

– Eu quero!

Aí foi onde começou a minha história na TV Anhanguera, sabe? (GOMES, 2021, informação verbal<sup>66</sup>).

Figura 6<sup>67</sup> – Carlos Gomes recém integrante da equipe de reportagem da TV Anhanguera



Fonte: Captura de tela/TV Anhanguera, 1989.

Um início foi marcado por desafios devido à falta de estrutura e de recursos humanos. “Era eu, o cinegrafista, o motorista, o auxiliar e mais ninguém. A gente passava o dia em Palmas e dormia em Porto Nacional. A gente não tinha pauta, aliás, não tinha produtor, não tinha nada”

<sup>66</sup> Entrevista concedida por Carlos Gomes, em 2021.



<sup>67</sup> Na imagem, o repórter Carlos Gomes informava sobre a data de inauguração do Palácio Araguaia em Palmas, sede do Governo do Estado, que ocorreu em 1989.

(GOMES, 2021, informação verbal<sup>68</sup>). Na época, as fitas ainda seguiam de ônibus, mas dessa vez para a emissora em Gurupi. O jornalista lembra que de vez em quando essas fitas passavam direto e seguiam para Goiânia. E houve casos de fita chegar em São Paulo. Quando algum assunto merecia destaque imediato, “urgente, muito urgente mesmo, o motorista ia lá (Gurupi) às pressas, deixava e a gente ficava esperando sem carro, sem nada. Trabalhando, às vezes, de táxi, entendeu? Com o único táxi que tinha em Palmas” (GOMES, 2021, informação verbal<sup>69</sup>).

As gravações das reportagens deixaram de ser enviadas por meio de transporte a partir de agosto de 1991, quando houve a interligação das emissoras em rede, com a chegada do sinal em Palmas. A partir daquele momento as reportagens passaram a ser geradas via fibra óptica.

Eu fui o primeiro repórter que fez entrevista ao vivo, justamente inaugurando esse sinal. A diretoria da empresa toda, sabe? Todo mundo torcendo para dar certo. Lembro como fosse hoje, na hora que terminou, o Lindomar deu um pulo pra cima, assim como se tivesse feito um gol, certo? Vibrando assim, ajoelhou e vibrou (GOMES, 2021, informação verbal<sup>70</sup>)

Mesmo com o avanço tecnológico, havia duras restrições. As reportagens produzidas na parte da manhã deveriam estar prontas até às 10h30, pois a empresa tinha apenas 30 minutos para mandar essas matérias via sinal da Embratel. No período da tarde, o espaço para geração era de uma hora.

A empresa pagava o sinal pra Embratel abrir o sinal e a gente tinha meia hora para mandar essas matérias. Eu lembro que o Lindomar mandou um ofício falando que cada matéria bruta tinha que ter no máximo 10 minutos para dar tempo de gerar até três matérias. Se você perder esse horário tinha que comprar um horário extra, [...] então a gente tinha todo cuidado com isso aí para não gerar custo para empresa, mas em caso extraordinário a gente fazia isso (GOMES, 2021, informação verbal<sup>71</sup>).

Os telejornais eram feitos em um estúdio que fora construído inicialmente para atender a campanha política de um candidato, além de trabalhos comerciais desenvolvidos pela emissora. Feitosa (2021) participou da readequação da estrutura que passou a ser utilizada pelo jornalismo. Segundo ele, houve pouco tempo para fazer ajustes na estrutura. “Tão logo concluiu-se as eleições, esse equipamento foi aproveitado pra montar o nosso estúdio. Então, nós montamos meio que às pressas porque a população cobrava muito. E aí nós começamos a

---

<sup>68</sup> Entrevista concedida por Carlos Gomes, em 2021.



<sup>69</sup> Ibid.

<sup>70</sup> Ibid.

<sup>71</sup> Ibid..

produzir nossos telejornais lá em Gurupi. Salvo engano, foi a partir de 91” (FEITOSA, 2021, informação verbal<sup>72</sup>).

Já Rocha Lima (2021) não tem dúvidas ao lembrar que a adequação da estrutura, antes usada pela publicidade, possibilitou a realização de telejornais ao vivo, apesar das limitações. A transmissão do primeiro telejornal ao vivo, produzido no Tocantins, ocorreu no dia 4 de fevereiro de 1991, a partir da TV Anhanguera de Gurupi. Para Machado (2005), fazer televisão ao vivo, em tempo real, é exaltar um dos momentos mais democráticos da história do veículo.

A estreia foi acompanhada pelo cinegrafista e editor de imagens Sidinei Madalena (2021), que descreve momentos de emoção e frustração. Um imprevisto causou alterações no roteiro e matérias não foram exibidas.

No primeiro jornal faltou energia. Nós ficamos no escuro, aí vamos tirar essa matéria, vamos tirar essa... Três minutos, vamos ver quanto tempo vai voltar a energia. Quando voltou a energia, nós já tínhamos cortado uns cinco minutos de matéria. Mas o lançamento do telejornal foi audiência total nas cidades que acompanharam a transmissão pelas emissoras de Gurupi e Araguaína. Aquilo foi uma emoção muito grande (MADALENA, 2021, informação verbal<sup>73</sup>)

Segundo Rocha Lima (2021, informação verbal<sup>74</sup>), a formatação do jornal ainda estava sendo construída, mas o foco estava no conteúdo que seria noticiado e a busca por encontrar uma forma que pudesse “oferecer um noticiário que fosse adequado às demandas da população da época e, provavelmente, não são as mesmas de hoje. Mas certamente não eram as mesmas de quando era território de Goiás”.

---

<sup>72</sup> Entrevista concedida por Wagner Feitosa, em 2021.



<sup>73</sup> Entrevista concedida por Sidinei Madalena, em 2021.



<sup>74</sup> Entrevista concedida por Luiz Fernando Rocha Lima, em 2021.



Figura 7<sup>75</sup> – Diretor Geral da OJC no Tocantins, Luiz Fernando Rocha Lima



Fonte: Captura de tela/TV Anhanguera, 1991.

A emissora estava no enalço da audiência gerada pela aceitação dos moradores/telespectadores. “Fazer um produto que fosse bem aceito, que motivasse e que fosse coerente com aquele espírito de pioneirismo e de progresso que era tomado por toda população” (ROCHA LIMA, 2021, informação verbal<sup>76</sup>). O que na aplicação de Williams (2016, p. 124), era a busca de “capturar a atenção nos primeiros momentos e reiterar a promessa de que, se ficarmos para olhar, veremos coisas emocionantes”.

### 5.3 Equipamentos

O parque tecnológico da emissora, na descrição de Feitosa (2021), era o que havia de mais moderno nos idos de 1990. Possuía equipamentos novos e a geração era umas das melhores da época. O transmissor era um Maxwell 1kW valvulado capaz de irradiar sinal de áudio e vídeo para toda a cidade de Gurupi e proximidades. Havia uma mesa de áudio Elpa com seis canais. A câmera era do tipo DXC3000A com videoteipe BVU100 acoplado, que calçava

---

<sup>75</sup> Entrevista exibida no Jornal Anhanguera Segunda Edição, de 5 de fevereiro de 1991. Ex-diretor geral fala da desvinculação da emissora sede em Goiânia, em aspectos operacionais e jornalísticos.



<sup>76</sup> Entrevista concedida por Luiz Fernando Rocha Lima, em 2021.



fitas do tipo U-matic de 20 minutos. Para exibição eram usados dois modelos de videoteipe, o VP2010 e o VP2060, ambos da marca Sony, usando fitas U-matic de 20 minutos e uma hora.

Ainda segundo Feitosa (2021), eram utilizados distribuidores de vídeo Engezel AFV7801 e distribuidores de áudio Elpa DA6003/2. Araguaína recebia o sinal dos telejornais apresentados por Gurupi via Embratel e retransmitia para as cidades do entorno através de um transmissor das mesmas especificidades. Palmas e região só passaram a receber a programação jornalística local em agosto de 1991, após a inauguração do sinal da TV Anhanguera na cidade. Esta pesquisa não irá se aprofundar nos conceitos teóricos que embasam a tecnologia e suas evoluções, mas apenas nos relatos que ajudam a descrever o recorte da época nos estudos do telejornalismo regional.

Devido a quantidade de dispositivos que formavam o equipamento de gravação U-matic – uma câmera e um gravador externo ligados por um cabo –, a equipe de reportagem era formada por quatro profissionais, como descreve De Paula (2021): um repórter, um cinegrafista, um auxiliar e um motorista. “Pra gravar, pra filmar, pra captar as imagens, eram duas pessoas no mínimo. Uma pra operar a câmera e um pra operar o VT, que era esse gravador. Um equipamento bem gigante” (DE PAULA, 2021, informação verbal<sup>77</sup>).

Figura 8<sup>78</sup> - Equipamento U-Matic usados pela TV Anhanguera na década de 1990



Fonte: Arquivos pessoais.

<sup>77</sup>Entrevista concedida por Marcel de Paula, em 2021.



<sup>78</sup> A esquerda o cinegrafista Marcel de Paula. No outro quadro a equipe de reportagem da TV Anhanguera de Araguaína formada pela repórter Jocyelma Santana, o cinegrafista Manoel Alves e o auxiliar Nilton Leal.

Para a câmera funcionar, o gravador de videoteipe, transportado dentro de uma bolsa de couro, precisava estar conectado por meio de um cabo de aproximadamente dois metros de comprimento. De Paula (2021, informação verbal<sup>79</sup>) lembra que, por causa da proximidade do cinegrafista e do operador, ambos precisavam estar sempre em sintonia. “Você não podia tá brigado com o assistente, que senão, não ia dar coisa boa. Tinha que tá com o mesmo pensamento. Porque eram 'pregados' como se fossem siameses, praticamente. A gente chamava de cordão umbilical”.

Ao falar disso, De Paula (2021) rememora algumas passagens no tempo que exemplificam o que poderia ocasionar a falta de compasso entre os dois profissionais responsáveis pela captura da imagem e do áudio: “A equipe, na cobertura de uma passeata, tentando ser ágil, o cinegrafista foi pra um lado, o assistente foi pro outro e no meio tinha um poste. Aí já viu o que deu, né?” (informação verbal<sup>80</sup>), lembra dando risadas. Madalena (2021) também não conseguiu segurar o riso quando lhe veio à mente duas reações de pessoas que o viram na rua enquanto filmava, acompanhado do auxiliar. “Nós éramos praticamente uns ET's. O povo achava esquisito demais. Nós éramos também heróis, porque falavam: são artistas! São o pessoal que tão filmando aqui” (MADALENA, 2021, informação verbal<sup>81</sup>), contou sorrindo.

Aqui destaca-se que foi possível descrever a expressão dos entrevistados devido ao método de coleta dos depoimentos. “O próprio recurso de gravação [...] resulta numa alta fidelidade à fala do personagem, permitindo utilizar diálogos e expressões pessoais que deixam a narrativa saborosa” (MARTINEZ, 2008, p. 28).

Ainda sobre o início dos trabalhos na TV Anhanguera do Tocantins, o coordenador de cinegrafia reforça que a interrupção na captação provocada por força de intervenções externas, como o incidente do poste, comprometia o trabalho. “Isso acabava apresentando muitos problemas técnicos, porque eram ligados por cabos e esses cabos sempre estavam sofrendo algum impacto e isso gerava um defeito no equipamento, que prejudicava a captação” (DE PAULA, 2021, informação verbal)<sup>82</sup>.

---

<sup>79</sup> Entrevista concedida por Marcel de Paula, em 2021.



<sup>80</sup> Ibid.

<sup>81</sup> Entrevista concedida por Sidinei Madalena, em 2021.



<sup>82</sup> Entrevista concedida por Marcel de Paula, em 2021.

As imagens e os sons eram gravados em fitas grandes, se comparadas aos cartões usados atualmente. Apesar do tamanho do dispositivo, o tempo de gravação era curto, dificultando coberturas mais longas, como a de partidas de futebol. Levando em consideração a duração oficial de cada tempo de uma partida, o então cinegrafista De Paula (2021) relatou que era preciso fazer, no mínimo, três trocas de fitas. As baterias utilizadas também não garantiam muito tempo de gravação.

Então, o risco de você estar perdendo os principais lances, perder gol, uma expulsão, um cartão amarelo, um cartão vermelho, sempre era eminente. Então, era muito complicado. Aí, mais uma vez, você tinha que tá muito bem entrosado com seu assistente, pra na hora que você planejava trocar, normalmente, você trocava uma bateria, ou uma fita, quando a bola ia pra uma lateral, porque a chance era menor. Se você fosse trocar num escanteio, por exemplo, poderia sair o gol (DE PAULA, 2021, informação verbal<sup>83</sup>).

A falta de atenção era uma das causas para o comprometimento da cobertura. Segundo Madalena (2021), acontecia de o cinegrafista pedir para trocar de fita e, em vez de substituí-la, o assistente rebobinava e a gravação acabava sendo sobreposta. Um ponto importante apontado por Madalena (2021), diz respeito ao processo que precisava ser feito religiosamente antes do início de qualquer gravação. Se fosse durante o dia, com luz do sol, era necessário fazer o balanço de branco da câmera para as imagens não ficarem escuras. Se a gravação fosse em ambiente interno, o procedimento era outro.

Para Madalena (2021), a qualidade do serviço estava ligada também à percepção e à técnica. Ele faz comparações com os equipamentos da atualidade que necessitam de poucos comandos para iniciar as gravações. No passado era bem diferente e requeria muita atenção dos cinegrafistas e operadores para evitar erros ou até mesmo perdas das gravações. Naquela época o profissional precisava ter cuidado e agilidade ao mesmo tempo ao acionar o dispositivo de gravação. Também era necessário conferir metodicamente o posicionamento da fita. “Você pega uma fala importante, você tinha que adivinhar isso uns cinco segundos antes pra não perder, né? Hoje você liga a câmera e já vai gravando direto. E naquele tempo não” (MADALENA, 2021, informação verbal<sup>84</sup>).

---

<sup>83</sup> Entrevista concedido por Marcelo de Paula, em 2021.



<sup>84</sup> Entrevista concedida por Sidinei Madalena, em 2021.





Depois de finalizada a reportagem externa, a equipe levava o material gravado para redação. Lá era preparado para exibição a partir de uma ilha não linear. Segundo Feitosa (2021), era o equipamento de ponta disponível no mercado. Porém, De Paula (2021) ressalta que os recursos eram muito limitados, por isso eram feitas poucas alterações na edição do material bruto colhido na externa.

Feitosa (2021) e De Paula (2021) contam que na edição linear significa seguir a ordem de gravação do começo ao fim – indo e voltando. O equipamento era composto por um videocassete ‘player’, no qual era colocado a reportagem gravada, e um vídeo cassete ‘recorder’, que a reportagem iria sendo montada a partir do off e das sonoras. Essa edição era feita a partir de um controle único para as duas máquinas. “Era cheia de botões. Era um equipamento cheio de peças grandes. Pra você correr uma fita, você tinha que girar um botão bem grande, tanto pra frente quando pra trás” (DE PAULA, 2021, informação verbal<sup>85</sup>).

Figura 9<sup>86</sup> – Edição linear utilizada na TV Anhanguera do Tocantins



Fonte: Captura de tela/TV Anhanguera, 2005.

Para marcar o corte de edição, ao juntar dois trechos da fala de um personagem, era preciso gravar alguns *takes* do papel branco. A fita usada nesta gravação era entregue para o editor de imagens que “reduzia aquela edição pra virar um flash. Era uma imagem curta que virava um flash. A gente chamava na edição também de branquinho, que era pra você disfarçar

<sup>85</sup> Entrevista concedido por Marcelo de Paula, em 2021.



<sup>86</sup> Editor de imagens Cláudio de Paula editando reportagem sobre movimentação nas estradas no início dos anos 2000.

um corte de uma imagem pra outra” (DE PAULA, 2021, informação verbal<sup>87</sup>). Espontaneamente, ele lembrou de outro exemplo: a distorção de áudio e vídeo quando não se poderia identificar o entrevistado. Hoje a edição permite fazer essa distorção rapidamente, porém antigamente não tinha esses recursos e para não identificar o entrevistado tinha que filmar a sombra ou a pessoa de costas.

Apesar de todos os desafios, limitações e as dificuldades enfrentadas, Madelena (2021) fica feliz em ter participado e acompanhado parte da história da televisão e do telejornalismo tocantinense. “Eu fico emocionado porque eu vejo a tecnologia hoje, como está funcionando bastante, transmissão ao vivo toda hora. Até pelo celular, coisa que naquela época nós nem sonhava isso, era difícil demais” (MADALENA, 2021, informação verbal<sup>88</sup>).

#### 5.4 BDT no ar

A estreia do Bom Dia Tocantins ocorreu no dia 4 de maio de 1992, às 7h30, no estúdio da TV Anhanguera em Gurupi, com a apresentação da jornalista Maria Eloisa Almeida. “Nós planejamos todo o jornal e tivemos a ajuda de Goiás também, claro. Reorganizamos tudo. Aí a Embratel já estava forte” (ALMEIDA, informação verbal<sup>89</sup>). A jornalista lembra que foi um dia de muita tensão. Diretores e coordenadores da cabeça de rede se deslocaram de Goiânia para acompanhar a primeira edição do BDT em Gurupi.

O lançamento do novo produto, em substituição ao era exibido a partir Goiás na mesma faixa de horário, contou com uma ampla divulgação. “Fizemos as chamadas. Devidamente anunciados, sim, à toda a população. E eles gostavam demais porque eles ficavam orgulhosos. O Tocantins agora tem um rosto, uma cara e eles gostavam muito disso” (ALMEIDA, 2021, informação verbal<sup>90</sup>).

A edição histórica foi marcada pela entrevista com o então governador do Estado, Moisés Avelino. “Muita expectativa. O governador chegou de avião no dia. Acho que foi no

---

<sup>87</sup> Entrevista concedida por Marcel de Paula, em 2021.

<sup>88</sup> Entrevista concedida por Sidinei Madalena, em 2021.



<sup>89</sup> Entrevista concedida por Maria Eloisa Almeida, em 2021.



<sup>90</sup> Ibid.

dia ou na véspera, não sei” (ALMEIDA, 2021, informação verbal<sup>91</sup>). A entrevista consumiu praticamente o tempo do telejornal, que na época tinha meia hora de duração. A estreia repercutiu em periódicos e jornais impressos da época que acompanharam a chegada do novo telejornal. A edição publicada do dia 5 de maio de 1992, do Jornal do Tocantins, apresentou a reportagem intitulada “Governador estreia ‘Bom Dia’, com alguns dos pontos abordados na entrevista ao vivo:

O Governador falou, entre outros assuntos, sobre a ferrovia Norte-Sul, reiterando sua postura contrária ao posicionamento do atual ministro dos Transportes, Afonso Camargo, que se diz opositor ao empreendedorismo. Falou ainda sobre o programa de industrialização do Estado, ZPE, e comentou o processo sucessório na Capital, acreditando ainda na força da coligação que o elegeu governador em 1989, o MST. (JORNAL DO TOCANTINS, 1992)<sup>92</sup>

Sobre a estreia do programa jornalístico, ainda de acordo com a reportagem do Jornal do Tocantins, o governador declarou que existia há muito tempo uma grande expectativa para a chegada do noticioso. “As pessoas que se destacam no Estado, na área empresarial ou na área política, vão ter oportunidade de mandar o seu recado e prestar esclarecimento à comunidade. [...] Tocantins está chegando na hora certa e é um grande trabalho na área de comunicação”. (JORNAL DO TOCANTINS, 1992).

A diretoria da emissora também se demonstrou satisfeita com a estreia ao encaminhar um memorando: “Recebam e transmitam a toda a equipe de telejornalismo da emissora no Tocantins, os cumprimentos pelo sucesso da estreia do programa ‘Bom Dia Tocantins’. Recebam também o reconhecimento desta Diretoria e a confiança no permanente empenho e eficiência”. O documento datado de 5 de maio de 1992 é assinado pelo então diretor-geral do Grupo Jaime Câmara no Estado, Luiz Fernando Rocha Lima. Ele conta que redigiu a carta para formalizar o quanto o envolvimento dos profissionais foi importante tanto para a história do Estado, como da própria empresa.

Para ganhar mais visibilidade, o BDT passou a ser transmitido pelas emissoras de rádio do grupo. Gomes (2021) conta que não houve investimento algum. A decisão foi da chefia de Jornalismo que explicou ao repórter como isso seria feito. “Aí ele falou assim: o locutor da Rádio Araguaia já está orientado, vai pegar televisão e botar perto do microfone. Então, o Bom

---

<sup>91</sup> Ibid.

<sup>92</sup> GOVERNADOR estreia “Bom Dia”. **Jornal do Tocantins**, Palmas, 5 de maio de 1992.



dia Tocantins foi transmitido assim pela rádio” (GOMES, 2021, informação verbal<sup>93</sup>). O repórter lembra que quando não estava escalado para fazer as entradas ao vivo no telejornal, ele acompanhava as notícias pelo carro na ida para o trabalho. “Eu morava em Porto, aí eu vinha ouvindo. Achei muito interessante esse negócio. Botava a televisão bem no pertinho do microfone e deixava o pau cantar até na hora que terminava. Depois entrava na programação normal da rádio” (GOMES, 2021, informação verbal<sup>94</sup>).

Ao falar da estrutura, Almeida (2021) recorda que a redação ocupava uma sala no escritório da emissora localizado no centro de Gurupi. Havia duas linhas de telefone e três máquinas de datilografar. Já o estúdio ficava distante cerca de dez quilômetros, onde estavam instaladas as torres de transmissão, às margens da BR-153. A equipe era enxuta, formada por um produtor, um redator e um repórter por período, mas muitos colegas desempenhavam diversas funções ao mesmo tempo.

Foi uma escola que valeu a pena, porque geralmente na nossa profissão a gente tem uma função específica e se dedica àquela. Quem é produtor, quem é editor, quem é o repórter, né. Ali nós tivemos que fazer tudo. Ao mesmo tempo que você era produtor, você era repórter, você era redator. Você era tudo. (ALMEIDA, 2021, informação verbal<sup>95</sup>).

Figura 10<sup>96</sup> - Maria Eloisa Almeida acumulava outras funções, como a reportagem.



Fonte: Captura de tela/TV Anhanguera, 1991.

<sup>93</sup> Entrevista concedida por Carlos Gomes, em 2021.



<sup>94</sup> Ibid.

<sup>95</sup> Entrevista concedida por Maria Eloisa Almeida, em 2021.



<sup>96</sup> A jornalista Maria Eloisa Almeida durante reportagem em Gurupi em 1991.

A rotina de trabalho era puxada. A apresentadora chegava à emissora às cinco da manhã para finalizar o roteiro do BDT, que ficava pré-produzido no dia anterior. No início, a proposta do telejornal era abordar assuntos de relevância por meio de entrevistas ao vivo e usando poucas reportagens gravadas. “O Bom Dia ele inaugurou o jornal ao vivo. Pode-se dizer assim, com todas as técnicas possíveis da época, claro. [...] mais autenticidade na matéria e dá também mais responsabilidade para o repórter. Naquela época as perguntas tinham que ser rápidas e curtas e deixar o entrevistado arrematar, né?” (ALMEIDA, 2021, informação verbal<sup>97</sup>). Eram em média três entrevistados por edição e cada emissora da rede no Estado era responsável por agendar e fazer uma entrevista. Como não havia estúdio nas outras praças, a entrada ao vivo era feita no pátio das emissoras, próximo das antenas.

A partir do investimento em tecnologia, a emissora inaugurou, em virtude dos 15 anos de implantação da TV Anhanguera de Gurupi, um novo sistema que passou a possibilitar a realização de transmissões ao vivo de alguns pontos da cidade. A edição do dia 18 de dezembro de 1992 do Jornal do Tocantins apresenta a notícia de que foi no BDT a primeira transmissão externa ao vivo para todo o Tocantins. A transmissão foi direto do ginásio de esportes de Gurupi. A reportagem ao vivo informou aos telespectadores detalhes de um show dentro da programação de aniversário da emissora.

A montagem do equipamento no ginásio, que incluía uma parabólica, contou com o trabalho técnico de Feitosa (2021, informação verbal<sup>98</sup>). “Linkamos de lá (ginásio) pra emissora. Da emissora jogamos pra Embratel e foi pro ar pra todo o Tocantins. Isso aí foi muito extraordinário”.

Sobre os assuntos que pautavam o primeiro ano do telejornal, Almeida (2021) garante que os temas, obrigatoriamente, deveriam estar ligados ao desenvolvimento do Estado. A política também era destaque no telejornal, principalmente, por conta da estruturação do governo estadual no Tocantins. A economia ainda era incipiente no novo estado. Gomes (2021) relata que foi escalado para fazer entradas ao vivo diárias sobre notícias políticas de Palmas e do Estado. Para conseguir informações, o repórter visitava todos os dias as sedes dos poderes.

---

<sup>97</sup> Entrevista concedida por Maria Eloisa Almeida, em 2021.



<sup>98</sup> Entrevista concedida por Wagner Feitosa, em 2021.



Gomes (2021, informação verbal<sup>99</sup>) reconhece que às vezes faltava precisão na notícia. “Um dia um determinado secretário foi demitido e eu falei que a principal notícia hoje política aqui é que o secretário tal, ele foi exonerado pelo governador Siqueira Campos”. A notícia foi duramente questionada, pois o secretário alegou que teria pedido demissão e não tinha sido exonerado. Gomes (2021) conta que nem sempre conseguia preencher o tempo com as informações oficiais e que algumas vezes tinha que “encher linguiça, você entendeu?”.

Todo esse processo vivenciado na fase inicial do BDT vem no contexto da regionalização midiática presente no Brasil desde a década de 1980, conforme percebido por autores como Bazi (2001) e Lima (2010). E nesse cenário, Slaviero (2009) defende que nenhuma informação interessa mais uma pessoa do que aquela que fala diretamente de sua rotina. Por isso, Curado (2002) afirma que o jornalista não pode jamais esquecer do papel que exerce ao mediar a interlocução entre fonte e comunidade. Além disso, a televisão, por sua abrangência, se torna única referência de grande parte da população, com isso o “telejornal, programa de notícia ou o noticiário está no ar com a missão de oferecer esclarecimentos sobre os fatos. O limite do jornalismo é a verdade” (CURADO, 2002, p. 17).

Para Almeida (2021, informação verbal<sup>100</sup>), falar da implantação do BDT é rememorar um momento marcante da sua carreira. “Contar a história dessa época é muito bom pra nós, pioneiros. Foi uma coisa assim, inédita, né? E pra bagagem nossa profissional. E eu penso nisso até hoje. Eu não esperava ter uma experiência dessa. Graças a Deus eu tive e valeu a pena”. Rocha Lima (2021, informação verbal<sup>101</sup>) também compartilha do mesmo sentimento. “Nós tínhamos plena consciência que aquilo era um trabalho pioneiro inédito, que nenhum profissional, pelo menos no Brasil, tinha tido oportunidade de experimentar”.

No capítulo a seguir é apresentada a análise das transformações que o telejornal sofreu em uma década. A construção do estudo tomou como base as entrevistas realizadas com os profissionais que trabalharam em cada ano pesquisado: 2009 e 2019. O editor-chefe é o fio

---

<sup>99</sup> Entrevista concedida por Carlos Gomes, em 2021.



<sup>100</sup> Entrevista concedida por Maria Eloisa Almeida, em 2021.



<sup>101</sup> Entrevista concedida por Luiz Fernando Rocha Lima, em 2021.



condutor do percurso. Também são utilizadas informações extraídas de documentos nos quais constam detalhes da produção do telejornal.

## 6 O BOM DIA TOCANTINS EM DOIS MOMENTOS: 2009 E 2019

A proposta deste capítulo é compreender as mudanças de linguagem, técnica e produção do Bom Dia Tocantins nos anos de 2009 e 2019, a partir de entrevistas de profissionais que fizeram parte da produção do telejornal. Também é feita a análise de conteúdo do programa jornalístico entre os meses de janeiro e outubro de cada ano pesquisado. A limitação a outubro se deu, como explicado na metodologia, pelo material disponibilizado para consulta.

Para Temer (2014, p. 13), influenciada por Bardin (1988) e Marques de Melo (1985), ao falar em técnica de análise aplicada ao telejornalismo é preciso “pensar o envolvimento com a produção de diferentes conteúdos”, não esquecendo do “contexto social, histórico e político no qual se dá a produção do telejornal”. A autora destaca ainda a necessidade de se olhar para os gêneros e formatos que compõem os telejornais, assim como a produção destes diferentes formatos.

Como no capítulo anterior, a base desta trilha histórica é a construção da narrativa por meio de diferentes personagens pertencentes a um ou nos dois períodos analisados. Meihy (2013) argumenta que a base primária para se obter sapiência é a fonte oral e que os caminhos percorridos para atingir o conhecimento é que darão legitimidade científica. “As narrativas ganharam caráter científico quando os argumentos foram sistematizados, arranjados metodologicamente, equiparados uns aos outros em diálogo continuado e cumulativo, e assumidos profissionalmente” (MEIHY, 2013, p. 34).

### 6.1 Pontuando percurso histórico I

Antes de discorrer sobre os anos pesquisados, a fim de contextualização histórica, se faz necessário pontuar que, a partir de 2002, o Bom Dia Tocantins passa a ter 45 minutos de duração, começando às 6h30. A mudança ocorreu em todas as afiliadas por determinação da direção da TV Globo<sup>102</sup>. Outro marco importante na linha do tempo é que, em 2 de janeiro de 2007, com ancoragem da repórter e editora Jocyelma Santana, a apresentação do telejornal passa a ser realizada do estúdio da sede, pelo canal 24 UHF, mesmo a emissora da capital não sendo uma geradora. De acordo com a direção da Organização Jaime Câmara<sup>103</sup>, a TV

---

<sup>102</sup>PROGRAMAÇÃO de TV. **Folha de São Paulo Ilustrada**, São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1601200905.htm#globo>. Acesso em: 02 maio 2021.

<sup>103</sup> LIDERANÇA consolidada. **Jornal do Tocantins**, Caderno Arte & Vida, Palmas, 15 mar. 2009.





Anhanguera de Palmas tinha status de filial e, por isso, na época, enviava o sinal direto para a matriz, que no caso era a TV Anhanguera de Gurupi. Esta, por sua vez, como geradora, transmitia o telejornal para a capital e restante do Estado. Somente em 2009, a TV Anhanguera de Palmas começa a transmitir seu sinal a partir de uma concessão geradora, se tornando oficialmente cabeça de rede, assunto tratado no decorrer deste capítulo.

## 6.2 Bom Dia Tocantins em 2009

Em 2009, com 17 anos no ar, o Bom Dia Tocantins (BDT) ainda mantém uma forte característica da estreia: o uso de entrevistas ao vivo e gravadas para o preenchimento de tempo. Eram realizadas três entrevistas diariamente no estúdio, com tempo mínimo de cinco minutos cada. Esporadicamente havia entrevista feita por repórter de externa, seja de Araguaína, Gurupi ou mesmo Palmas.

Cada edição continha, em média, seis reportagens, além de alguns quadros e a divulgação diária da previsão do tempo e de vagas de emprego. “Eu me lembro que a gente se preocupava muito com isso. Em mostrar pra população uma agenda de serviços, o que estava funcionando, o que não estava, se tinha emprego no Sine, se não tinha” (BASTOS, 2021, informação verbal<sup>104</sup>).

O BDT era comandado pela editora-chefe e apresentadora Vanusa Bastos, que tinha o desafio de levar informação atrativa logo cedo. Profissional experiente, começou a carreira na televisão em 1993 como produtora em Araguaína, antes mesmo de ter completado 18 anos de idade.

---

<sup>104</sup> Entrevista concedida por Vanusa Bastos, em 2021.



Figura 11<sup>105</sup> – Vanusa Bastos no início da carreira



Fonte: Arquivo pessoal

No mesmo ano, Bastos (2021, informação verbal<sup>106</sup>) conta que foi para Gurupi se tornando a primeira apresentadora do Globo Esporte local. “Foi bacana fazer parte desse princípio, principalmente porque eu pouco entendia de esporte, na verdade, então era um desafio maior ainda”. Sete meses depois, retornou para Araguaína como repórter titular e, em 1996, foi transferida para Palmas, também como repórter, participando de grandes coberturas que chegaram a ganhar destaque nacional em telejornais da Rede Globo. “Aí teve muita coisa, né, teve a questão da greve da PM, que a gente dormia lá, esperando, dormia lá perto do quartel ali do Primeiro Batalhão, noite e noites, esperando desenrolar de tudo aquilo” (BASTOS, 2021, informação verbal<sup>107</sup>).

Antes de se tornar editora-chefe, a profissional de televisão, com formação acadêmica em letras, foi editora adjunta de todos os telejornais da emissora. Em 2009, Bastos (2021, informação verbal) já estava na chefia do BDT e conta que o telejornal era dividido em quatro blocos, com conteúdo bem definido. “A gente começava com aquela coisa mais leve, pra acordar as pessoas, sabe, e aí depois você ia introduzindo os assuntos mais pesados”. Sobre isso a editora-chefe se referia a notícias de crimes ou denúncias, por exemplo. “E aí você sempre terminava com algo mais feliz, digamos assim, né, pra terminar bem, pra que as pessoas tivessem aquele bom dia”, a frase é concluída com risos. (BASTOS, 2021, informação verbal<sup>108</sup>)

<sup>105</sup> Registro da coletiva de imprensa da dupla Zézé de Camargo e Luciano em passagem por Araguaína.

<sup>106</sup>Entrevista concedida por Vanusa Bastos, em 2021.



<sup>107</sup> Ibid.

<sup>108</sup> Ibid.

Na divisão dos assuntos, Bastos (2021) lembra que as entrevistas iam ao ar nos três primeiros blocos. Eram entrevistados médicos, economistas, especialistas em algum assunto, além de organizadores de eventos, cursos, seminários e afins. Entre as entrevistas, eram apresentadas notícias de entretenimento e esportivas. Estas eram apresentadas geralmente no último bloco do telejornal.

Com 45 minutos de duração, a ex-editora-chefe conta que nem sempre era fácil preencher esse tempo. “O Bom Dia sempre foi o jornal maior, então, às vezes, a gente tinha a dificuldade sim. [...] Nem todo mundo está disposto a acordar de madrugada para dar uma entrevista. Às vezes você tem até o assunto, mas não consegue convencer a pessoa a dar entrevista. Não conseguia” (BASTOS, 2021, informação verbal<sup>109</sup>). Diante da dificuldade, ocorria frequentemente a repetição de uma mesma fonte.

Figura 12<sup>110</sup> – Superintendente do Sebrae no Tocantins é entrevistado em janeiro, maio e junho de 2009



Fonte: Captura de tela/TV Anhanguera, 2009.

Para evitar repetição de interlocutores e dos assuntos abordados, no fim de cada edição ocorria uma reunião de avaliação e de pauta, como conta a jornalista Noira Botelho, atual coordenadora de produção da emissora. “A gente se reunia todos os dias de manhã. A equipe com os editores, os produtores e a gente definia os assuntos: política, comportamento, comunidade, então o leque de assuntos é muito grande” (BOTELHO, 2021, informação verbal<sup>111</sup>). A pressa maior era para a escolha dos temas das entrevistas que seriam feitas pela

<sup>109</sup> Entrevista concedida por Vanusa Bastos, 2021.



<sup>110</sup> Em 26 de janeiro de 2009 a entrevista abordou detalhes dos novos benefícios oferecidos pela Lei das Micro e Pequenas Empresas; Em 08 de maio de 2009 o foco o lançamento de um projeto de incentivo a produtores de gado; Em 22 de junho de 2009 a abordagem foi a prestação de contas de uma viagem de negócios organizada pelo Sebrae ao Oriente Médio.

<sup>111</sup> Entrevista concedida por Noira Botelho, em 2021.



apresentadora, pois o telejornal não dispunha diariamente de unidade móvel para participações ao vivo de repórteres pela cidade. Eram realizadas mais entrevistas de estúdio do que links externos.

Quando eram agendadas entrevistas ao vivo na parte externa, a maioria ocorria no pátio ou no estacionamento da emissora. E assim como no estúdio, muitas vezes os repórteres escalados precisavam segurar o máximo de tempo possível. A jornalista Cléo Oliveira, que era repórter, conta que nem sempre seguia a orientação. “As entrevistas eram nessa média, cinco minutos para você falar de um serviço. [...] Eu era um pouco atrevidinha! Se me dá uma entrevista que ela não rende, eu devolvia antes do tempo e depois ganhava em outra. Não prejudicava o jornal” (OLIVEIRA, 2021, informação verbal<sup>112</sup>).

A jornalista Graziela Guardiola, que atuou como editora e apresentadora do BDT em outros anos, era repórter em 2009. Ela tinha a percepção de que “dar uma entrevista ao vivo no Bom Dia Tocantins era algo muito pesado para muitas pessoas”. Guardiola não se refere a gestores, como Secretários, por exemplo, mas “aquele técnico de ponta que vai lá atender o produtor (que) não era acostumado a dar entrevista” (GUARDIOLA, 2021, informação verbal<sup>113</sup>).

A ex-repórter lembra que muitas vezes alguns entrevistados chegavam no local da entrevista muito ansiosos, ocasionando situações embaraçosas. “A gente já teve que interromper a entrevista porque eu achava que o entrevistado ia desmaiar de nervoso. Era visível o nervosismo dele” (GUARDIOLA, 2021, informação verbal<sup>114</sup>). Segundo Noria Botelho (2021), na tentativa de não haver desconforto para o repórter, nem para a fonte da informação, ocorria sempre que possível uma conversa prévia com o entrevistado na véspera da entrevista. Botelho foi transferida em 2009, por motivos particulares, de Anápolis (GO) para Palmas. Em Goiás, ela trabalhava como repórter, mas ao chegar ao Tocantins passou a desenvolver a função de produtora.

No trabalho de produção, Botelho (2021) conta que não era fácil conseguir personagens para as reportagens, pois não havia facilidades tecnológicas como atualmente, a exemplo dos

---

<sup>112</sup> Entrevista concedida por Cléo Oliveira, em 2021.



<sup>113</sup> Entrevista concedida por Graziela Guardiola, em 2021.



<sup>114</sup> Ibid.

aplicativos de mensagens instantâneas, e as pessoas duvidavam bastante quando recebiam ligação. “A gente abria a lista telefônica, porque não tinha WhatsApp, não tinha essa internet que nós temos hoje, aí a gente elegia um número e ligava. As pessoas duvidavam: ‘- nossa, você é da TV Anhanguera?’. Daí eu falava que era da TV Anhanguera, tal. Era bastante interessante” (BOTELHO, 2021, informação verbal<sup>115</sup>).

A jornalista Aurora Fernandes, que atualmente é repórter da emissora em Palmas, trabalhava como produtora em Gurupi e passou por situações parecidas. “Nossa! Eu lembro que naquela época era muito sofrido conseguir um contato de um telefone do interior. Você tinha que ligar num *supermercado* lá de Sandolândia pra conseguir um telefone, saber se aconteceu alguma coisa” (FERNANDES, 2021, informação verbal<sup>116</sup>).

A participação de equipes do interior também era importante para a produção do BDT, fosse com reportagens gravadas ou entradas ao vivo. Mas segundo Fernandes (2021, informação verbal<sup>117</sup>), em alguns casos havia limitações técnicas e era necessário encontrar uma alternativa para que o fato fosse noticiado. “A gente fazia o ao vivo da sede administrativa que ficava dentro da cidade. Puxava um cabo na calçada e fazia o ao vivo. [...] A gente se virava. Gravava um boletim rapidinho e gerava pra ver se conseguia entrar ainda no factual daquele dia. Várias vezes a gente fez isso”.

Sobre as características dos materiais produzidos para o BDT em 2009, Fernandes (2021) conta que eram materiais mais sérios e sisudos, sem muita dinamicidade. Cléo Oliveira também relata que havia muitas “amarras” na linguagem utilizada naquela época. Um exemplo citado por ela é quanto às palavras estrangeiras, que precisavam ser soletrados em português. Para Jocyelma Santana, atual editora-chefe e apresentadora do BDT, a linguagem era mais voltada para um público com opinião crítica formada, com a condição de avaliar conteúdos mais políticos ou empresariais.

---

<sup>115</sup> Entrevista concedida por Noria Botelho, em 2021.



<sup>116</sup> Entrevista concedida por Aurora Fernandes, em 2021.



<sup>117</sup> Entrevista concedida por Aurora Fernandes, em 2021.



A evolução mais perceptível que marcou o ano do telejornal foi a mudança no layout do estúdio, que havia se mantido o mesmo por mais de uma década. O cenário do Bom Dia Tocantins era composto por uma bancada triangular bege, de bordas arredondadas e fitas de alumínio. Ao fundo havia três painéis em um degradê de cores claras nos tons de azul, amarelo e vermelho. O ambiente era o mesmo dos outros jornais.

Figura 13<sup>118</sup> – Mudança de estúdio realizada em março de 2009



Fonte: Captura de tela/TV Anhanguera, 2009.

A partir do dia 17 de março de 2009, o BDT ganhou novo visual<sup>119</sup>. Apesar de maior, a bancada manteve o formato triangular, mas agora com bordas de vidro e colunas acentuadas nas pontas. Os painéis giratórios continham fotos das avenidas largas e de pontos turísticos da capital. O estúdio passou a valorizar um espaço para entrevistas, com um anexo integrado ao cenário, onde ficava uma coluna com a identificação do telejornal. O lançamento dos novos cenários dos telejornais foi marcado também por investimentos em tecnologia de sinal. A partir daquele momento, a TV Anhanguera migrava do canal 24 UHF, para o 11 VHF<sup>120</sup>, canal que já era utilizado pelas outras duas emissoras do Grupo no Estado. A tecnologia VHF mantém a potência do UHF, porém com a frequência mais baixa, evitando interferências e ruídos<sup>121</sup>.

O assunto foi amplamente divulgado no Bom Dia Tocantins, nos demais telejornais e em outras mídias do grupo. Na edição do BDT do dia 16 de março, a diretora Geral da Organização Jaime Câmara Unidade Tocantins, Fátima Roriz, em entrevista à repórter Graziela

<sup>118</sup> À esquerda, edição do Bom Dia Tocantins de 16 de março de 2009. À direita, edição de 17 de março de 2009.

<sup>119</sup> Os novos cenários são apresentados durante a edição do Jornal Anhanguera 1.ª Edição de 16 de março de 2009. Na mesma data, o Jornal Anhanguera 2.ª também passou a ser exibido na nova configuração do estúdio.

<sup>120</sup> UHF (*Ultra High Frequency*) – alta frequência e VHF (*Very High Frequency*) – baixa frequência

<sup>121</sup> LIDERANÇA consolidada. **Jornal do Tocantins**, Caderno Arte & Vida, Palmas, 15 mar 2009.



Guardiola, disse o que a mudança de canal representava para o complexo de comunicação. “O canal 11 faz com que todas as emissoras (da TV Anhanguera) do Estado do Tocantins sejam geradoras. [...] A TV Anhanguera de Palmas tem a escritura do seu canal. Até então a gente tinha uma concessão precária. Hoje não, nós somos geradora com escritura” (RORIZ, 2009, informação verbal<sup>122</sup>).

A partir daquele momento, segundo Roriz, foi formada oficialmente a Rede Anhanguera, com as três emissoras (Araguaína, Gurupi e Palmas) do grupo sendo geradoras e não mais retransmissoras de conteúdo. “Nós somos a primeira e única TV comercial com escritura. Isso nos dá uma garantia, uma solidez. Agora nós podemos dar um passo para a TV Digital” (RORIZ, 2009, informação verbal<sup>123</sup>). A edição de 15 de março de 2009, do Jornal do Tocantins, trouxe como destaque do Caderno Arte & Vida o detalhamento da mudança de sinal. Sem mencionar valores financeiros, a reportagem explicava que o novo canal foi adquirido por meio de uma licitação e que desde o governo Fernando Henrique Cardoso, as TVs deixaram de ser permitidas através de concessão passando a ser licitadas. (JORNAL DO TOCANTINS, 2009<sup>124</sup>).

Apesar de investimentos em estrutura física e de sinal, havia ainda poucos recursos tecnológicos disponíveis para aplicação no conteúdo. Só havia uma ilha de edição não linear usada para reportagens especiais, e o restante era editado no equipamento linear ou, como era conhecido, “de corte seco”. Com isso, segundo Bastos (2021), as informações a respeito da meteorologia eram apresentadas em forma de cartela, ao trazer um desenho do mapa do Estado, com imagens que simbolizavam o tempo previsto e uma lista em texto gravado em *off*. Eram apresentadas as previsões do tempo com nome de quatro cidades e números correspondentes às temperaturas máximas e mínimas do dia. No final era apresentada a previsão da meteorologia para a capital, incluindo a situação da umidade relativa do ar.

Figura 14<sup>125</sup> – Arte cartela com informações da meteorologia usada no BDT



Fonte: Captura de tela/TV Anhanguera, 2009.

<sup>122</sup> Fátima Roriz entrevista concedida ao Bom Dia Tocantins. [mar. 2009]. Entrevistadora: Graziela Guardiola. Palmas, 2009.

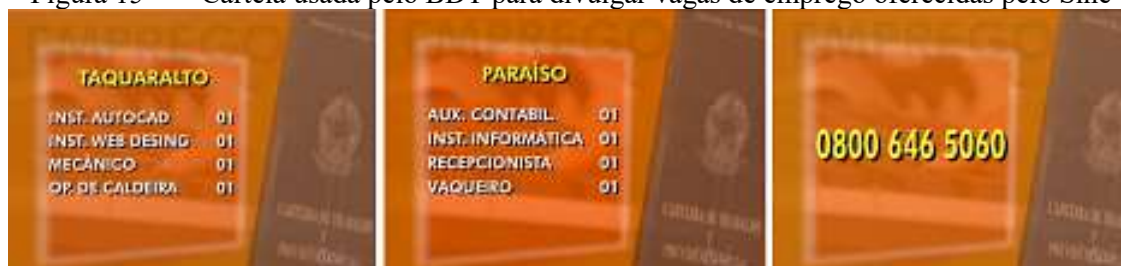
<sup>123</sup> Ibid.

<sup>124</sup> LIDERANÇA consolidada. **Jornal do Tocantins**, Caderno Arte & Vida, Palmas, 15 mar 2009.

<sup>125</sup> Formato de exibição das informações sobre a previsão em algumas regiões do Tocantins.

O formato cartela também era utilizado na divulgação das vagas de emprego, exibidas fixamente no final dos três primeiros blocos. Cada base, gravada em *off*, trazia a informação de três a cinco oportunidades de trabalho de duas diferentes unidades do Sine, espalhadas pelo Estado. A última base informava o telefone para que os interessados entrassem em contato.

Figura 15<sup>126</sup> – Cartela usada pelo BDT para divulgar vagas de emprego oferecidas pelo Sine



Fonte: Captura de tela/TV Anhanguera, 2009.

Embora tivessem as limitações tecnológicas, o BDT era o telejornal com boa audiência e apresentava o resumo do dia anterior e assuntos para o dia que se iniciava. “O telejornal era o de maior audiência porque as pessoas estavam em casa. Elas estavam acordando com a gente. [...] misturava um pouco do resumo do dia anterior, e trazia um pouco do que seria aquele dia. O que tava previsto pra aquele dia” (GUARDIOLA, informação verbal<sup>127</sup>).

Sobre isso, a jornalista Ana Paula Rehbein, que trabalha na emissora desde 2005, declara que entre as pautas recorrentes estava a atuação dos poderes. “Principalmente essa cobertura de bastidor, porque o telespectador do Tocantins sempre gostava muito desse conteúdo, e a gente focava bastante nisso” (REHBEIN, 2021, informação verbal<sup>128</sup>). Ana Paula começou na empresa atuando na produção de reportagem, depois de fazer estágio não remunerado na sucursal de Gurupi. Mudou-se para Palmas em 2007, após a transferência da cabeça de rede.

Em 2009, ela se dividia entre a produção e reportagem, principalmente de assuntos ligados à política local, com objetivo de conseguir entrevistas exclusivas com o governador e secretários. “O Poder Executivo do Tocantins sempre foi movimentado, politicamente falando. E o Bom Dia Tocantins sempre teve em cima disso. [...] O Bom Dia sempre trouxe isso de uma

<sup>126</sup> Segundo Bastos (2021), todos os dias a coordenação geral do Sine enviava uma lista contendo todas as vagas e um produtor fazia a seleção do material que seria divulgada na televisão.

<sup>127</sup> Entrevista concedida por Graziela Guardiola, em 2021.



<sup>128</sup> Entrevista concedida por Ana Paula Rehbein, em 2021.





maneira mais aprofundada que os outros telejornais porque ele sempre teve um tempo maior” (REHBEIN, 2021, informação verbal<sup>129</sup>).

Guardiola (2009) também compartilha desse pensamento. Para ela, o BDT conseguia abordar os assuntos com mais profundidade porque tinha mais tempo no ar e não se limitava a reportagens curtas de um ou dois minutos. Na avaliação de Guardiola (2021), o Bom Dia Tocantins sanava o máximo de dúvidas possíveis dos telespectadores ao ouvir “um especialista na área pra poder dar exemplos de como isso vai impactar na vida das pessoas. [...] As pessoas têm uma visão maior sobre o quanto isso impacta toda uma cadeia produtiva em função dessas análises que a gente fez com os especialistas, que vem fazendo ao longo do tempo” (GUARDIOLA, informação verbal<sup>130</sup>).

Para composição de todo o tempo disponibilizado na grade de programação, não raro o BDT reaproveitava materiais de outros telejornais, como o Jornal Anhanguera 2.<sup>a</sup> Edição e reportagens do Jornal do Campo, programa dominical voltado ao produtor rural. O inverso também acontecia. Produções exclusivas do BDT eram reutilizadas nos jornais seguintes. Isso ocorria pela relação editorialmente estreita.

Ao ser provocada, Jocyelma Santana<sup>131</sup> (2021), que era editora executiva e apresentadora do Jornal Anhanguera 1.<sup>a</sup> edição, destaca que havia uma integração das equipes entre os telejornais, mesmo porque os editores de um jornal normalmente eram assistentes da edição de outro jornal.

[...] a Vanusa era a editora-chefe do Bom Dia. Aí ela ficava dando assistência ao Primeira Edição também. [...] Considerando que a equipe era enxuta, havia sempre a necessidade de todas as mãos estarem praticamente em todos os telejornais. Quando a Vanusa, por exemplo, chegava do Bom Dia ela já dava um panorama do que tinha sido a edição, porque nem sempre dava pra gente acompanhar (SANTANA, informação verbal)<sup>132</sup>.

Esse panorama, muitas vezes era acompanhado de uma sugestão de encaminhamento de para repercussões de assuntos levantados no BDT. Dependendo da relevância e da

---

<sup>129</sup> Entrevista concedida por Ana Paula Rehbein, em 2021.



<sup>130</sup> Entrevista concedida por Graziela Guardiola, em 2021.

<sup>131</sup> Jocyelma Santana era editora-chefe e apresentadora do Jornal Anhanguera 1.<sup>a</sup> Edição quando deixou a emissora em 2017. Ao retornar, em abril de 2020, assumiu o comando do BDT.

<sup>132</sup> Entrevista concedida por Jocyelma Santana, em 2021.



necessidade, trechos de entrevistas feitas ao vivo no BDT eram reaproveitados em outros telejornais ou eram usados em reportagens feitas para repercutir assuntos abordados no BDT.

Se fazia uma tipificação dos assuntos, exemplo: se foi um Secretário de Saúde, a gente pegava trechos do que ele disse, marcando os assuntos. Sobre gestão de hospitais, aí entrava o trecho. [...] se propunha um VT. Um repórter ia pra rua, se fazia um VT novo sobre determinado aspecto, de um assunto que tinha saído no Bom Dia, mas usando um trecho de entrevista que foi exibido no Bom Dia Tocantins (SANTANA, 2021, informação verbal<sup>133</sup>).

Com a finalidade de exemplificar a cobertura de profundidade, todos os jornalistas entrevistados nesta pesquisa foram unânimes ao elencar a primeira cassação do governador Marcelo Miranda, que na época era do PMDB, como o fato de maior relevância do ano.

Minha memória é muito assustadora: foi em 26 de junho de 2009, a cassação, e depois foi julgado o recurso e ele saiu, de fato, no dia 8 de setembro de 2009. Foram duas coberturas. [...] A televisão ajudou muito as pessoas a entenderem esse processo. Eu me lembro que a gente sempre falava que RCED<sup>134</sup>, era uma sigla que fazia parte da vida do tocaninense. [...] Cada um falando um nome diferente, mas todo mundo sabia o que significava (RCED) e o que representava a sigla do recurso de cassação de expedição de diploma, acho que era isso (OLIVEIRA, 2021, informação verbal<sup>135</sup>).

Após confirmada a cassação do governador, a então repórter Graziela Guardiola fez diversas participações ao vivo no Bom Dia Tocantins dando detalhes das acusações que culminaram na saída do chefe do Poder Executivo. Marcelo Miranda e o vice, Paulo Sidney, foram condenados por abuso de poder político e econômico nas eleições de 2006. Guardiola lembra que o fato ganhou destaque em telejornais de rede nacional e canais por assinatura.

Devido a relevância e o ineditismo do assunto, o BDT fez cobertura intensa de todo o processo, a partir da denúncia, do tempo que levou para a condenação e a eleição indireta do governador interino. “Me lembro que a gente teve alguns feitos: entrevistamos primeiro

---

<sup>133</sup> Entrevista concedida por Jocyelma Santana, em 2021.



<sup>134</sup> Sigla do meio jurídico para “Recurso Contra Expedição de Diploma”, que vem a ser a atuação processual a fim de cassar o diploma de um político em mandato eletivo com o objetivo de retirá-lo do cargo definitivamente ou impedir que tome posse para o exercício do mandato para o qual foi eleito.

<sup>135</sup> Entrevista concedida por Cléo Oliveira, em 2021.



algumas pessoas envolvidas nesse processo. A TV sempre foi protagonista nessa cobertura e ainda continua” (OLIVEIRA, 2021, informação verbal<sup>136</sup>).

Outro ponto que vale destacar na trajetória do Bom Dia Tocantins em 2009 é a interatividade com o telespectador. Vanusa Bastos (2021) afirma que o telejornal não tinha perfil em redes sociais, assim como não recebia mensagens e vídeos de telespectadores via celular. O contato dos telespectadores ocorria por meio de ligações ou presencialmente.

O povo ia pra televisão. Ligava pra TV, ligava pra redação, olha e ‘tá tá tá’, dava sugestão de pauta. Tinha pra caramba sugestão de pauta. Líderes comunitários, presidente de associação e todo mundo e as pessoas mesmo, depois que aprenderam a ligar. Eles ligavam muito pra TV: - ‘eu quero fazer uma denúncia’. A senhora já foi no Ministério Público? Já foi na Defensoria, alguma coisa assim? Não! Eu quero fazer denúncia na televisão. [...] Aí a gente tinha uns critérios também, mas a televisão era assim, a fonte de desabafo do povo. [...] A TV hoje é a internet. Todo mundo que quer desabafar vai pro Facebook. Quer mostrar que tá feliz? Vai pro Instagram. Antigamente não! Nessa época, nesse tempo atrás, que a gente trabalhava na TV, o povo ia pra televisão (BASTOS, 2021, informação verbal<sup>137</sup>).

Sobre os quadros presentes no telejornal, havia somente dois: “Chamada do JTO”, apelido dado ao Jornal do Tocantins, veículo impresso pertencente ao mesmo grupo de comunicação. De produção simples, o editor-chefe ou o editor executivo gravava, na noite anterior, os destaques das notícias da edição do dia. Ao chamar o quadro, a apresentadora segurava o jornal impresso e fazia a leitura da manchete principal. Uma das câmeras direcionava o foco para o texto e, na sequência, a apresentadora convidava o telespectador a conferir mais detalhes com o editor que participou da gravação. Por não haver tiragem do jornal impresso às segundas-feiras, a chamada ia ao ar de terça à sexta-feira, sempre no fim do primeiro bloco ou início do segundo bloco.

---

<sup>136</sup> Entrevista concedida por Cléo Oliveira, em 2021.



<sup>137</sup> Entrevista concedida por Vanusa Bastos, em 2021.



Figura 16<sup>138</sup> – Tião Pinheiro apresentando os destaques do JTO



Fonte: Captura de tela/TV Anhanguera, 2009.

O outro quadro era chamado de “Momento do Esporte”, que ia ao ar na segunda-feira e na sexta-feira. Eventualmente era veiculado em outro dia da semana. Durante o quadro, a apresentadora Vanusa Bastos dividia a bancada com a apresentadora do Globo Esporte local, que na época era a jornalista Thalita Tavares. Ela era quem chamava as reportagens relacionadas às atividades esportivas. “Esporte de um modo geral. Futebol, karatê, capoeira, enfim, tinha de tudo, né? [...] Tudo o que tinha de esporte no Tocantins – Palmas, Araguaína e Gurupi – procurava se retratar” (BASTOS, 2021, informação verbal<sup>139</sup>).

Figura 17<sup>140</sup> – Thalita Tavares apresenta as notícias do esporte no BDT



Fonte: Captura de tela/TV Anhanguera, 2009.

<sup>138</sup> Tião Pinheiro era o editor-chefe do Jornal do Tocantins. Na sua ausência o quadro era gravado pelo editor-executivo, Marcelo Santos. Captura feita na edição de 1 de julho de 2009.

<sup>139</sup> Entrevista concedida por Vanusa Bastos, em 2021.



<sup>140</sup> Edição do BDT do dia 15 de junho de 2009.

O tempo de duração variava de acordo com o dia e os eventos esportivos no Estado. Costumava ser maior, chegando a no máximo dez minutos, durante o Campeonato Tocantinense de Futebol, devido a movimentação da tabela em cada rodada e particularidades dos clubes, como atraso de salários, desfalques nos próximos jogos causados por contusões, entre outros. Conforme a apresentadora à época, Vanusa Bastos, esse quadro era um dos poucos momentos do jornal no qual a linguagem era leve.

### **6.3 Pontuando percurso histórico II**

Para avançarmos neste estudo é preciso antes fazer uma nova contextualização cronológica apresentando algumas das mudanças ocorridas depois de 2009, que podem ter influenciado a forma como o telejornal foi sendo produzido até chegarmos em 2019. Entre janeiro de 2010 e dezembro de 2018, o comando do BDT passou por sete editores-chefes e 12 apresentadores. Alguns deles tiveram em dois períodos diferentes no telejornal, a exemplo do jornalista Sydney Neto, que foi apresentador de junho de 2010 a fevereiro de 2011. Depois retornou em fevereiro de 2016, ficando até fevereiro de 2017. Ressalta-se que não faz parte deste estudo analisar os motivos que levaram a mudança recorrente de chefia ou de apresentadores do telejornal.

Quanto aos investimentos em tecnologia, destaca-se a aquisição da Unidade Móvel de Jornalismo (UMJ), que possibilitou a participação ao vivo dos repórteres em localidades mais distantes da sede da emissora, desde que houvesse um tempo mínimo para a preparação do equipamento, como a elevação de uma torre acoplada ao veículo.

Outro reforço para as transmissões de externa foi o envio, da sede em Goiânia, do *flashlink*, um equipamento compacto que usa a internet para a transmissão de sons e de imagens a partir da câmera da reportagem. Destaca-se que o dispositivo era utilizado por equipes da capital goiana e, por ser usado, precisava de manutenções frequentes. As imagens também passam a ser capturadas em câmeras que utilizam cartões de memória, e as reportagens passaram a ser editadas em computadores.

É preciso deixar claro que, neste intervalo de tempo, o número de profissionais aumentou de seis para oito equipes de reportagem em Palmas. Em Araguaína, saltou de duas para quatro equipes. E Gurupi, que tinha apenas uma equipe, ganhou mais uma. Cada equipe é formada por um repórter e um cinegrafista. Além disso, dois editores de texto passaram a fechar o BDT na noite anterior, quando antes era apenas um.

No dia 21 de dezembro de 2012, o Bom Dia Tocantins e os demais telejornais da emissora passaram a contar com novos cenários. A bancada menor e moderna permitiu maior mobilidade do apresentador, que agora caminha pelo estúdio. Os antigos painéis foram substituídos por imagens que destacam a principal avenida comercial de Palmas, além da Praça dos Girassóis. Dois monitores de 55 polegadas foram incorporados à estrutura dando a chance de exibir diferentes informações ao mesmo tempo. Já para a realização de entrevistas foram adquiridas duas poltronas.

Em dezembro de 2014, o BDT inaugurou um cenário exclusivo, seguindo padrões da TV Globo. Houve o retorno da bancada maior, mas dessa vez em formato retangular, com uma base dupla de vidro com cadeiras giratórias da cor branca. Ao fundo, em vez de fotos, o mapa do estado esculpido em filetas de madeira. O novo estúdio também conta com um telão de 60 polegadas e, para as entrevistas, a opção de até três poltronas na cor vermelha.

Em relação ao tempo de duração, a partir de 2011 o BDT passou a ser exibido meia hora mais cedo, às 6h, seguindo até às 7h. Em dezembro de 2014, o telejornal ganhou mais trinta minutos, também começando às 6h e terminado às 7h30. A partir destas ponderações, vamos às análises do telejornal durante o ano de 2019, bem como suas alterações ao longo deste ano.

#### **6.4 BDT em 2019**

Passada uma década, além do nome do telejornal, apenas uma característica permanece presente: as entrevistas seguem imprescindíveis para o preenchimento do tempo, principalmente devido a ampliação de horário na grade da programação. A partir de 21 de janeiro de 2019, o maior telejornal da televisão tocantinense passou a ter duas horas de duração, começando às 6h. Outra mudança evidente foi no formato, com a retomada da figura de um único apresentador e não mais de um casal, como ocorria até dezembro de 2018. Houve também a inclusão de uma co-apresentadora, com pequenas participações ao longo da edição, que passou a ser dividida em seis blocos.

O jornalista Marcelo Pereira, com três anos e meio de formação, passou a responder pelo conteúdo e apresentar o telejornal. Também houve a proposta da emissora de promover uma ruptura na maneira como as notícias chegavam à casa dos telespectadores, quebrando a característica de um telejornal mais formal e sisudo. “Olha, foi um desafio muito grande. [...] Era um jornal mais formal, podemos dizer assim. E eu tenho esse meu jeito. Eu não sei dizer o

que é. Eu só sei que do jeito que eu sou conversando contigo agora, eu sou na tv” (PEREIRA, 2021, informação verbal<sup>141</sup>).

Antes de chegar à TV Anhanguera, Marcelo Pereira trabalhou por quase dois anos na afiliada da TV Globo, no Acre, quando teve a primeira experiência em apresentação de telejornal. “Decidiram fazer alguns pilotos comigo, com o jornal em pé, caminhando no cenário. E eu nunca tinha feito isso até então. Nem sabia pra que câmera olhar. Como é que olhava para uma câmera ou outra? E foi lá que começou tudo. Fui aprendendo” (PEREIRA, 2021, informação verbal<sup>142</sup>). O jornalista acredita que a rotina da reportagem de rua fez a diferença na sua formação, ao possibilitar que ele fosse se desenvolvendo com os links, reportagens de comportamento, entre outras atividades.

A partir da estreia do novo apresentador, no dia 7 de janeiro, foi dado início ao processo de construção de um novo conceito do telejornal marcado pela apresentação em pé, dinamismo e linguagem mais popular.

Eu comecei a abrir o jornal já em pé, caminhando, com a canequinha na mão, dando bom dia! O galo tá cantando. Vamos acordar! [...] cidades no interior do Tocantins são muito fortes e é muito comum ter o galo cantando ali, no quintal de casa. [...] É um jornal que, no início era uma hora e meia, depois passou pra duas. Uma nave que tava voando. Um tempo de voo que você cruza o Brasil de avião e o jornal tá no ar. E a gente brincava com isso. (PEREIRA, 2021, informação verbal<sup>143</sup>).

Figura 18<sup>144</sup> – Marcelo Pereira na abertura do BDT com uma caneca na mão



Fonte: Captura de tela /TV Anhanguera, 2019.

<sup>141</sup> Entrevista concedida por Marcelo Pereira, em 2021.



<sup>142</sup> Ibid.

<sup>143</sup> Ibid.

<sup>144</sup> Abertura da edição do BDT do dia 26 de março de 2019.

Mas Marcelo Pereira (2021, informação verbal<sup>145</sup>) reconhece que a nova linguagem na apresentação do BDT não agradou a todos. Algumas brincadeiras não eram encaradas com naturalidade e, por isso, não escapou de críticas. “É normal e a gente precisa respeitar, porque tem o público mais tradicionalista, mas a gente também tem que atender os dois lados. O tradicionalista quer ver informação a todo tempo”. A saída para atender o público que não se incomodava com o jeito dele foi fazer matérias mais leves, que permitissem descontrair durante a apresentação.

Ao acompanhar esse processo, a jornalista Shelsea Lima conta ter percebido que aquele telespectador mais tradicional teve uma dificuldade de adaptação. A editora executiva do BDT, que assumiu o cargo também em janeiro de 2019, esteve nessa missão da construção dessa nova fase do noticioso.

Era a época de começar a se soltar mais, mas ainda ter que achar aquele equilíbrio porque não somos programa, a gente é telejornal. [...] Eu confesso que, assim, no primeiro mês até, não foi só no primeiro dia (mês) não, sabe? Eu ficava sempre: Volta! Volta! Porque senão ele (Pereira) ia embora e virava a sala da casa dele. [...] ficava muito preocupada em estar muito atenta ao que ele (Pereira) tava falando, pra não cometer excessos. Depois foi dosando e aí eu acho que a gente encontrou o equilíbrio pra nave subir, como ele (Pereira) falava (LIMA, 2021, informação verbal<sup>146</sup>).

Shelsea Lima (2021, informação verbal<sup>147</sup>), antes de trabalhar na TV Anhanguera, passou por diversas funções em uma emissora de TV pública. “Foram 4 anos de produção, edição, cobrindo reportagem, depois eu passei a apresentar o Jornal da Manhã e no meu último ano lá eu passei pra função de Coordenadora de Telejornalismo até surgir a oportunidade na Anhanguera”. Ela entrou na TV Anhanguera como editora de texto em 2012 e, três anos depois, em um intervalo de cinco meses, chegou a assumir a bancada do telejornal, permitindo adquirir experiência de toda a dinâmica do BDT. Na época, o telejornal era marcado por poucos links e reportagens grandes. A editora executiva descreve como era a formatação do BDT, que geralmente começava com uma reportagem já exibida em outros telejornais.

A gente tinha um modelinho quadrado de começar ali com reportagens que foram reapresentadas do dia anterior e aí seguia aquela coisa de estúdio e não sei o quê [...]

---

<sup>145</sup> Entrevista concedida por Marcelo Pereira, em 2021.



<sup>146</sup> Entrevista concedida por Shelsea Lima, em 2021.



<sup>147</sup> Ibid.



começou a ter atenção ao telespectador e até um respeito maior. Não que não se tinha antes por, de forma proposital, mas a gente não enxergava isso. Que fosse uma coisinha pequena, mas que fosse algo inédito. (LIMA, 2021, informação verbal<sup>148</sup>).

Outra mudança destacada por Shelsea Lima (2021) era o reaproveitamento constante de materiais exibidos no Jornal do Campo, dominical voltado para notícias do setor rural. Ela também lembra que a nova versão do BDT passou a contar com a jornalista Jesana de Jesus, como co-apresentadora, mais presente no telejornal. Ela é repórter do G1 Tocantins desde a criação do Portal, em 2013, e começou a participar do Bom Dia Tocantins em 2014, quando foi criado o quadro “Destaques do G1 Tocantins”. A participação de Jesana também foi mudando ao longo dos anos, até chegar na versão de 2019, com mais tempo e leveza na apresentação.

Eu entrava num bloco do Bom Dia Tocantins dando os principais destaques do G1. Eram mais ou menos três destaques. Ali eu falava, enfim, as principais notícias do G1. Era aquela a minha participação. [Em outro momento] eu ficava na redação dando as notícias dali de perto dos computadores. E, então, eu tive essas duas fases também das participações do G1. Em 2019, vamos dizer que foi o divisor de águas, porque eu me lembro que o jornal era de 1h30 e foi para 2 horas e havia necessidade e o interesse de expandir o conteúdo. Eu acredito de levar uma informação mais leve para quem estava nos assistindo (DE JESUS, 2021, informação verbal<sup>149</sup>).

Figura 19<sup>150</sup> – Jesana de Jesus durante os destaques do G1 Tocantins no BDT



Fonte: Captura de tela/TV Anhanguera, 2019.

De acordo com Marcelo Pereira (2021), a equipe formada por editores, produtores e repórteres teve participação decisiva na busca de uma nova identidade ao telejornal, que se propunha a ser uma janela da casa das pessoas. Para fazer isso, ele conta que a edição passou a começar com câmeras de pontos da cidade mostrando o início do dia e movimentação.

<sup>148</sup> Ibid.

<sup>149</sup> Entrevista concedida por Jesana de Jesus, em 2021.



<sup>150</sup> Quadro G1 Tocantins na edição do BDT do dia 19 de abril de 2019.

Então, o jornal tinha um ritmo mais assim balanceado. Mas não dava pro jornal ser entretenimento. O nome já diz é um telejornal. Tem que ter informação. E gente ia em busca da informação e pra isso a produção ajudava muito. A produção era o coração do Bom Dia no período que eu estava aí. (PEREIRA, 2021, informação verbal<sup>151</sup>).

Nesse contexto, o BDT já havia atravessado a fase do telejornalismo convergente, quando as câmeras já faziam a captura de imagens em cartões de memória. Marcel de Paula (2021) lembra que a tecnologia foi disponibilizada em 2013, após a substituição das ilhas lineares por computadores. Essa mudança facilitou o processo de edição das reportagens e a construção das informações mais didáticas.

Porque lá dentro você pode criar. Pegar o mapa de Palmas, mostrando onde tá interditado ou não tá, os pontos que podem, que não podem. [...] acrescentar essa informação na tela, escrever como quer o texto lá em cima. Você vai botar uma figura, você vai animar um desenho pra poder explicar melhor uma reportagem. (DE PAULA, 2021, informação verbal<sup>152</sup>)

A repórter Aurora Fernandes (2021, informação verbal<sup>153</sup>) vai além ao dizer que com o sistema não linear é um incentivo a criatividade. “Eu gravei uma passagem, em que dividia-se a tela em cinco. Eu era cinco na tela. Sem você ver as divisões na tela. Porque dividir a tela em cinco é fácil, né? É relativamente fácil. Mas era uma mesma imagem e cinco Auras”.

---

<sup>151</sup> Entrevista concedida por Marcelo Pereira, em 2021.



<sup>152</sup> Entrevista concedida por Marcel de Paula, em 2021.



<sup>153</sup> Entrevista concedida por Aurora Fernandes, em 2021.



Figura 20<sup>154</sup> – Reportagens utilizam da tecnologia para melhor ilustração.



Fonte: Captura de tela/TV Anhanguera, 2019.

Os repórteres também tiveram que passar por uma readequação de postura e de linguagem. Aurora Fernandes (2021) acompanhou a transição e destaca que a mobilidade, os equipamentos e as entradas ao vivo possibilitaram uma maior aproximação com o público.

É como uma conversa, um bate-papo, como se você 'tivesse' na casa da pessoa tomando café da manhã com ela. Tem uma interação maior entre o apresentador e repórter que tá ali no ao vivo, uma liberdade pra fazer isso que a gente não tinha. [...] o flashlink [...] tendo internet, a gente entra ao vivo de qualquer lugar da cidade. Se isso não é aproximar a gente da notícia, levar a gente pra perto das pessoas ou não sei o que é. (FERNANDES, 2021, informação verbal<sup>155</sup>).

As equipes das emissoras de Araguaína e Gurupi também passaram a compor diariamente o cardápio do telejornal trazendo notícias das suas regiões. A jornalista Leilane Macedo, que respondia pela editoria regional de Gurupi, recordou que antes enviava apenas uma matéria para o BDT. A partir de 2019 passou a mandar matérias, ter links ao vivo todo dia e participar com entrevistados diretos de Gurupi, mas abordando assuntos de toda a região Sul do Estado.

Mas Marcelo Pereira (2021) chama a atenção para o fato de que, diferentemente de muitos Estados e das grandes cidades, Palmas não conta com muitos factuais, notícias policiais ou mesmo problemas no trânsito diariamente para mostrar no telejornal. Além disso, ele aponta o uso de recursos tecnológicos disponíveis. “A gente implantou o *Waze* logo que a gente teve a possibilidade, mas a cidade não tem muito movimento, então o *Waze*, mostrava algumas coisas, mas nem sempre tinha tanta atualização assim” (PEREIRA, 2021, informação verbal<sup>156</sup>).

<sup>154</sup> No quadro à esquerda, reportagem ‘Moradores de Palmas relembram caminhos que os trouxeram ao coração do Brasil’, exibida no Jornal Anhanguera Segunda do dia 20 de maio de 2019. No quadro à direita, reportagem ‘Homenagem ao sol do Tocantins marca os 31 anos desta terra calorosa e acolhedora’, exibida no BDT do dia 04 de outubro de 2019.

<sup>155</sup> Entrevista concedida por Aurora Fernandes, em 2021.

<sup>156</sup> Entrevista concedida por Marcelo Pereira, em 2021.

Jesana de Jesus (2021) lembrou que a utilização do aplicativo se deu após a chegada de dois tablets, nos quais era possível retransmitir as informações dos equipamentos para o telão. Ainda segundo a co-apresentadora, o trânsito da cidade não é movimentado logo no início da manhã, mas quando aparecia algum ponto de congestionamento já era mostrado em primeira mão no jornal. “Oh gente, está aparecendo um acidente aqui, vamos ficar atentos a esse trecho, desse trânsito. Você que está saindo de casa agora, tome muito cuidado” (DE JESUS, 2021, informação verbal<sup>157</sup>).

Como o alerta de acidentes não ocorria com frequência, segundo Marcelo Pereira (2021) a opção era buscar outros assuntos que pudessem retratar a vida das pessoas naquele horário. “Eu lembro que a gente chegou a entrar mesmo no ônibus e acompanhar ao vivo a vida do palmense de ponta a ponta da cidade – sul/norte leste/oeste. Foi muito bacana, a gente se aproximou mais do telespectador”. (PEREIRA, 2021, informação verbal<sup>158</sup>).

Ao explicar como era a estrutura de notícias do telejornal, houve uma pequena interrupção no áudio, hipoteticamente causada pela oscilação do sinal de internet. Sem perceber a falha, o ex-apresentador seguiu falando de alguns quadros que passaram a ser implantados. Um dos que ganhou destaque e caiu no gosto do telespectador foi o “Café do Dia”. Era um quadro veiculado às sextas-feiras. Um repórter entrava ao vivo na casa dos telespectadores para poder mostrar a rotina de uma pessoa comum. O quadro tinha até quatro participações, de cerca de três minutos cada, e com comentários durante a chamada dos intervalos. A exigência para participar do quadro era apresentar uma receita que pudesse ser acompanhada durante o jornal.

Ó lá a dona Maria faz um bolo de milho que é uma delícia, vai mostrar uma receita pra gente hoje; [...] uma receita curiosa e a gente acompanhava o passo a passo ao vivo do começo ou fim até ficar prontinho. Uma receitinha pro café da manhã ou às vezes quem sabe pra janta dele. [...] Às vezes era um bolo. Às vezes era um bolinho de queijo, às vezes era um manguão que a gente fazia pra ensinar o telespectador. (PEREIRA, 2021, informação verbal)

Marcelo Pereira (2021) também lembrou que devido às falhas técnicas de sinal e logística, as receitas passaram a ser feitas e reportadas da cozinha da própria emissora, que passou por reforma. O repórter também passou a apresentar receitas vestido à caráter, com touca e avental. Foi um quadro bem característico e ganhou destaque entre os telespectadores.

---

<sup>157</sup> Entrevista concedida por Jesana de Jesus, em 2021.



<sup>158</sup> Entrevista concedida por Marcelo Pereira, em 2021.

Figura 21<sup>159</sup> – BDT ensina receita de pizza de pequi

Fonte: Captura de tela/TV Anhanguera, 2019.

Outro quadro que é destaque no BDT e acompanha a trajetória do telejornal é a divulgação de vagas de emprego. Esse quadro segue no formato de cartela e passou a ser intitulado de “Bom Dia Emprego”. A mudança ocorreu basicamente no nome e no projeto gráfico. A cada final de bloco, o apresentador chama entre duas e três oportunidades de trabalho que são disponibilizadas nas cidades do Estado. Também é informado o número de telefone que corresponde a cada unidade do Sine onde as vagas estão disponíveis.

Figura 22<sup>160</sup>– Bom Dia Emprego

Fonte: captura de tela TV Anhanguera (2019)

Na época a emissora já investia em interatividade por meio do aplicativo Quero Ver na TV (QVT), no qual os telespectadores enviavam sugestões de reportagens, além ceder o uso de fotos e vídeos para serem usados no telejornal. O *WhatsApp*, aplicativo de mensagens instantâneas, também era amplamente divulgado a fim de promover a aproximação com os

<sup>159</sup> Repórter Yonny Furukawa apresenta os entrevistados, os ingredientes e depois experimenta a pizza feita com recheio de pequi, dentro do quadro Café do Dia, exibido no BDT de 25 de outubro de 2019.

<sup>160</sup> Edição do BDT do dia 07 de janeiro de 2019.

telespectadores, confirmando a presença da fase do telejornalismo expandido, quando as redes sociais passam a permitir um canal de comunicação direto com o público.

Segundo Shelsea Lima (2021), isso fica evidente quando a proximidade permitiu que o apresentador passasse a mencionar nominalmente o telespectador e inserindo características antes exclusivas a outros meios de comunicação.

O povo participa do jornal por tudo quanto é meio, seja na rede social do próprio apresentador, seja pelo *WhatsApp*. O pessoal tá assistindo ao jornal com o *WhatsApp* ligado. [...] Às vezes muita gente pensa assim: voltamos à era do rádio? Mas é tão gostoso você não só escutar, mas ver o apresentador falando seu nome ali no momento em que você manda sua mensagem. (LIMA, 2021, informação verbal<sup>161</sup>).

Jesana de Jesus (2021) destacou também que o quadro #TôNoBDT, um momento em que são divulgados vídeos e fotos enviados pelos telespectadores, ganhou mais espaço dentro do telejornal. Isso foi sentido pela produção do telejornal, que passou a receber mais mensagens do público. E são mensagens com conteúdos variados, que vão desde homenagem a família a felicitações de aniversário. “A gente passou a comentar mais, a instigar mais as pessoas para mandar, as pessoas ficaram com vontade. A produção me disse: Olha, depois que vocês começaram a se comunicar mais com o telespectador, falar ‘que sorriso bonito!’ ‘Nossa que bacana esse cenário onde você estava’, as pessoas começaram a mandar mais” (DE JESUS, 2021, informação verbal<sup>162</sup>).

Figura 23<sup>163</sup> – Marcelo Pereira e Jesana de Jesus apresentam o Quadro #ToNoBDT



Fonte: Captura de tela/TV Anhanguera, 2019.

<sup>161</sup> Entrevista concedida por Shelsea Lima, em 2021.



<sup>162</sup> Entrevista concedida por Jesana de Jesus, em 2021.



<sup>163</sup> Edição do BDT do dia 03 de maio de 2019.

Ao voltar a falar sobre os destaques do G1 Tocantins, Jesana de Jesus (2021) conta que o quadro passou a ter dois momentos fixos. O primeiro trazendo um único destaque, por volta do fim do primeiro bloco, e o segundo, por volta do terceiro bloco, apresentando outros três destaques do portal. Mas Shelsea Lima (2021) lembra que a participação é maior quando ocorre caso de factual, um fato que está acontecendo naquele momento.

A Jesana começou a entrar mais vezes com notícias mais quentes. Por exemplo, tava tendo uma operação da Polícia Federal, a gente, às vezes, não tava com link pronto, mas a gente já espelhava ali, botava a Jesana pra entrar. [...] o telespectador passou a ter muito mais informação em tempo real, que antes a gente era limitado, não tinha como”. (LIMA, 2021, informação verbal<sup>164</sup>).

Ao lembrar dessa época, Jesana de Jesus (2021) afirma que foi um ano marcante porque possibilitou uma apresentação mais dinâmica e ela também avalia que melhorou na apresentação, principalmente por conta do então editor-chefe. “O Marcelo acabou inserindo uma linguagem muito mais popular [...] criou ali um novo espaço para uma nova linguagem até mais aberta, até mais leve, de muita interação com o pessoal, com o público” (DE JESUS, 2021, informação verbal<sup>165</sup>). Enquanto Jesana falava sobre isso, a entrevista foi interrompida por uma terceira pessoa que passava pelo ambiente da gravação, falando por trinta segundos de assuntos alheios a esta pesquisa. A entrevista é retomada logo em seguida.

Nessa época, o BDT também passou a divulgar fotos e vídeos de animais de estimação enviados pelos telespectadores, dentro do quadro “Acha meu Pet”. “Mandam número de telefone, todo o contato para quem está assistindo poder ajudar. O animal de estimação é membro da família. Mandam quando o animal desaparece, depois mandam fotos quando encontram. Isso já aconteceu, agradecendo a gente pela ajuda” (DE JESUS, 2021, informação verbal<sup>166</sup>).

Com relação às notícias do esporte, estas eram veiculadas duas vezes por semana, sempre às segundas-feiras e às sextas-feiras com um tempo médio de duração de 10 minutos. Assim como em 2009, havia uma apresentadora fixa que também fazia um papel de

---

<sup>164</sup> Entrevista concedida por Shelsea Lima, em 2021.



<sup>165</sup> Entrevista concedida por Jesana de Jesus, em 2021.



<sup>166</sup> Ibid.

comentarista. No início da semana, ela trazia entre duas e três reportagens da cobertura esportiva do final de semana de diversas modalidades. Na sexta-feira, divulgava a tabela e o quadro de jogos previstos para ocorrer. Em algumas edições, um atleta era convidado para fazer uma participação ao vivo dentro do quadro.

Figura 24<sup>167</sup> – Marcelo Pereira e Taianne Moreira apresentam as notícias do esporte no BDT



Fonte: Captura de tela/TV Anhanguera, 2019.

Noira Botelho (2021) destaca que a linguagem visual também sofreu alteração ao ser permitido o uso natural dos cabelos, por exemplo. Sorrindo a coordenadora, que fazia participações no programa rural, recorda que antes a regra da Rede Globo só permitia o uso de cabelos lisos. A partir de 2019 foi permitido o uso de cabelos encaracolados. A editora também lembrou que houve mudanças no vestuário. “Hoje a gente pode fazer uma passagem mostrando o ombro. Hoje a gente pode usar uma blusa colorida. Antes a gente tinha que usar na reportagem blazer, nossa!” (BOTELHO, 2021, informação verbal<sup>168</sup>).

Ao concordar com as afirmações da editora, a repórter Aurora Fernandes acrescenta que hoje é permitido usar uma roupa mais informal, o que para ela representa um ganho. “Difícilmente eu uso um terno. Eu uso porque eu tenho, mas não é uma exigência mais, não é

<sup>167</sup> Edição do BDT do dia 17 de junho de 2019.

<sup>168</sup> Entrevista concedida por Noira Botelho, em 2021.





um padrão mais que a gente tem lá na televisão. O que eu também acho que é um ganho” (FERNANDES, 2021, informação verbal<sup>169</sup>).

Leilane Macedo (2021) destaca outra mudança no BDT, que foram as alterações na previsão do tempo. O quadro foi reajustado e passou a contar com a participação ao vivo dos repórteres. Antes as imagens eram gravadas. Passou-se a dar destaque a imagens enviadas pelos telespectadores. Além de vinheta, o mapa do Tocantins também passou a ser dividido por regiões, apresentando suas temperaturas máxima e mínima. “A equipe entrava por volta das 7h, 7h30, fazia imagem do dia e subia para (gerar as imagens). Essa imagem começou a ser feita ao vivo. [...] a equipe sempre entrava ao vivo pra falar da previsão do tempo aos finais de semana, na sexta-feira” (MACEDO, 2021, informação verbal<sup>170</sup>).

Figura 25<sup>171</sup> – Previsão do tempo ganha novo formato



Fonte: colagem de captura de tela TV Anhanguera (2019)

Ainda sobre a previsão do tempo, Aurora Fernandes (2021) aponta que o repórter passou a ter liberdade para desconstruir conceitos e apresentar uma linguagem mais informal, o que

<sup>169</sup> Entrevista concedida por Aurora Fernandes, em 2021.



<sup>170</sup> Entrevista concedida por Leilane Macedo, em 2021.



<sup>171</sup> Edição do BDT do dia 6 de setembro de 2019.

para ela ajuda na aproximação com o público. “Vamos dar a previsão do tempo e aí a gente brinca: esse fim de semana vai dar pra lavar roupa, não vai dar pra lavar roupa. Nunca! Jamais que naquela época eu pensaria em falar uma coisa dessas ao vivo. Eu acho que é uma evolução muito bacana porque isso aproxima a gente das pessoas” (FERNANDES, 2021, informação verbal<sup>172</sup>).

Apesar da descontração entre apresentadores e repórteres, Marcelo Pereira lembra (2021) que só com as entrevistas em estúdio era possível preencher todo o tempo do jornal, destacando o quadro “Bom Dia Responde” com abordagem de assuntos voltados à saúde, política, economia, legislação e curiosidades. O quadro era dividido em três ou quatro blocos, com média de dez a doze minutos em cada entrada. Segundo o ex-apresentador, por meio do quadro também era possível avaliar o retorno do telespectador em relação ao conteúdo daquela entrevista medindo as mensagens que a produção recebia. “Dependendo do assunto, bombava o *WhatsApp*. Chegavam muitas perguntas e tinha dia que terminava o jornal e ainda tava chegando pergunta. [...] Tinham dias que os assuntos às vezes não agradavam muito o telespectador e você percebia que não chegavam muitas perguntas” (PEREIRA, 2021, informação verbal<sup>173</sup>).

Figura 26<sup>174</sup> – Especialista fala sobre causa e sintomas do calazar no BDT



Fonte: Captura de tela/TV Anhanguera, 2019.

<sup>172</sup> Entrevista concedida por Aurora Fernandes, em 2021.



<sup>173</sup> Entrevista concedida por Marcelo Pereira, em 2021.



<sup>174</sup> Edição do BDT do dia 21 de agosto de 2019.

Quanto ao conteúdo, na avaliação de Ana Paula Rehbein (2021), o BDT perdeu uma das suas principais características ao se distanciar da cobertura política. Os motivos para esse distanciamento, segundo a repórter, foram: a mudança frequente nas chefias do jornal e a gama de novos assuntos, de novos conteúdos que passaram a fazer parte do telejornal.

Com esse dinamismo do jornal a gente acaba não aprofundando mais tanto, não cobrindo a Assembleia Legislativa como a gente cobria antes. Eu considero que isso é muito relevante. [...] se a imprensa, se o jornalista não tá ali dentro da Assembleia Legislativa, muitos fatos passam despercebidos. E antes, isso no Bom Dia Tocantins não passava despercebido. [...] a gente tava ali o tempo inteiro e muitos assuntos que eram considerados assim, escândalos, o Bom Dia antecipou e provocou uma discussão social e os deputados recuaram”. (REHBEIN, 2021, informação verbal<sup>175</sup>).

Marcelo Pereira (2021) assume que a cobertura de assuntos políticos se restringia a mudança de secretários ou alguma medida que poderia mexer na rotina dos servidores. O foco era apresentar um jornal mais leve, mas havia cobrança incisiva quanto a garantia dos direitos do cidadão, principalmente relacionadas à saúde pública.

Para Shelsea Lima (2021), o BDT tem passado por transformações e que, mesmo com a estrutura enxuta, consegue fazer um telejornal no mesmo tempo que as outras praças do país. Marcelo Pereira (2021) vai além ao dizer que o BDT foi uma vitrine ao permitir ao profissional adquirir experiência para conquistar espaço em outras emissoras, incluindo a TV Globo. “O Bom Dia Tocantins foi, literalmente, onde começou, onde me formei apresentador, repórter, editor. Eu aprendi aí, de verdade. Eu saí daí mais maduro” (LIMA, 2021, informação verbal<sup>176</sup>).

Para mostrar essas transformações no conteúdo do Bom Dia Tocantins, foram analisados os espelhos do telejornal nos anos de 2009 e 2019. Essa análise permitiu comprovar a fala dos entrevistados e as alterações quanto aos conteúdos abordados no BDT.

---

<sup>175</sup> Entrevista concedida por Ana Paula Rehbein, em 2021.



<sup>176</sup> Entrevista concedida por Marcelo Pereira, em 2021.



## 6.5 Checando os espelhos de 2009 e 2019

A análise a seguir possui como objetivo cumprir com os elementos da trilha metodológica traçada para esta dissertação. Seguindo a aplicação da Análise de Conteúdo (BADIN, 2011), foi realizada a coleta dos espelhos do Bom Dia Tocantins dos anos de 2009 e 2019, entre janeiro e outubro de cada ano. A escolha dos meses se deu pelo material disponível para consulta, conforme foi descrito na metodologia.

Para a análise dos espelhos selecionados, adotamos o modelo de representação gráfico-teórica (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002) para comparação da narrativa cronológica. Entendemos, assim como propõem os autores, que foi possível ligar os atores, as ações e os efeitos no tempo a fim de representar e fazer comparações. O espelho, conforme Rezende (2000), é o resumo de um telejornal, dividido em blocos, separados por intervalos comerciais. O espelho traz a ordem das reportagens a partir do nome dado aos assuntos abordados, além da chamada de abertura e do encerramento da edição. Ao analisar um espelho, Orlandi (1992) afirma ser necessário ter uma compreensão dos sentidos.

O objetivo desta etapa é complementar a base principal metodológica, que foi a história oral a partir das entrevistas realizadas com os profissionais, dentro dos estudos ligados ao telejornalismo. É importante ressaltar que não será feita análise dos textos e sim das informações contidas nos espelhos. Conforme descrito no capítulo metodológico, os 440 espelhos dos anos de 2009 e 2019 foram convertidos em planilhas de Excel, nas quais foram aplicados filtros com uma ou mais palavras que pudessem identificar o assunto que se pretendia verificar.

A pesquisa se restringiu a descobrir: o tempo utilizado para as entrevistas de estúdio; quantidade de reportagens gravadas; participação ao vivo de repórteres; presença das informações de vagas de trabalho e emprego; previsão do tempo; e quadros existentes em cada um dos anos investigados. A escolha dos tópicos se deu pelo fator comum nos dois anos pesquisados, permitindo que seja feita a comparação. Para embasar a análise, apresenta-se um gráfico (gráfico 1) representativo do processo evolutivo relacionado ao tempo de duração do telejornal.

Gráfico 1 – Tempo de duração do BDT



Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao estrear em maio de 1992, o Bom Dia Tocantins tinha 30 minutos de duração e continuou assim por 17 anos. Em 2009, houve a primeira alteração com relação ao tempo de duração do telejornal, que passou a ter 45 minutos de duração, começando às 06h30. Dez anos mais tarde, em 2019, o BDT passou a ter duas horas de duração, indo ao ar sempre a partir das 6h. Ao comparar os dois anos, é possível constatar que em uma década houve um aumento de 167% no tempo do telejornal.

Para cumprir as 2h no ar, o BDT utiliza vários conteúdos. Um deles é a entrevista de estúdio, que sempre aborda temas em destaque no dia a dia do tocantinense. O gráfico 2 apresenta a evolução das entrevistas de estúdio ao longo dos anos.

Gráfico 2 – Entrevistas em estúdio



Fonte: Elaborado pelo autor.

Apesar da discrepância entre o tempo de duração nos dois anos analisados do telejornal, as entrevistas em estúdio foram imprescindíveis para o preenchimento de tempo do BDT. Essa informação também foi relatada por todos os profissionais entrevistados para esta pesquisa. Em

2009, as entrevistas em estúdio consumiram 18h15m do telejornal. Já em 2019, foram 42h59m dedicadas às entrevistas. Na comparação entre os dois períodos, houve um acréscimo de 134% no tempo dispensando a esse tipo material jornalístico.

Olhando para as reportagens gravadas exibidas no BDT, verifica-se que este conteúdo foi aumentando conforme o tempo do jornal foi crescendo. O gráfico 3 sintetiza essa evolução e mostra que esse conteúdo triplicou em uma década.



Em 2019, o noticioso matinal apresentou 3.635 conteúdos em formato de reportagem gravada. O número representa 177,26% a mais que em 2009, quando foram exibidas 1.311 matérias jornalísticas. Ressalta-se que nesta comparação se levou em consideração apenas a quantidade e não o tempo de cada reportagem.

Outro conteúdo de destaque no BDT, durante os anos analisados, é a participação de repórteres ao vivo no telejornal (gráfico 4). Seja para entrevistas, mostrar pontos das cidades, trazer notícias factuais ou a previsão do tempo, os repórteres entram ao vivo no telejornal e estabelecem um diálogo amistoso com os apresentadores.

Gráfico 4 – Entradas ao vivo de repórteres



Fonte: Elaborado pelo autor.

É nítido o crescimento exponencial das participações de repórteres ao vivo durante do BDT: 980% de aumento ao comparar os dois anos. Em 2009, foram 227 entradas de repórteres em tempo real, quando em 2019 o número saltou para 2.452. Ressalta-se que, conforme relatado neste capítulo, houve investimentos em estrutura de transmissão ao vivo, aumento das equipes de reportagem e no tempo do telejornal. Fatores que justificam o aumento expressivo nas participações ao vivo.

A divulgação de vagas de emprego também sempre teve espaço garantido no BDT em 2009 e 2019. O quadro de divulgação das oportunidades de trabalho foi aumentando (gráfico 5) ao longo do tempo e evoluindo conforme as alterações tecnológicas empregadas no telejornal.

Gráfico 5 – Divulgação de vagas ofertadas pelo Sine



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em 2019 o telejornal divulgou 810 conteúdos, em formato de cartela, com informações inerentes a vagas de emprego. Em 2009 foram apenas 233 divulgações. A diferença entre os dois períodos ultrapassa os 200%, evidenciando a importância deste conteúdo no telejornal. É preciso lembrar que as oportunidades de trabalho iam ao ar antes dos intervalos comerciais, portanto, conforme verificado no estudo, além do tempo de duração, houve aumento na quantidade de blocos do telejornal, passando de quatro para seis blocos.

Assim como as vagas de emprego, a previsão do tempo (gráfico 6) é outro quadro permanente no BDT ao longo da trajetória do telejornal. A disposição dessas informações evoluiu com a tecnologia utilizada na emissora, saltando de cartela com dados para entrada ao vivo de repórteres do interior mostrando as condições climáticas do dia.

Gráfico 6 – Informações sobre o tempo



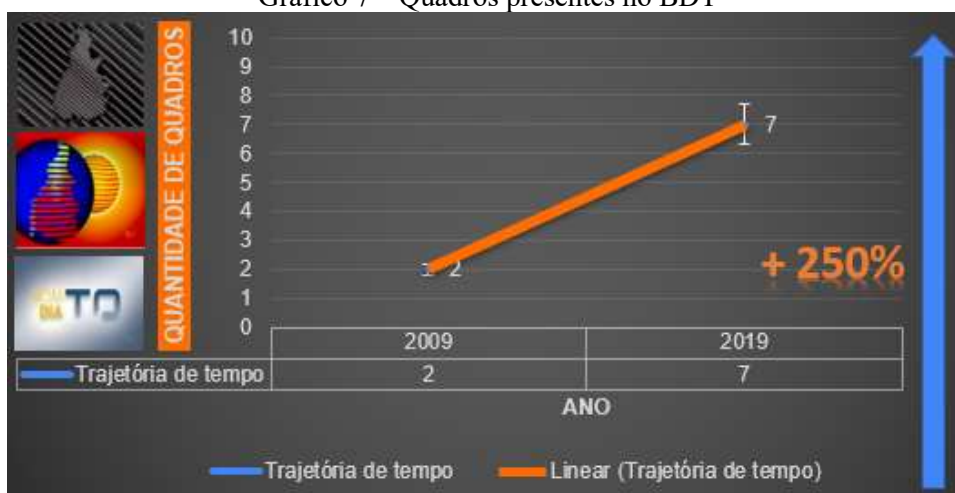
Fonte: Elaborado pelo autor.

A análise das informações sobre a previsão tempo levou em consideração como as notícias da meteorologia se deram: cartela, imagens ao vivo e participação de repórteres ao vivo. A partir da sistematização dos dados, é possível verificar o aumento de 226% ao comparar os dois anos, sendo que em 2019 foram 830 informações da previsão do tempo, enquanto em 2009 foram 254 menções relacionadas à meteorologia.

Por fim, verificou-se o aumento dos quadros fixos apresentados no Bom Dia Tocantins em 2009 e 2019 (gráfico 7). Esses quadros são espaços temáticos que vão ao ar em dias específicos ou diariamente. Tratam de assuntos importantes relacionados ao cotidiano tocantinense e ocupam espaços definidos no telejornal.



Gráfico 7 – Quadros presentes no BDT



Fonte: Elaborado pelo autor.

No período de 10 anos, o telejornal inseriu 5 novos quadros ora veiculados diariamente, semanalmente ou duas vezes por semana. Os novos conteúdos representaram um crescimento de 250%, saltando de 2 quadros em 2009, para 7 em 2019. Esse crescimento também acompanhou o tempo de duração do noticioso, que aumentou ao longo dos anos.

## 6.6 Reflexo dos espelhos

É evidente que a mudança de maior representatividade no telejornal, a partir da comparação dos dois anos, é na intensificação da participação ao vivo dos repórteres da capital e das emissoras de Araguaína e Gurupi. Destaca-se que além do aumento no número de equipes, a partir de 2010 houve investimento em tecnologia de transmissões ao vivo, com a aquisição de uma unidade móvel de jornalismo e posteriormente do *flashlink*, equipamento capaz de enviar imagens em tempo real por meio da internet.

Quanto ao preenchimento do tempo, é identificada a presença marcante da principal característica do matinal ao ser criado, se valer do uso de entrevistas em estúdio como imprescindível para cobrir o espaço na grade da programação. Com relação às reportagens gravadas, a divulgação das vagas de emprego e a previsão do tempo, apesar de se manterem no decorrer do percurso, sofreram influência em seus formatos devido a evolução e incorporação da tecnologia.

Por fim, a inserção de novos quadros corrobora com os depoimentos dos profissionais entrevistados nesta pesquisa. Os quadros contribuíram no desenvolvimento de uma nova imagem para o telejornal, marcada pela informalidade e dinamismo. Houve também a

valorização do telespectador, que passou a desenvolver a figura de pró-consumidor, quando além de consumir, passa também a produzir conteúdo, a partir do envio de fotos e vídeos aproveitados pelo telejornal.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como a chegada da televisão no país, há 70 anos, o telejornalismo nacional tem participado da vida de milhares de telespectadores, que seguem tendo o meio de comunicação como a principal fonte de informação. Embora o acesso à internet tenha atingido 88,7% dos lares brasileiros, o levantamento mais recente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontou que, em 2019, a TV seguia presente em 96,3% dos domicílios particulares.

Para manter a fidelidade do telespectador e buscar os olhos voltados exclusivamente para outros veículos, as emissoras de televisão encontraram na internet um caminho mais ágil, fácil e de baixo custo para interagir com o público. Isso fez com que redações passassem a incorporar na rotina diária o conteúdo produzido também por quem antes só assistia as notícias pela tela da televisão. A câmera do celular passou a espelhar na TV as imagens feitas por mãos de pessoas que deixaram de ser anônimas.

Uma realidade difícil de imaginar ao resgatar o percurso histórico do processo de implantação da televisão no Tocantins, com destaque para o objeto desta pesquisa, o Bom Dia Tocantins. O telejornal estreou na grade da TV Anhanguera, afiliada da TV Globo, no dia 4 de maio de 1992, portanto, 4 anos depois da criação do Estado. Destaca-se a imposição da tecnologia da época para o envio de imagens e sons captados durante a produção das reportagens. As fitas com o material eram transportadas em ônibus e, conseqüentemente, exibidas com dias de atraso.

A chegada do telejornal foi uma resposta à cobrança da comunidade por mais espaços na mídia para assuntos exclusivamente locais, corroborando com a tese de laço social fundamentada por Wolton (2004), ao medir a força que tem a televisão. Processo também que evidencia os preceitos de Williams (2016, ao afirmar que a televisão só existe devido a uma necessidade, que vai mudando no decorrer tempo, confirmando o veículo de comunicação como meio de transformação sociocultural.

Em virtude ao ineditismo ocorrido pela divisão do território de Goiás para criação do Tocantins, e a demora na aplicação de investimento em infraestrutura e tecnologia, por parte da empresa, o Bom Dia ficou por cerca de 15 anos sendo apresentado do estúdio da emissora de Gurupi, cidade do interior, em vez da capital, como nos demais Estados. A transferência aconteceu dois anos antes da homologação do sinal da emissora de Palmas, quando só então foi formada a Rede Anhanguera Tocantins.

O estudo confirmou a hipótese de que o avanço tecnológico e a mudança de linguagem para proporcionar proximidade com o telespectador tiveram influência na maneira como as

notícias passaram a ser apresentadas nos anos de 2009 e 2019. Em relação ao expressivo aumento no tempo de duração do telejornal na grade, saindo de 30 minutos para as atuais 2h30, constatou-se que a medida faz parte de estratégias da cabeça de rede. Por falta de dados de medições de audiência em cada período, não foi possível afirmar veementemente que isso se deu devido à queda de audiência nacional.

Para chegar ao resultado foi necessário realizar leitura de artigos de jornais, periódicos especializados, revisão bibliográfica, análise de espelhos e ainda entrevistas com 18 profissionais, entre jornalistas, comunicólogos da área da televisão e técnicos, que tiveram participação na construção e trajetória do noticioso e nos anos pesquisados. Ao aplicar o método da história oral, foi possível traçar uma narrativa dos fatos que proporcionaram o processo de transformação do Bom Dia Tocantins, a partir do relato de produtores, repórteres, editores, apresentadores, cinegrafistas, editor de imagem e diretor de jornalismo.

Apesar de estar há quase 30 anos no ar, o telejornal carrega latente uma característica marcante da estreia ao escorar nas entrevistas de estúdio o preenchimento de boa parte do tempo. Durante o percurso e com avanço tecnológico, foi lançando mão de novas ferramentas que contribuiram para uma evolução do telejornalístico, como investimentos em equipamento, em qualidade de imagem e sinal e de transmissões ao vivo. Isso proporcionou a participações ao vivo de repórteres em diversos pontos da cidade, a inserção de tablets para os apresentadores utilizarem aplicativos e exibição de imagens com agilidade.

Se faz necessário evidenciar que após transcrever, textualizar e transcriar o texto partindo dos relatos dos entrevistados, verificou-se que em 2019 houve uma desconstrução quase que total do modelo de 2009, com uma mudança abrupta na forma como as notícias passaram a ser apresentadas, com ênfase na linguagem. O telejornal chegou a ser comparado pelo próprio editor-chefe e apresentador a uma aeronave. Expressões nunca usadas, a exemplo de “o galo tá cantando”, se faz presente diariamente. O período de adaptação gerou críticas pelo excesso de informalidade e notícias com focos políticos perderam espaço para assuntos mais leves e populares.

A interatividade se tornou presente e cativa quando os telespectadores atenderam aos pedidos e começaram a enviar fotos e imagens que eram exibidas diariamente no Bom Dia Tocantins. A divulgação do cotidiano do público, incluindo o envio de “beijos e abraços” para o telespectador multitela, que ao assistir o jornal se mantém conectado ao celular e procurando interagir com a produção do BDT.

As entrevistas realizadas para a produção deste trabalho estão à disposição do público na plataforma do YouTube com o nome: Bom Dia Tocantins: a história contada por quem fez.

O canal faz parte de um embrionário projeto de extensão deste pesquisador que busca estudar e divulgar, por meio de recursos audiovisuais, informações sobre os fatos e contextos do telejornalismo regional tocantinense.

Ressalta-se que essa pesquisa não pretende esgotar o assunto, mas se propõe a abrir portas para novos projetos visando a reconstrução histórica da trajetória do telejornalismo no Tocantins.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, M. C. S. de O. A importância da história oral como metodologia de pesquisa. *In: SEMANA DE HISTÓRIA DO PONTAL*, 4.; *ENCONTRO DE ENSINO DE HISTÓRIA*, 3., 2016, Ituiutaba. **Anais [...]**. Ituiutaba: UFU, 2016.
- ARAÚJO, R. C. D. **EMBRATEL: 30 anos de história**. Centro de Memória Social Brasileira/Embratel. Rio de Janeiro. 1995.
- A TV que se enredou com os políticos. **A Pública** [S. l.], 2017?. Disponível em: <https://apublica.org/tvsdaamazonia/colina-do-tocantins-a-tv-que-se-enredou-com-os-politicos>. Acesso em: 16 fev. 2020.
- AZEVEDO, N. R. Memórias de Goiânia: 80 anos de O Popular. *In: SEMANA DE HISTÓRIA*, 17, 2018, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia: IFG, 2018. Disponível em: [https://www.academia.edu/38083153/MEM%C3%93RIAS\\_DE\\_GOI%C3%82NIA\\_80\\_ANO\\_S\\_DE\\_O\\_POPULAR](https://www.academia.edu/38083153/MEM%C3%93RIAS_DE_GOI%C3%82NIA_80_ANO_S_DE_O_POPULAR). Acesso em: 15 jul. 2020.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAZI, R. E. R. Depois da TV digital: o telejornalismo e as rotinas produtivas em uma emissora regional. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIBERJORNALISMO*, 5, 2015, Campo Grande. **Anais [...]**. Campo Grande: Ciberjor, 2015. Disponível em: [http://www.ciberjor.ufms.br/ciberjor6/files/2015/03/6%C2%BACiber-Dps-TV-digital.docx\\_.pdf](http://www.ciberjor.ufms.br/ciberjor6/files/2015/03/6%C2%BACiber-Dps-TV-digital.docx_.pdf). Acesso em: 20 jul. 2020.
- BAZI, R. E. R. **TV Regional: trajetória e perspectivas**. Campinas: Alínea, 2001.
- BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. *In: Bauer, M. W.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 3.ed. Petrópolis (RJ): Vozes. 2002
- BECKER, B. Telejornalismo de qualidade: um conceito em construção. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 10, p. 51-64, dez. 2005.
- BRAVO, R. S. **Técnicas de investigação social: Teoria e exercícios**. 7 ed. Ver. Madrid: Paraninfo, 1991.
- CAJAZEIRA, P. E. A participação no jornalismo em TV: do analógico ao digital. *In: VIZEU, A.; MELLO, E.; PORCELLO, F.; COUTINHO, I. (Org.). Telejornal e praça pública: 65 anos de telejornalismo*. Florianópolis: Insular, 2015.
- CANAVILHAS, J. Nuevos medios, nuevo ecosistema. **El profesional de la información**, Espanha, v. 24, n. 4, julio-agosto, 2015.
- CANAL 2 de Araguaína já chega a 9 cidades. **O Popular**, Goiânia, 14 de dezembro de 1976, p. 6.
- CARNIELLO, M. F. Mercado regional. *In: Enciclopédia Intercom de Comunicação*. São Paulo: Intercom, 2010.

CASTRO, N. A. P. D. **A Televisão e Presidência da República: a soberania em disputa de 1950-1964**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. [S.l.]. 2011.

COELHO, B. de S. A Notícia como forma de conhecimento: Zé, o bairro e as distorções no telejornalismo local. **Panorama**, Goiânia, v. 10, n. 2, p. 20-25, 2020.

CORRÊA, C. H. P. **História oral, teoria e técnica**. Florianópolis: UFSC, 1978.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. *In*: DUARTE, J.; BARROS, A. (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GARCEZ, A.; DUARTE, R.; EISENBERG, Z. Produção e análise de vídeogravações em pesquisas qualitativas. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n.2, p. 249-262, mai./ago. 2011.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GONÇALVES, K. Y. **Televisão Regional**: o discurso de pertencimento da afiliada da Rede Globo “Tv Tem” no projeto “Tem Running Bauru 2019”. 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, Bauru, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/202645>. Acesso em: 20 jan. 2021.

GONZÁLES REY, Fernando Luis. **Pesquisa qualitativa em psicologia caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

GOVERNADOR estreia “Bom Dia”. **Jornal do Tocantins**, Palmas, 5 de maio de 1992.

GRUPO Norte de Comunicação compra sociedade e assume operações do SBT no Tocantins. **Conexão Tocantins**. Palmas, 27 de outubro, 2020. Disponível em: <https://conexaoto.com.br/2020/10/27/grupo-norte-de-comunicacao-compra-sociedade-e-assume-operacoes-do-sbt-no-tocantins>. Acesso em: 07 fev. 2021.

GRUPO Bandeirantes inaugura nesta quarta em Palmas nova emissora: a Band Tocantins. **Conexão Tocantins**. Palmas, 12 de outubro, 2008. Disponível em: <https://conexaoto.com.br/2008/10/22/grupo-bandeirantes-inaugura-nesta-quarta-em-palmas-nova-emissora-a-band-tocantins>. Acesso em: 15 fev. 2020.

GUERRA, J.; FEITOZA, L. Relevância jornalística: conceito, fundamentos e aplicação. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 20, n. 2, p. 401-419, maio/ago. 2020.

HÁBITO de ver conteúdo em vídeo é destaque em todo o Brasil em 2020, **Kantar Ibope Media**. Disponível em: [www.kantaribopemedia.com/habito-de-ver-conteudo-em-video-e-destaque-em-todo-o-brasil-em-2020/](http://www.kantaribopemedia.com/habito-de-ver-conteudo-em-video-e-destaque-em-todo-o-brasil-em-2020/). Acesso em: 3 abr. 2021.

JAMBEIRO, O. **A TV no Brasil do século XX**. Salvador: EDUFBA, 2001.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W. GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

KNEIPP, Valquíria Passos. **Trajatória de formação do telejornalista brasileiro**. Tese (Doutorado em Comunicação) Universidade de São Paulo, USP, Escola de Comunicações e Artes – ECA, São Paulo, 2008.

LEAL, P. M. V. Um olhar histórico na formação e sedimentação da TV no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 7, 2009, Fortaleza/CE. **Anais** [...]. Fortaleza: Alcar, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1>. Acesso em: 20 jan. 2020.

LIDERANÇA consolidada. **Jornal do Tocantins**, Caderno Arte & Vida, Palmas, 15 de março, 2009.

LIMA, F. H. Um método de transcrição e análise de vídeos: a evolução de uma estratégia. In: ENCONTRO MINEIRO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 7, 2015, São João Del Rei, MG. Disponível em: <https://ptdocz.com/doc/1187682/um-m%C3%A9todo-de-transcri%C3%A7%C3%B5es-e-an%C3%A1lise-de-v%C3%ADdeos--a>. Acesso em: 20 jan. 2020.

LIMA, M. E. de O. **Mídia Regional: Indústria, mercado e cultura**. Natal, RN: EDUFRN, 2010.

MACHADO, A. **Televisão levada a sério**. 4ª ed. São Paulo: Senac, 2005.

MAIA, A. S. C. O Telejornalismo no Brasil na Atualidade: Em Busca do Telespectador. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 16, 2011, São Paulo. **Anais** [...] São Paulo: Intercom, 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/R24-0839-1.pdf> Acesso em: 15 jul. 2020.

MARTINEZ, M. Reflexões sobre Jornalismo e História Oral: um campo com mais convergências do que dissonâncias. **Revista Observatório**, Palmas, v. 2, n. 1, p. 75-91, maio, 2016.

MARIANO, A. F. de C. A memória é a matéria essencial das entrevistas: Entrevista com José Carlos Sebe Bom Meihy. **Lumina**, Juiz de Fora, v. 14, n. 3, p. 213–226, 2020.

MAPA de mídia. **Globo**, 2021, Disponível em: <https://negocios8.redeglobo.com.br/Paginas/Estados.aspx?uf=TO>. Acesso em 15 abr. 2021.

MÉDIO Norte verá a Copa pelo Canal 2. **O Popular**, Goiânia, 29 janeiro, 1978, p. 4.

MEIHY, J. C. S. B. **Memória? Isto é outra história**. História e Memória. 4. ed. São Caetano do Sul: Senac, 2013.

MEIHY, J. C. S. B. História oral testemunhal, memória oral e memória escrita e outros assuntos: entrevista. **Revista História Agora**, n. 9, 2010.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2005.



MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral**: como fazer, como pensar. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. 4ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MELLO, E. Telejornalismo e história: permanências e rupturas no fazer jornalístico. *In*: VIZEU, A. *et al.* (Org.) **Telejornalismo em questão**. Florianópolis: Insular, 2014.

MENESES, Verônica Dantas. **Cenário da programação de TV regional aberta no Brasil: desafios e perspectivas**. 2010. 362 f., il. Tese (Doutorado em Comunicação)-Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio**: no movimento de sentidos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

PATERNOSTRO, V. Í. **O texto na TV**: manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Elsevier, 1999.

PERUZZO, C. M. K. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. **Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, n. 43, p. 67-84, 1o. sem. 2005.

PROGRAMAÇÃO de TV. **Folha de São Paulo Ilustrada**, São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1601200905.htm#globo>. Acesso em: 02 maio 2021.

QUEIROZ, M. I. P. Relatos Oraís: do indizível ao dizível. *In*: VON SIMON, O. M. (Org.). **Experimentos com História de Vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice, 1988.

QUINTA destaca pioneirismo. **O Popular**, Goiânia, 10 novembro, 1978, p. 4.

REIS, Lys Apolinário; ROCHA, Liana Vidigal. **Televisão e Mídias Sociais: a circulação de conteúdo da emissoras do Tocantins**. *In*: 17º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo, 2018, Palmas. Anais do 17º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo, 2018.

REIS, Lys Apolinário; SILVA, Edna de Mello . **Televisão e história: uma proposta de linha do tempo da trajetória da mídia televisiva no Estado do Tocantins**. *In*: XI Encontro Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia, 2017, São Paulo. Anais do XI Encontro Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia, 2017.

REZENDE, G. J. **Telejornalismo no Brasil**: Um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

REZENDE, G. **Perfil Editorial do Telejornalismo Brasileiro**. São Bernardo do Campo: UMESP, 1997.

RIBEIRO, A. P. G. A história oral nos estudos de jornalismo: algumas considerações teórico-metodológicas. **Revista Contracampo**, Niterói, v. 32, n. 2, abril-julho, 2015.

ROCHA, L. V.; SOARES, S. R.; ARAÚJO, V. T. Abrangências locais no jornalismo online do Tocantins. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 15, n. 29, p. 171-185, 2014.

ROUCHOU, J. Entrevista na história oral e no jornalismo. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22, 2003, João Pessoa. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: ANPUH, 2003. Disponível em:

<http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.22/ANPUH.S22.359.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2020.

SAIBA mais sobre o programa Balanço Geral SP. **Record TV**, São Paulo, 1º julho, 2020. Disponível em: <https://recordtv.r7.com/balanco-geral/saiba-mais-sobre-o-programa-balanco-geral-sp-11042021>. Acesso em: 22 nov. 2020.

SALES JÚNIOR, F. das C. A televisão aberta no Rio Grande do Norte: uma análise do perfil editorial da produção local. 2020. 164f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/28727>. Acesso em: 15 jan. 2021.

SANTOS, J. S. dos. **A Sedução da Imagem**: a televisão no limiar do Tocantins. Palmas: EDUFT, 2015.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 2002.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único a consciência universal. Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. Record, 2001.

SERVIDORES Públicos fazem protestos pela permanência da RedeSat. **Jornal do Tocantins**, Palmas, 3 janeiro, 2019. Disponível em:

<https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/noticias/servidores-p%C3%BAblicos-fazem-protesto-pela-perman%C3%Aancia-da-redesat-1.1697916>. Acesso em: 15 fev. 2020.

SILVA, E. de M. Fases do telejornalismo: uma proposta metodológica. *In*: EMERIM, C.; COUTINHO, I.; FINGER, C. (Org.). **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2018.

SILVA, E. de M. As imagens do Telejornal Imagens do Dia: a influência do cinejornalismo e do rádio na primeira fase do telejornalismo brasileiro. *In*: Encontro Nacional de História da Mídia, 8, 2011, Guarapuava. **Anais [...]**. Porto Alegre: Alcar, 2011. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1>. Acesso em: 15 jul. 2020.

SILVA, V. P.; BARROS, D. D. Método história oral de vida. **Rev. Ter. Ocup.** Universidade de São Paulo, v. 21, n. 1, p. 68-73, jan./abr. 2010.

SILVA, C. E. L. da. **Muito Além do Jardim Botânico**. São Paulo: Summus, 1985.

TÉCNICO Wanderley Luxemburdo investindo na comunicação segue movimentando o cenário jornalístico tocantinense. **Record TV**, São Paulo, 22 de novembro, 2019. Disponível em: <https://recordtv.r7.com/recordtv-emissoras/norte/tv-jovem/tecnico-wanderley->

luxemburgo-investindo-na-comunicacao-segue-movimentando-o-cenario-jornalistico-tocantinense-22102019. Acesso em: 22 nov. 2020.

TEMER, A. C. R. P.; SANTOS, M. dos. O Brasil nas telas: uma análise da cobertura jornalística em dois suportes. **Questões Transversais: revista de epistemologias da comunicação**, v. 7, n. 13, p. 31-42, jan./jun. 2019.

TEMER, A. C. R. P. A importância histórica da televisão e do telejornalismo na padronização cultural no interior do Brasil. **Comunicação e Mercado**, v. I, n. Especial, p. 8-23, 2012.

TEMER, A. C. R. P. Desconstruindo o telejornal: um método para ver além da melange informativa. *In*: VIZEU, A; MELLO, E; PORCELLO, F; COUTINHO, I. **Telejornalismo em questão**. v. 3, Florianópolis: Insular, 2014.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TV BRASILEIRA: a cronologia dos primeiros anos. **Agência Brasil**, Brasília, 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-09/tv-brasileira-programacao-primeira-decada>. Acesso em: 5 jul. 2021

TVS de Araguaína e Gurupi têm contrato. **O Popular**, Goiânia, 20 de outubro, 1982, p. 9.

TV Pública do Tocantins não terá mais programação local; Rádio continua funcionando. **G1 Tocantins**, Palmas, 2 janeiro, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2019/01/02/tv-publica-do-tocantins-nao-tera-mais-programacao-local-radio-continua-funcionando.ghtml>. Acesso em: 15 fev. 2020.

TV Cultura afilia-se com a TV Educativa de Tocantins. **TV Cultura**. São Paulo, 22 de fevereiro, 2019. Disponível em: [https://tvcultura.com.br/acontece/808\\_tv-cultura-afilia-se-com-a-tv-educativa-de-tocantins.html](https://tvcultura.com.br/acontece/808_tv-cultura-afilia-se-com-a-tv-educativa-de-tocantins.html). Acesso em: 15 fev. 2020.

TV Girassol, retransmissora da Band, encerra produção local em Gurupi. **Atitude Tocantins**. [S. l.], 26 de maio 2015. Disponível em: <http://www.atitudeto.com.br/depois-de-palmas-band-encerra-producao-local-em-gurupi/>. Acesso em: 15 fev. 2020.

TV JOVEM Palmas: o jornalismo comunitário com qualidade. **Record TV**, São Paulo, 22 de novembro, 2019. Disponível em: <https://recordtv.r7.com/recordtv-emissoras/norte/tv-jovem/tv-jovem-palmas-o-jornalismo-comunitario-com-qualidade-21072020>. Acesso em: 07 fev. 2021.

VIZEU, A. O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 16, n. 40, p. 77-83, 2009.

VIZEU, A. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. *In*: VIZEU, A (Org.). **A sociedade do telejornalismo**. São Paulo: Vozes, 2008.

VIZEU, A. **Decidindo o que é notícia**. Porto Alegre: Editora da PUC/RS, 2003.

WILLIAMS, R. **Televisão: tecnologia e forma cultura**. 1 ed. São Paulo: Boitempo; Belo Horizonte, MG: PUC Minas, 2016.

WOLFF, M. **Televisão é a nova televisão**: o triunfo da velha mídia na era digital. São Paulo: Ed. Globo, 2015

WOLTON, D. **Elogio do grande público**: uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Ática, 2006.

WOLTON, Dominique. **Pensar a comunicação**. Brasília: Editora UnB, 2004.

## APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
 PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E  
 SOCIEDADE



Av. NS 15. Quadra 109 Norte. Plano Diretor Norte. Sala 15, Bloco II | 77001-090 | Palmas / TO  
 (63) 3232-8116 | www.uft.edu.br | ppgcom@uft.edu.br

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar do estudo **Telejornalismo regional: o percurso histórico do telejornal Bom Dia Tocantins** e que tem como objetivo compreender as mudanças de linguagem, técnica e produção do Bom Dia Tocantins, a partir da sua implantação e em períodos dois períodos distintos: 2009 e 2019. Acreditamos que esta pesquisa é importante ao inserir vozes de personagens que participaram da implantação do jornalismo televisivo no Tocantins, mas que não constam nos registros oficiais da história, por isso sua participação é relevante e necessária.

#### PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO

A sua participação consistirá em uma entrevista audiovisual, via *Skype* ou *Google Meet*, com duração prevista para 1h30min, que será gravada e ficará disponível ao público em uma plataforma de compartilhamento de vídeos, como forma de divulgar informações sobre os fatos e contextos da trajetória do Bom Dia Tocantins, durante o período em que esteve diretamente ligado ao telejornal. As entrevistas serão feitas de forma individual. O objetivo é compreender como era a rotina de trabalho na época em que você atuava no telejornal, bem como as linguagens empregadas, os recursos técnicos utilizados e como era produzido o telejornal.

#### RISCOS E BENEFÍCIOS

Se o Sr./a Sra. que aceitar participar contribuirá para um melhor entendimento da trajetória do telejornalismo no Tocantins, em especial do Bom Dia Tocantins. O pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos entregando aos participantes e a empresa uma cópia digital do trabalho final.

A participação nesta pesquisa pode acarretar possíveis desconfortos emocionais, tais como: constrangimento, exposição, inibição, medo, vergonha, receio de revelar informações, retaliação, sentimento de invasão de privacidade ou recordações negativas. Para amenizar tais riscos, esclarecemos ao Sr./a Sra. todas as informações sobre a pesquisa, bem como dos assuntos que serão abordados. A entrevista seguirá um roteiro previamente estabelecido, assim como será conduzida em forma de bate papo para amenizar os possíveis desconfortos. Também sugerimos ao Sr./a Sra. que providencie um local reservado e tranquilo para o momento da entrevista. Ressalta-se que o Sr./a Sra. tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para o Sr./a Sra. Caso venha a sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, o Sr./a Sra. terá direito a indenização financeira arcada pelo pesquisador responsável. O Sr./a Sra. não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como não receberá qualquer vantagem financeira por sua participação.

#### SIGILO E PRIVACIDADE

A participação do Sr./da Sra. é voluntária e, ao assinar o termo, o Sr./a Sra. concorda que será **identificado(a) nesta pesquisa com o nome ao qual adotou no período em que esteve trabalhando no Bom Dia Tocantins, dentro do recorte do estudo.** Ressalta-se que o

participante tem a garantia de plena liberdade decidir sobre sua participação, podendo retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo algum.

### **AUTONOMIA**

É assegurado ao participante da pesquisa o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, bem como a garantia de recusar a participar do estudo a qualquer momento, sem precisar justificar. Caso o participante da pesquisa desejar sair do estudo, não sofrerá qualquer prejuízo.

### **CONTATO**

O pesquisador responsável pelo referido projeto é ADRIANO NOGUEIRA DA FONSECA, aluno regulamente matriculado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins, que fica localizado no Câmpus de Palmas, Avenida NS 15, Quadra 109 Norte | Plano Diretor Norte | Sala 15, Bloco II, Palmas/TO | 77001-090. Com o pesquisador, poderá contatos pelo telefone (63) 99201-4663 ou pelo e-mail [adriano.tv@gmail.com](mailto:adriano.tv@gmail.com).

O Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) é composto por um grupo de pessoas que estão trabalhando para garantir que seus direitos como participante de pesquisa sejam respeitados. Ele tem a obrigação de avaliar se a pesquisa foi planejada e se está sendo executada de forma ética. Se você achar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como você imaginou ou que está sendo prejudicado de alguma forma, você pode entrar em contato sempre que achar necessário. O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFT) fica localizado na Avenida. NS 15, ALCNO, 14, Prédio da Prefeitura Universitária, 109 Norte, Palmas/TO/BRASIL, CEP.77001-090, telefone (63) 3232-8023/4023, e-mail: [cep\\_uft@uft.edu.br](mailto:cep_uft@uft.edu.br). O atendimento ao público é realizado as segundas e terças-feiras, das 14h às 17h, às quartas e quintas-feiras, das 9h às 12h. Às sextas-feiras não há atendimento ao público.

Assino o presente documento em duas vias de igual teor e forma, ficando uma em minha posse.

### **DECLARAÇÃO**

Eu fui informado verbalmente e por escrito sobre essa pesquisa e esclarecido minhas dúvidas com relação a minha participação foram satisfatoriamente respondidas. Tive tempo suficiente para decidir sobre minha participação e concordo voluntariamente em participar desta pesquisa e autorizo a gravação em áudio e vídeo. Sei que poderei retirar o meu consentimento a qualquer hora, antes ou durante a mesma, sem penalidades, prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

<b>Dados do participante da pesquisa</b>	
Nome:	
Telefone:	
e-mail:	

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.

\_\_\_\_\_  
Participante da Pesquisa

\_\_\_\_\_  
Pesquisador Responsável

## APÊNDICE B – Roteiro de entrevista

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
PRÓ-REITORIA DE **PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM **COMUNICAÇÃO E**  
**SOCIEDADE**












Av. NS 15. Quadra 109 Norte. Plano Diretor Norte. Sala 15, Bloco II | 77001-090 | Palmas / TO  
(63) 3232-8116 | www.uft.edu.br | ppgcom@uft.edu.br










### ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1 - Nome completo: \_\_\_\_\_
- 2 - Nome profissional usado no Bom Dia Tocantins: \_\_\_\_\_
- 3 - Idade na época que trabalhou no Bom Dia Tocantins: \_\_\_\_\_
- 4 - Formação na época que trabalhou no Bom Dia Tocantins: \_\_\_\_\_
- 5 – Qual o período você trabalhou na TV Anhanguera? \_\_\_\_\_
- 6 – O que você fazia na emissora?  
\_\_\_\_\_
- 7 – Como era a produção do Bom Dia Tocantins no período que você trabalhou?  
\_\_\_\_\_
- 8 – Qual o tempo de duração do telejornal?  
\_\_\_\_\_
- 9 – Quais eram as dificuldades da época?  
\_\_\_\_\_
- 10 – Qual era o aporte tecnológico?  
\_\_\_\_\_
- 11 – Qual era a preocupação com o conteúdo?  
\_\_\_\_\_
- 12 – Comente sua rotina de trabalho na época.  
\_\_\_\_\_
- 13 – Como era a equipe de trabalho?  
\_\_\_\_\_
- 14 – Como era a hierarquia de trabalho?  
\_\_\_\_\_
- 15 – Qual foi o mais que marcou naquela época?  
\_\_\_\_\_

## APÊNDICE C – Entrevistas realizadas

	<b>NOME</b>	<b>TRANSCRIÇÕES ENTREVISTAS</b>
<b>01</b>	Carlos Gomes	
<b>02</b>	Davi Gouveia	
<b>03</b>	Luiz Fernando Rocha Lima	
<b>04</b>	Maria Eloisa Almeida	
<b>05</b>	Sidiney Madalena	
<b>06</b>	Wagner Feitosa	
	<b>NOME</b>	
<b>07</b>	Cléo Oliveira	
<b>08</b>	Graziela Guardiola	
<b>09</b>	Jocyelma Santana	
<b>10</b>	Noira Botelho	



		
11	Marcel De Paula	
12	Vanusa Bastos	
<b>NOME</b>		
13	Ana Paula Rehbein	
14	Aurora Fernandes	
15	Leilane Macedo	
16	Jesana de Jesus	
17	Marcelo Pereira	
18	Shelsea Lima	

**ANEXO A** – Termo de Consentimento da emissora TV Anhanguera



**TV ANHANGUERA**

**TERMO DE CONSENTIMENTO**


A **TELEVISÃO ANHANGUERA** tem conhecimento e concedeu autorização para o seu colaborador, o jornalista **ADRIANO NOGUEIRA DA FONSECA** a desenvolver sua pesquisa sobre o **TELEJORNAL "BOM DIA TOCANTINS"**, o que inclui a trajetória histórica da emissora em Goiás, e conseqüentemente após a separação dos Estados, no Tocantins, dentro das diretrizes e propostas do curso de mestrado em **COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE** do **PPGCOM – Programa de Pós-Graduação em Comunicação** da Universidade Federal do Tocantins do Campus de Palmas, sob orientação da Prof.(a) Dra **EDNA DE MELLO SILVA**. A emissora concede – se necessário – o uso de documentos, o que inclui imagens e vídeos **EXCLUSIVAMENTE** para esta pesquisa, não sendo permitida – em hipótese alguma, a utilização para qualquer outra finalidade.

A **TELEVISÃO ANHANGUERA** apoia o aprimoramento técnico-científico e incentiva seus funcionários a buscarem se qualificar constantemente dentro da área de atuação. Após a conclusão do curso, a emissora solicita a apresentação dos resultados da pesquisa e uma cópia do trabalho que será encaminhada à direção do Grupo Jaime Câmara.

Palmas, 15 de março de 2019.

RIMENES PRADO ROCHA  
Gerente de Jornalismo  
TV Anhanguera

## ANEXO B – Parecer de Aprovação do Conselho de Ética em Pesquisa com Humanos

<p><b>FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS</b></p> 
<b>PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP</b>
<b>DADOS DO PROJETO DE PESQUISA</b>
<b>Título da Pesquisa:</b> TELEJORNALISMO REGIONAL: O PERCURSO HISTÓRICO DO TELEJORNAL BOM DIA TOCANTINS
<b>Pesquisador:</b> ADRIANO NOGUEIRA DA FONSECA
<b>Área Temática:</b>
<b>Versão:</b> 2
<b>CAAE:</b> 48558821.1.0000.5519
<b>Instituição Proponente:</b> Fundação Universidade Federal do Tocantins
<b>Patrocinador Principal:</b> Financiamento Próprio
<b>DADOS DO PARECER</b>
<b>Número do Parecer:</b> 4.864.760
<b>Apresentação do Projeto:</b>
A Ditadura Militar foi um período importante na história da televisão porque os líderes do Regime ofereciam incentivos fiscais para quem quisesse investir nos Estados da Amazônia. De acordo com Santos (2015), foi assim que foi dado início ao projeto de expansão da Organização Jaime Câmara, comandada pelo jornalista e empresário Jaime Câmara que na década de 1970 implantou as emissoras da TV Anhanguera em Araguaína e Gurupi, afiliadas da Rede Globo de Televisão, em uma região então esquecida do antigo norte goiano. Essas emissoras ajudaram a retransmitir o sinal da capital Goiânia, sede da emissora, que acompanhou todo o enredo do marco que resultou na divisão de Goiás, e a criação do Tocantins (SANTOS, 2015).
Na apresentação do projeto, tem-se uma descrição da proposta do estudo.
<b>Objetivo da Pesquisa:</b>
<b>Objetivo Geral</b>
O objetivo geral deste trabalho é compreender as mudanças de linguagem, técnica e produção do Bom Dia Tocantins, a partir da sua implantação e em períodos dois períodos distintos: 2009 e 2019.
<b>Avaliação dos Riscos e Benefícios:</b>
A avaliação dos Riscos, foi realizada adequadamente: no PB - Informações básicas do projeto,

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

PALMAS, 23 de Julho de 2021

Assinado por:  
**PEDRO YSMAEL CORNEJO MUJICA**  
(Coordenador(a))